

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS JATAÍ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM EDUCAÇÃO PARA CIÊNCIAS E MATEMÁTICA

THÁBIO DE ALMEIDA SILVA

A DISCIPLINA DE LIBRAS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

JATAÍ
2017

THÁBIO DE ALMEIDA SILVA

A DISCIPLINA DE LIBRAS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação para Ciências e Matemática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Câmpus Jataí, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação para Ciências e Matemática.

Área de concentração: Ensino de Ciências e Matemática.

Linha de pesquisa: Organização escolar, formação docente e Educação para Ciências e Matemática.

Sublinha de pesquisa: Linguagem, cultura e sociedade.

Orientador: Dr. Rodrigo França Carvalho

JATAÍ

2017

Autorizo, para fins de estudo e de pesquisa, a reprodução e a divulgação total ou parcial desta dissertação, em meio convencional ou eletrônico, desde que a fonte seja citada.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação na (CIP)

SIL/dis	Silva, Thábio de Almeida. A disciplina de Libras na formação de professores [manuscrito] / Thábio de Almeida Silva. -- 2017. 185 f.; il. Orientador: Prof. Dr. Rodrigo França Carvalho. Dissertação (Mestrado) – IFG – Câmpus Jataí, Programa de Pós-Graduação em Educação para Ciências e Matemática, 2017. Bibliografias. Apêndices.
---------	--

1. Inclusão. 2. Surdo. 3. Formação Docente. 4. Disciplina de Libras. I. Carvalho, Rodrigo França. II. IFG, Campus Jataí. III. Título.

CDD 371.912

THÁBIO DE ALMEIDA SILVA

A DISCIPLINA DE LIBRAS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

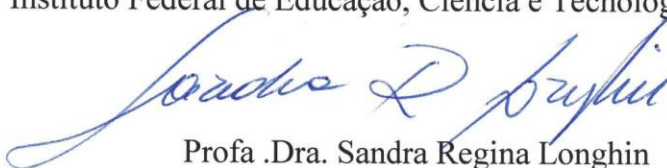
Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação para Ciências e Matemática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Câmpus Jataí, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação para Ciências e Matemática.

Esta dissertação foi defendida e aprovada, em 02 de dezembro de 2017, pela banca examinadora constituída pelos seguintes membros:

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Rodrigo França Carvalho
Presidente da banca / Orientador
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás



Profa. Dra. Sandra Regina Longhin
Membro interno
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás



Profa. Dra. Leonor Paniago Rocha
Membro externo
Universidade Federal de Goiás



A Deus, minha esposa, minha filha, minha avó e aos meus pais, por serem meu alicerce, minha base, que me proporciona um desenvolvimento educacional e social. Com vocês, essa conquista se torna ainda mais importante.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por me abençoar e proteger durante toda minha vida, por seu imenso amor, por ter me dado força, ânimo e ter cuidado de mim durante todo o tempo de estudos para o mestrado. Por me inspirar no que deveria escrever, pois, por diversas vezes, sabia o sinal em Libras do que estava querendo escrever, mas a palavra em português não vinha à minha mente. Por todos os momentos maravilhosos que tive na presença dos queridos colegas de turma, aliás, melhor turma de todas, por mais essa vitória, por esse momento de alegria e de grande conquista, que é concluir mais esta etapa em minha vida.

Ao professor Rodrigo França Carvalho, que me orientou, sei que muitos alunos devem dizer que seus orientadores foram ou são o melhor orientador, mas, felizmente, tenho que discordar de todos, eu sim tive o melhor orientador que Deus poderia me oferecer. Lembro-me de várias conversas que tivemos, quando não conseguia dizer o que estava pensando, não conseguia me expressar de forma clara, e o Rodrigo, com toda calma, me direcionava com pistas até que eu conseguisse expor minhas ideias. Penso até que ele já sabia o que eu iria falar muito antes de conversar comigo.

Agradeço aos integrantes da mesa que se dispuseram a ler e contribuir com esse trabalho. À professora Leonor Paniago Rocha, que colaborou e participou desde a defesa do produto, cujas palavras foram fundamentais para que eu conseguisse entender o significado deste trabalho em minha vida. À professora Sandra Regina Longhin, pois tive o prazer de ser seu aluno na disciplina de educação inclusiva, que contribuiu para os questionamentos acerca da atual inclusão, colaborando, assim, para a construção desta pesquisa. Ao professor e amigo Vanderlei Balbino da Costa, ao qual tenho que agradecer pelo empenho no desenvolvimento do meu produto, dispondo a divulgar o curso aos acadêmicos de pedagogia, além de contribuir na configuração desse produto.

Agradeço, também, à minha amada esposa, Kamilla Fonseca Lemes, que me instigou a dúvida sobre o papel da disciplina de Libras, pois, sem a dúvida não há pesquisa. Assim, além de me motivar para pesquisa, também foi ela que me incentivou a participar do processo seletivo de mestrado, no qual estou inserido e concluindo neste momento. Agradeço, ainda, as diversas vezes que abdicou de outras atividades cuidando exclusivamente da nossa filha para que eu pudesse estudar. Agradeço, ainda, as correções ortográficas e conexão de ideias, durante a produção de todo o texto dissertativo.

À minha linda princesa, Rebekah Acsa Fonseca Garcia, que me impulsiona a concluir esse estudo, pois o quanto antes terminar, mais tempo terei para me dedicar a ela. Agradeço

também as vezes que tentou me ajudar a estudar. Lembro-me de algumas falas durante meus estudos, em especial quando disse a ela que eu precisava muito escrever (digitar no Word) e não tinha como brincar, então ela foi até o quarto, pegou um bloco de anotações, uma caneta e me trouxe e disse: *tá aqui papai, só escrever.... eu também vou escrever juntinho de você.*

À minha mãe e ao meu pai, Dilecia Garcia de Almeida e Edvaldo Antônio Silva, se não fosse por vocês esta pesquisa não teria sentido. Atualmente, percebo que vocês sempre foram minhas inspirações para trilhar esse caminho no qual estou inserido. Foram nossas conversas diárias que me mostraram o quão foi e é difícil para vocês estudarem.

Especialmente, à minha mãe, ainda sou grato imensamente, pois não poderia deixar de agradecer as inúmeras horas que se ajoelhou e orou para que Deus me abençoasse no decorrer do curso de mestrado.

Agradeço à minha avó, Dilce Garcia de Almeida, por não ter poupado esforços durante o decorrer da minha vida, por me proporcionar condições de seguir minha caminhada acadêmica, por ter me apoiado em minhas decisões, me mostrado qual era o caminho certo a ser seguido, enfim, agradeço de verdade por ter sido mais que uma avó e muito mais que uma mãe. Tudo que eu sou hoje é fruto de sua dedicação e esforço e agradeço por tudo isso. Dedico a você todas as minhas vitórias, acadêmicas e profissionais, com a mais profunda gratidão e respeito. Amo você!

À minha irmã, Thayla de Almeida Silva, pelas diversas vezes que deixou de fazer algo para procurar uma explicação para determinados termos e palavras que eu não conseguia expressar. Agradeço, também, por poder interpretar a minha defesa, pois, como disse a professora Dra. Leonor Paniago Rocha, falar de Surdos sem Surdos não teria sentido.

Ao meu amigo José Gabriel Antunes, que organizou em texto, o que seria o início do projeto de pesquisa apresentado no processo seletivo de mestrado. Agradeço, também, por se dispor a interpretar a minha defesa.

À amiga Érica Ferreira Melo, que além de se dispor a revisar toda esta pesquisa, também contribuiu com direcionamentos em todas as etapas deste trabalho. Como já havia dito a ela, foi mais uma bênção que Deus colocou no percurso dessa caminhada.

Se a opressão é um abuso do poder, a repressão, em contrapartida, nada mais é do que um de seus efeitos.

(Regina Souza e Silvio Gallo)

Como se sabe, a língua além de ser o principal veículo de comunicação, é também o mais importante meio de identificação do indivíduo com sua cultura e o suporte do conhecimento da realidade que nos circunda. O problema das minorias linguísticas é, pois, muitas vezes, não apenas a privação da língua materna, mas sobretudo a privação de sua identidade cultural.

(Lucinda Brito)

RESUMO

Esta pesquisa está ancorada nos anseios em contribuir para a inclusão dos Surdos e nos esclarecimentos sobre as dúvidas que surgiram a partir da atuação docente frente à disciplina de Libras no curso de Licenciatura em Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Câmpus Jataí. O objetivo deste estudo foi compreender o papel da disciplina de Libras na formação de professores e analisar como ela tem contribuído para a prática dos licenciandos da Universidade Federal de Goiás – Regional Jataí, a fim de que os alunos Surdos sejam incluídos. Para isso, apoiado nos pressupostos da pesquisa qualitativa, utilizou-se como metodologia o estudo de caso; os instrumentos para coleta de dados se constituíram nas observações das aulas de Libras nos cursos de licenciatura da UFG, na análise das ementas e matrizes curriculares destes cursos, bem como nos planos de ensino dos professores da disciplina de Libras, além da aplicação e análise de questionários. A análise dos dados levantados permitiu concluir que a disciplina de Libras na formação de professores é encarada como momento para ensinar a língua, com foco somente, no aprendizado de léxicos e práticas de conversação por meio de diálogos, de modo que os licenciandos são privados de conhecimentos acerca de abordagens metodológicas que possibilitem conhecer o Surdo e suas especificidades educativas. Assim, em concordância com as regras do Programa de mestrado, ao qual esta pesquisa está vinculada, desenvolveu-se, como produto educacional, um curso para complementar o processo de formação que faltava a esses licenciandos, sem desconsiderar que essa formação é sempre contínua. Portanto, desenvolveu-se uma mídia educacional, um *site*, no qual as aulas e os materiais utilizados nesse curso estão disponibilizados, com intenção de alcançar o maior número de pessoas possível, com o objetivo de contribuir para a aceitação das diferenças educacionais dos Surdos. Por fim, concluiu-se que, apesar de não haver receita que acabe com as dificuldades educativas enfrentadas pelas pessoas Surdas, a compreensão do papel da disciplina de Libras na formação de professores e a contribuição quanto aos conteúdos necessários para formar um professor apto para atuar frente a uma turma que tenha alunos Surdos, coopera para minimizar as barreiras educacionais contidas na inclusão desses sujeitos.

Palavras-chave: Inclusão. Surdo. Formação Docente. Disciplina de Libras.

ABSTRACT

This research is anchored in the desire to contribute to the inclusion of the Deaf and in the clarifications on the doubts that arose from the teaching according to the LIBRAS (Brazilian Sign Language) discipline in the course of Degree in Physics of the Federal Institute of Education, Science and Technology of Goiás - Jataí Campus. The aim of this study was to understand the role of the LIBRAS (Brazilian Sign Language) discipline in teacher training and analyze how it has contributed to the practice of graduates of the Federal University of Goiás - Jataí, so that the students Deaf are included. For this purpose, based on the assumptions of qualitative research, we used as methodology the case study, the instruments for data collection were constituted in the observation of the LIBRAS (Brazilian Sign Language) classes in the undergraduate courses of UFG, in the analysis of the syllabi and curricular matrices of these courses, as well as in the of the teachers of the LIBRAS (Brazilian Sign Language) discipline, besides the application and analysis of questionnaires. The analysis of the data collected allowed us to conclude that the LIBRAS (Brazilian Sign Language) discipline in the formation of teachers is seen as a time to teach the language, focusing only on the lexical learning and conversation practices through dialogues, so that graduates are deprived of knowledge about methodological approaches that make it possible to know the Deaf and their educational specificities. Thus, in agreement with the rules of the Master's Program, to which this research is linked, as an educational product, a course to complement the training that was missing for these graduates, without forgetting that this training is always to be continued. Thus, we developed media an educational site, in which the classes and materials used in this course are made available, with the intention of reaching as many people as possible, with the purpose of contributing to the acceptance of the educational differences of the Deaf. Lastly, we conclude that although there is no revenue that will end the educational difficulties faced by the Deaf people, an understanding of the role of the LIBRAS (Brazilian Sign Language) to the teacher training and contribution to content needed to train teachers. A teacher who is able to act in front of a class that has Deaf students, cooperates to minimize the educational barriers contained in the inclusion of these subjects.

KEYWORDS: Inclusion. Deaf. Teacher training. LIBRAS (Brazilian Sign Language)

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Quadro das ementas	67
Figura 2 – Quadro de questões apresentadas aos licenciandos	72
Figura 3 – Quadro de questões apresentadas aos professores	77
Figura 4 – Quadro de questões apresentadas aos cursistas	82
Figura 5 – Quadro de questões apresentadas aos cursistas	84
Figura 6 – Material de divulgação do curso	180
Figura 7 – Imagens do curso	181
Figura 8 – Página inicial do <i>site</i>	182
Figura 9 – Página Proposta	183
Figura 10 – Página Aulas	184
Figura 11 – Página Materiais	185

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AASI	Aparelho de Amplificação Sonora Individual
ASG	Associação dos Surdos de Goiânia
CEADA	Centro de Atendimento Especializado para Alunos com Deficiência Auditiva
CEAL/LP	Centro de Audição e Linguagem Ludovico Pavoni
CEB	Câmara de Educação Básica
CNE	Conselho Nacional de Educação
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CODA	Children of Deaf Adults
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica
EAD	Educação a Distância
FENEIDA	Federação Nacional de Educação e Integração dos Deficientes Auditivos
FENEIS	Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos
GPESSE	Pesquisa de Educação dos Surdos de Sergipe
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFG	Instituto Federal de Goiás
IFSC	Instituto Federal de Santa Catarina
IISM	Imperial Instituto dos Surdos-Mudos
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
LDB	Lei de Diretrizes Base da Educação
Libras	Língua Brasileira de Sinais
MEC	Ministério de Educação e Cultura
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PPC	Projeto Pedagógico de Curso
PUC	Pontifícia Universidade Católica
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFT	Universidade Federal do Tocantins
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
UNIFESP	Universidade Federal de São Paulo

SUMÁRIO

MEMORIAL.....	12
INTRODUÇÃO	15
1 DOS ASPECTOS HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO DE SURDOS ATÉ A CONFIGURAÇÃO DA LEI DA LIBRAS	22
1.1 Aspectos históricos da educação: um breve histórico do panorama mundial	22
1.2 Aspectos históricos da educação dos Surdos no Brasil	32
1.2.1 <i>Os documentos oficiais</i>	37
2 UM DEBATE SOBRE A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA DE SINAIS E DA DISCIPLINA DE LIBRAS NOS CURSOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES.....	48
2.1 As especificidades das línguas de Sinais	48
2.2 A LIBRAS como disciplina obrigatória nos cursos de licenciatura.....	52
3 LIBRAS NA FORMAÇÃO DE PROFESSOR E SUAS CONTRIBUIÇÕES	60
3.1 Aulas de Libras na UFG/Regional Jataí.....	62
3.2 Análise dos PPC, Matrizes Curriculares, Ementas e Plano de Ensino.....	64
3.3 Análise dos questionários dos alunos de licenciatura.....	72
3.4 Análise dos questionários dos professores.....	76
3.5 Produto educacional e resultados: o curso de orientações pedagógicas.....	80
3.5.1 <i>Análise dos questionários pré e pós produto</i>	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	90
REFERÊNCIAS	93
APÊNDICES	101

MEMORIAL

A motivação para esta pesquisa, de certa forma, foi construída durante toda minha vida, pois sou CODA¹ (*Children of Deaf Adults*) e cresci vendo relatos dos meus pais e amigos Surdos² do quanto desejavam terem concluído algum curso superior. Todavia, não realizaram seu desejo, pois não tiveram nem a oportunidade de concluir o Ensino Médio. Eles relatavam a falta de preparo da escola e dos seus professores em lidar com a surdez. Os professores ministravam suas aulas sempre de costas para os alunos e, na maioria das vezes, ditavam para que eles copiassem. É importante ressaltar que nessa época, há trinta, quarenta anos atrás, não havia o acompanhamento do intérprete de Libras³ em sala de aula, muito menos os professores sabiam se comunicar com os alunos Surdos.

A minha mãe, Dilecia Garcia de Almeida, a mais velha de cinco irmãos, sempre dizia que todas as brincadeiras que fazia com seus irmãos, todos estes ouvintes, eram sempre voltadas para a escola. Isso acontecia pelo fato de que minha avó materna, Dilce Garcia de Almeida, era educadora, bem como os meus tios também eram educadores, portanto, o tema escola e o contato com o material escolar sempre foram marcantes na vida da minha mãe. Mesmo com todos os obstáculos, inerentes à condição de ser Surda, minha mãe concluiu a segunda fase do Ensino Fundamental.

Apesar de serem mais evidentes em minha mãe o desejo e a frustração quanto aos estudos, meu pai, Edvaldo Antônio Silva, também, por diversas vezes, relatou a angústia e a vontade de ter tido a oportunidade em avançar nos seus estudos. Meu pai, somente iniciou a terceira série do ensino fundamental e não a concluiu, pois, como iniciou os estudos tardiamente, relata que sofreu com o *bullying*⁴, devido à sua altura, na adolescência, estudando em uma sala de crianças. Isso, somado ao fato de ser Surdo, o fez desistir de estudar.

¹ CODA (*Children of Deaf Adults*) significa filho ouvinte de pais Surdos. Para Masutti; Quadros (2007), por estar em contato com a língua de sinais e a língua oral portuguesa, desde a tenra idade, os CODAs crescem em um ambiente bilíngue e, devido ao contato com diferentes elementos linguísticos, culturais e políticos, sentem, como os surdos, o impacto da superioridade de uma determinada língua em detrimento da outra.

² A palavra Surdo(a) é utilizada neste estudo com “S” maiúsculo por concordar com Maria Moura (1997), que utiliza a terminologia “Surdos” para elucidar a condição do sujeito e não da deficiência. De acordo com o Decreto nº 5.626, Surdo é aquele que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, que manifesta a sua cultura, principalmente, pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras (BRASIL, 2005).

³ O intérprete de Libras tem o papel de realizar a interpretação da língua falada para língua sinalizada e vice-versa. Precisa ter domínio das línguas envolvidas, além de qualificação específica para atuar como tal (QUADROS, 2004).

⁴ Por definição, *bullying* compreende todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudante contra outro(s), causando dor e angústia, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder (LOPES NETO, 2005).

Entretanto, ao comparar o momento escolar dos meus pais, com os dias atuais, das primeiras décadas do século XXI, compreendemos que, na teoria, embasada pela legislação, houve muitas mudanças. Por exemplo, em 24 de abril de 2002, depois de muita luta do Povo Surdo⁵, o então presidente Fernando Henrique Cardoso sancionou a Lei 10.436, que reconhece a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como meio legal de comunicação e expressão das comunidades surdas, com um sistema linguístico próprio e estrutura gramatical visual motora (BRASIL, 2002). Posteriormente, em 22 de dezembro de 2005, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, ao buscar à regulamentação da Lei 10.436 e do Art. 18 da Lei 10.098, de 19 de dezembro de 2000⁶, legalizou o Decreto nº 5.626/2005.

Desse modo, além do reconhecimento da Libras como língua majoritária de um Povo Surdo, o referido Decreto prevê também as seguintes ações: a inclusão da Libras como disciplina obrigatória nos cursos de formação de professores e optativa nos demais cursos; a formação desses professores de Libras; o acesso das pessoas Surdas à educação; a formação do tradutor/intérprete de Libras; além da garantia do direito à educação e à saúde das pessoas Surdas.

Foi nesse ano de 2005 que comecei a trabalhar como intérprete de Libras na principal instituição de educação de Surdos de Goiânia, o Centro Especial Elysio Campos, situado na Associação dos Surdos de Goiânia (ASG). Nesse mesmo ano, minha mãe retomou seus estudos na mesma instituição, com a finalidade de concluir o Ensino Médio. Porém, apesar de toda estrutura que a instituição oferecia para a inclusão educacional dos Surdos, com intérpretes fluentes em Libras, minha mãe continuava a reclamar da postura dos professores em relação ao aprendizado dos Surdos. Para ela, devido à falta de conhecimento da língua de sinais e de uma metodologia mais visual, os conteúdos eram passados de forma mais superficial e resumidos.

Nesse momento, comecei a perceber o quanto, em nível de conhecimento, o aluno ouvinte⁷ se sobressai em relação ao aluno Surdo, pois toda estrutura escolar foi organizada para atender aos alunos ouvintes. Por essa via, percebi também o quanto os alunos Surdos são prejudicados e ignorados, nas escolas que se nomeiam como inclusivas, e que estão presentes em várias regiões do Brasil, como apontam estudos que serão mencionados em nossa dissertação.

⁵ Para Karin Strobel (2008), o Povo Surdo é o grupo de sujeitos Surdos que tem costumes, história, tradições em comuns e pertencentes às mesmas peculiaridades, ou seja, constrói sua concepção de mundo por meio da visão.

⁶ O Art. 18 da Lei 10.098 implica a obrigação do Poder Público em ofertar a formação de profissionais intérpretes de Libras e guias-intérpretes, para facilitar a comunicação com os Surdos (BRASIL, 2000).

⁷ Ouvinte é o termo utilizado para se referir às pessoas não Surdas.

Nos anos seguintes, especificamente, em setembro de 2013, assumi, como professor de Libras no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Câmpus Jataí (IFG), aulas nos cursos técnicos de nível médio, bem como nos cursos de ensino superior – Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Engenharia Civil, Engenharia Elétrica e Licenciatura em Física.

Porém, ao iniciar os meus trabalhos com a disciplina de Libras no IFG, no curso de licenciatura, com uma aula com carga horária semestral de vinte e sete horas, fui questionado pela minha esposa, Kamilla Fonseca Lemes, que também atua na área de Libras, quanto ao objetivo e ao método de minha disciplina. Naquele período, com oito anos de experiência como professor em cursos dedicados ao ensino de idiomas, em específico ao ensino da Libras, pensei em trazer essa metodologia de ensino de Libras como segunda língua para ouvintes⁸, e aplicar na sala de aula aos licenciandos em Física. O questionamento de minha esposa me fez repensar e refletir se não seria o momento de tornar os licenciados à par da subjetividade dos educandos Surdos, possibilitando-lhes saber como eles aprendem e, também, instigando-os a pensar em perspectivas de ensino-aprendizagem mais adequadas à realidade dos Surdos, como aulas com recursos visuais.

Esses questionamentos me levaram a rever todo o meu planejamento metodológico frente à disciplina de Libras no curso de Licenciatura do IFG. Entendi que, além de ensinar sinais, pensando na comunicação com Surdos, esses futuros professores, precisavam entender o sujeito Surdo, para pensar em aulas que contemplassem as necessidades desses sujeitos, pois se trata de um processo contínuo, que exige flexibilidade constante.

Entretanto, ao indagar colegas de profissão, professores de Libras, sobre o desenvolvimento de suas aulas, eles relataram que, na maioria das vezes, seguem a apostila de algum curso de Libras e ministram a sua aula, ensinando somente léxicos. Quando indagava sobre os conteúdos ministrados, me diziam ser muito simples, bastava pegar uma apostila de algum curso de Libras e segui-la. Incomodado com a situação, comecei a pesquisar e constatee, na literatura especializada, que o modelo de reprodução da aula de cursos em Libras está equivocado e que possui várias falhas, no entanto, nem mesmo esta, oferece sugestões de conteúdo a serem abordados, o que daria suporte aos professores de Libras nas instituições de Ensino Superior, frente a um curso de formação de professores.

⁸ Metodologia de ensino de Libras como segunda língua para ouvintes consiste no ensino de vocabulário somado à prática de conversação.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa teve como ponto de partida a obrigatoriedade da disciplina de Libras na formação de professores, prevista no Decreto nº 5.626/2005. As constatações dos Surdos, com os quais convivi, em torno de aulas que não respeitam a sua diferença linguística, os questionamentos que fiz e que me fizeram em relação ao desenvolvimento das aulas de Libras, dentre outras questões, colaboraram para compor o anseio de compreender como a disciplina de Libras pode contribuir para a prática dos futuros licenciados, para que os alunos Surdos inseridos em uma escola inclusiva não sejam prejudicados pela falta de conhecimento e de preparo de seus professores⁹.

O problema norteador desta dissertação foi analisar como a disciplina de Libras, contribui para a prática dos futuros professores de forma a propiciarem a construção do conhecimento de alunos Surdos.

Para compreendermos esse problema, foi preciso analisar o ensino de Libras nos cursos de Licenciatura a partir dos objetivos a serem alcançados com essa disciplina. Dessa forma, investigamos os conteúdos, as avaliações e as metodologias adotadas visando compreender a contribuição da mesma na formação de professores.

Mediante os referidos questionamentos, o objetivo da pesquisa foi compreender o papel da disciplina de Libras e analisar como a contribuição dela para a prática dos licenciandos da Universidade Federal de Goiás (UFG), Regional Jataí, para que seus alunos Surdos sejam incluídos. De forma específica, buscamos: refletir sobre a disciplina de Libras nos cursos de Licenciatura da UFG/Regional Jataí, com base em sua ementa, plano de ensino e potencial formativo; identificar e propor práticas pedagógicas inovadoras e adequadas ao trabalho com Surdo; coletar, por meio de questionário semiestruturado, a representação da percepção dos professores quanto ao objetivo da disciplina de Libras; propor uma oficina de formação continuada, juntamente com acadêmicos de licenciatura, para apoio do professor da disciplina, visando à inclusão dos alunos Surdos, como produto educacional.

Desse modo, apoiados nos estudos de Rocha (2014), a educação inclusiva¹⁰, no Brasil, surge como política pública apenas a partir de 2003 com o programa, lançado pelo MEC,

⁹ Reconhecemos, pois, perante a demonstração dos dados, que esses professores são vítimas da falta de políticas educacionais. Portanto, não devemos culpá-los, porém, também não devemos eximi-los da responsabilidade de procurar meios para contribuir com a adequação de suas aulas.

¹⁰ Para Rocha (2014), o termo *Educação Inclusiva* surgiu na Conferência Mundial de Educação Especial, na qual foi instituída como compromisso mundial. Ainda para a autora, “a educação inclusiva sugere a colocação de todos os alunos nas classes comuns, no entanto, admite a possibilidade de serviços de suportes, ou mesmo ambientes

Educação *Inclusiva: direito à diversidade*, cujo objetivo era tornar toda escola inclusiva. Em relação ao aluno Surdo, essa modalidade dita inclusiva que é praticada nas escolas regulares, prejudica o desenvolvimento dos alunos Surdos, pois, devido ao fato de as aulas serem pautadas em uma cultura oral-auditiva, eles não conseguem alcançar resultados minimamente satisfatórios (RAMIREZ; MASUTTI, 2009). Rebouças (2009), ressalta que a proposta de educação inclusiva é louvável, porém, muitos Surdos são excluídos linguisticamente, pois são inseridos sem o apoio de intérpretes, recursos visuais pedagógicos e tecnológicos necessários para desenvolvimento acadêmico.

Com base em nossas experiências na docência e interpretação dos alunos Surdos, justificamos a necessidade de que os professores levem em consideração a forma de ver e de interagir com o mundo específicas das comunidades surdas, por meio da utilização de recursos visuais, o que traz à baila o importante debate sobre a formação acadêmica dos profissionais da educação. Sabemos que os problemas enfrentados pelos Surdos na educação não podem ser resolvidos somente pelos professores, porém, eles têm papel fundamental nesse processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, vale lembrar que ainda carecemos de políticas¹¹ de formação docente voltadas à capacitação mais qualificada dos profissionais desta área.

Compreendemos que, na perspectiva da diversidade humana, no ambiente escolar, as especificidades e singularidades dos indivíduos são elementos que influenciam diretamente o processo de ensino-aprendizagem. Nesse contexto, temos que repensar não apenas o que tem sido ensinado, mas o modo como o conteúdo tem sido ensinado aos educandos Surdos, que possuem maneiras diferentes de aprender e de perceber o mundo à sua volta. Fazer aulas sem considerar a modalidade de percepção espaço-visual da pessoa Surda acaba levando o aluno a uma frustração quanto à prática escolar.

Desse modo, as pesquisas nos mostram que, nas primeiras décadas do século XXI, os docentes não contemplam em suas metodologias a modalidade de percepção espaço-visual, adequado para a pessoa Surda (ANTUNES, 2012). Eles deveriam utilizar, conforme orienta Antunes (2012), recursos diferenciados para a exposição de conteúdo, possibilitando aos Surdos uma aprendizagem que observe as especificidades históricas, culturais, políticas e linguísticas – tais como a utilização de projetor multimídia, materiais pedagógicos e objetos que possam transmitir concretude, como mapas, tabelas, símbolos, desenhos e imagens. Essas ferramentas

diferenciados para a realização dos trabalhos tais como classes de recursos, classes especiais e escolas especiais, dentre outros” (ROCHA, 2014, p. 57).

¹¹ Neste trabalho, o termo Políticas é tratado como conjunto de Leis e ações que visam garantir a efetivação do direito de cidadania.

proporcionam ao educando Surdo maior aprendizado, pois permitem visualização e manipulação. Sendo que a utilização desses recursos também contribui para o aprendizado dos demais alunos, não somente para os Surdos.

Assim, de acordo com Oliveira (2012), a inclusão da disciplina de Libras nos cursos de formação de professores tem como objetivo possibilitar uma inclusão de Surdos em salas de aula do ensino regular. Ainda para os autores, isso requer uma formação adequada para o trabalho pedagógico, focado no planejamento e organização da aula. Entretanto, observamos que a disciplina, de forma muito equivocada, tem sido encarada como instrumento para tornar o licenciando proficiente em Libras.

Ressaltamos que a disciplina de Libras nos cursos de Licenciatura não pode ser vista especificamente como meio para se adquirir vocabulário, mas para desenvolver conhecimentos sobre a prática pedagógica adequada para promoção do educando Surdo. É importante salientar que a disciplina é alocada nas matrizes curriculares dos cursos, sendo contemplada em muitas situações em apenas um semestre, algo extremamente incipiente para o aprendizado de uma língua.

Diante desse contexto do desenvolvimento equivocado da disciplina de Libras, torna-se possível afirmarmos que as políticas públicas de formação acadêmica constituem um grande desafio e que não têm sido abrangentes nesse setor, pois, como afirma Melo e Oliveira (2012), o poder público esquece que existe uma série de ações necessárias para viabilizar condições para que as políticas cumpram suas funções de melhorias da educação nacional. Investir nos profissionais da educação se torna algo fundamental para melhorar o ensino de Surdos no Brasil.

Nesse sentido, as instituições de ensino precisam rever o modo que essa disciplina tem sido ofertada nos cursos de graduação, bem como a prática voltada para fluência ao qual tem sido adotada nos cursos de formação docente, pois, segundo Mendes, Figueiredo e Ribeiro (2015), o processo de inclusão requer práticas que deem condições qualitativas de relações no espaço escolar, na medida em que o domínio e o uso da língua de sinais pelos professores não são suficientes para assegurar uma inclusão bem sucedida, é necessário oferecer aos futuros professores novos conhecimentos que os auxiliem no desafio de ensinar em uma escola engajada para o atendimento à diversidade humana. Com isso, torna-se imprescindível que os licenciandos recebam em sua formação tal preparo pedagógico.

Assim, a presente pesquisa buscou sua justificativa e validade na importância de compreender como a disciplina de Libras pode contribuir para a prática dos futuros licenciados, para que, posteriormente, ao se depararem com aluno Surdo em sala de aula, tenham condições

de implementar técnicas mais adequadas para o ensino e atendimento destes educandos Surdos e, portanto, estabelecer uma criação e uma consolidação de um ambiente favorável ao desenvolvimento cognitivo e social destes sujeitos.

A partir do objetivo geral, esta pesquisa foi dividida em Levantamento de dados, observação, aplicação do produto e dissertação, com a reflexão teórica e a análise dos resultados. Todas as etapas foram pautadas em uma abordagem qualitativa, que, conforme Chizzotti (2003), implica um compartilhamento entre o pesquisador e os elementos que compõem o objeto de pesquisa, tais como os sujeitos, locais e acontecimentos, com a finalidade de compreender até mesmo os aspectos mais profundos da pesquisa.

Assim, para analisar um ambiente natural de sala de aula, isto é, o cotidiano das aulas de Libras, a abordagem qualitativa se justifica, pois salientamos que ela nos auxilia na compreensão minuciosa dos significados, ações que acontecem no desenvolvimento das referidas aulas.

Com o intuito de viabilizar a pesquisa, a presente dissertação apoiou-se nos referenciais teóricos e bibliográficos de documentos oficiais que sustentam a obrigatoriedade da disciplina de Libras nos cursos de formação de professores, a Lei 10.436 e o Decreto nº 5.626/2005. Salientamos, como bibliografia primária, os estudos de Josiane Facundo de Almeida (2012), e de Célia Regina Vitaliano (2010), professoras da Universidade Estadual de Londrina (UEL). A professora Vitaliano aprofunda seus estudos acerca da formação de professores para o ensino de Libras. Em 2002, ela concluiu sua tese de doutorado¹² com estudos acerca da formação de professores para atuarem com *alunos especiais*. Porém, utilizaremos como aporte teórico primário o seu trabalho de 2010, intitulado *Língua Brasileira de Sinais nos currículos de Pedagogia das Universidades Públicas dos Estados do Paraná e de São Paulo: caracterização da disciplina*. Utilizaremos, também, a dissertação de mestrado da professora Almeida (2012), intitulada *Libras na formação de professores: percepção dos alunos e da professora*. Esse trabalho foi orientado pela professora Vitaliano.

Também nos ancoramos nos estudos de Ramirez e Masutti (2009); Quadros e Campelo (2010); Bueno (1999); Fonseca (1995), dentre outros que aprofundam nos conhecimentos acerca da formação de professores, educação especial e educação de surdos na perspectiva bilíngue. Dentre elas, destacamos o trabalho de Bueno (1999), com o título *Crianças com*

¹² Intitulado *Concepções de professores universitários da área de educação e do ensino regular sobre a integração de alunos especiais e a formação de professores*. Pesquisa apresentada para título de conclusão de Doutorado em Educação da Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho, Marília –SP.

necessidades educativas especiais, política educacional e a formação de professores: generalistas ou especialistas?

A modalidade de pesquisa escolhida foi o estudo de caso, pelo fato de que tal modalidade considera, de acordo com Augusto Nivaldo Silva Triviños (1987), o objeto de pesquisa como uma unidade que precisa ser analisada profundamente. Dessa forma, o estudo de caso pode nos permitir entender a realidade do desenvolvimento da disciplina de Libras em sua totalidade e complexidade.

Quanto à coleta de dados, esta contou com a análise das ementas, matrizes curriculares e planos de aula, com a aplicação de questionários aos licenciandos e professores e a observação das aulas de Libras além de uma entrevista em Libras com um docente Surdo. Nesse sentido, realizamos a análise dos ementários e matrizes curriculares dos cursos de licenciatura em Física, Química, Ciências Biológicas, Educação Física, Geografia, História, Letras e Pedagogia da UFG – Regional Jataí e análise dos planos de aula da Disciplina de Libras alocada nestes cursos. Especificamente buscamos quais os conteúdos são ministrados e se há conteúdos que contemplem conhecimentos acerca da subjetividade dos Surdos.

Em relação aos questionários, estes foram semiestruturados, com perguntas objetivas e abertas. Buscamos questionar aos acadêmicos de Licenciatura em geral se, com os conhecimentos adquiridos na disciplina de Libras, sentiam-se preparados para atuarem em sala de aula na qual se encontre um aluno Surdo. Também buscamos sugestões de temas que deveriam ser abordados ou que deveriam ser mais aprofundados na disciplina de Libras. Além disso, observamos as aulas de Libras de quatro professores, sendo três ouvintes e um Surdo.

Ainda no início de nossa coleta de dados, identificamos que, apesar da obrigatoriedade da disciplina de Libras nos cursos de licenciatura, amparada pela legislação, esta nem sempre acontece, pois, como salientam Vitaliano, Dall’Acqua e Brocado (2010), o Decreto nº 5.626/2005 trata da obrigatoriedade em oferecer a disciplina de Libras nos cursos de licenciatura, porém não deixa claro quais os conteúdos devam ser ministrados, se teóricos, com aprofundamento em técnicas de educação de Surdos ou práticos, com ensino da língua.

Dessa forma, devido ao fato de as aulas de Libras dos cursos de Licenciatura da UFG não acontecerem em uma turma específica, necessitávamos de um momento exclusivo com alunos da área de formação de professores. Assim, oferecemos aos acadêmicos de Licenciatura, um curso de capacitação pedagógica, intitulado *Orientações pedagógicas de uma nova abordagem do processo ensino-aprendizagem para Surdos*, que contou com quatorze alunos de quatro cursos de licenciatura. Esse curso de capacitação consiste na aplicação de nosso produto educacional referente ao objeto de estudo de nossa pesquisa.

Para além dos questionários aplicados aos licenciandos em geral da UFG/Regional Jataí, aplicamos também um questionário pré e pós curso de capacitação, isto é, do nosso produto. O curso não visou ao aprendizado de Libras, e sim os aspectos referentes e pertinentes à surdez e ao Surdo, com os seguintes temas: conhecendo o sujeito Surdo; história de educação de Surdos; Legislação; intérprete de Libras; relação professor-intérprete-aluno Surdo; metodologia para educação de Surdos; adequação de materiais e encerrando com a elaboração de aula direcionada aos alunos Surdos. Os licenciandos puderam sentir como é elaborar e ministrar uma aula capaz de contemplar os alunos Surdos. Todas as aulas foram gravadas e disponibilizadas por meio de um *site* desenvolvido na plataforma WIX¹³. Além das aulas elaboradas pelo pesquisador, também estão disponíveis sugestões de material adequado e as aulas práticas que foram elaboradas pelos cursistas, além de *links* para outros *sites* que disponibilizam atividades adequadas para Surdos. Esse *site* é um desdobramento de nosso produto, também se caracterizando como tal.

Logo, por se tratar de um Programa de Mestrado Profissional, deve-se ao final da pesquisa desenvolver um processo ou produto educativo e utilizá-lo em condições reais de sala de aula ou de espaços formais ou não formais de ensino. Consequentemente, a oferta de um curso de capacitação pedagógica, bem como a divulgação dos resultados em uma página de *internet* configuram em um produto educacional. Apesar de a oferta do curso de capacitação pedagógica ser restrita a apenas quatorze pessoas, pois as vagas eram limitadas, as informações e os resultados desenvolvidos durante as aulas estão disponíveis como uma mídia educacional, que poderá ser utilizada por licenciandos, licenciados e docentes de Libras. Dessa forma, buscamos contribuir para a prática dos professores que têm alunos Surdos em sala de aula, orientando-os para a relevância dos conteúdos que devem ser abordados na disciplina de Libras na formação docente.

Desse modo, orientados pelo objetivo de compreender o papel da disciplina de Libras e analisar como a contribuição dela para a prática dos licenciandos da UFG, organizamos a presente dissertação em três capítulos, além do memorial¹⁴, da introdução, das considerações finais e dos apêndices. No primeiro capítulo, realizamos um estudo bibliográfico crítico dos documentos oficiais que sustentam a inclusão escolar de Surdos e a obrigatoriedade da

¹³ Wix é uma plataforma online de criação e edição de *sites*, que permite ao usuário criar *sites* em HTML5 e *sites Mobile*.

¹⁴ A inserção do memorial em nossa dissertação é um desdobramento dos levantamentos e sugestões apontados pela banca de qualificação, que defendeu que quando a história de vida do sujeito-pesquisador o capacitou com uma leitura específica da realidade, esta deve se compor no trabalho de pesquisa visto que amplia os limites da compreensão sobre o tema.

disciplina de Libras nos cursos de formação docente. Realizamos também uma análise histórica de ações importantes para a educação de Surdos no mundo ocidental, desde a Antiguidade até a atualidade, refletindo sobre o processo histórico do ensino-aprendizagem para Surdos em nosso país.

No segundo capítulo, apresentamos um debate teórico, cujas principais premissas conceituais fundamentam este estudo. Utilizamos como aporte teórico principal, os estudos de Almeida (2012) e de Vitaliano (2002). Assim, debatemos sobre o processo de inclusão da disciplina de Libras nos cursos de formação de professores.

O terceiro capítulo consiste no debate e na análise dos resultados deste trabalho. Nele, apresentamos todos os dados coletados em nossas observações em salas, na análise das ementas e das matrizes curriculares, planos da disciplina de Libras e questionários. Refletimos sobre a condição imposta à disciplina de Libras na formação de professores da UFG, de ser tratada como instrumento pedagógico para tornar o licenciando fluente em língua de sinais. Com a intenção de apontar para outro caminho mais enriquecedor do processo ensino-aprendizagem do Surdo.

Posteriormente, temos as Considerações Finais, nas quais apresentamos uma análise do que nos levou a esta pesquisa e, partindo do que foi discutido no terceiro capítulo, concluímos que o objetivo de compreender o papel da disciplina de Libras e analisar sua contribuição para a prática dos licenciandos da UFG/Regional Jataí, foi alcançado, pois em vinte horas de curso foi possível oferecer um momento de reflexão e aprendizado sobre práticas pedagógicas para educação de Surdos, bem como de compreender, como os professores devem propiciar a construção do conhecimento aos alunos Surdos. Concluímos também que deve ser considerado a educação de Surdos pautada em uma metodologia visual e que certos conteúdos são fundamentais para Disciplina de Libras, tais como: conhecendo os Surdos; contexto histórico da educação dos Surdos; aspectos linguísticos e culturais; Legislação; intérprete de Libras; processo de ensino e aprendizagem; relação professor-intérprete-aluno Surdo; metodologia para educação de Surdos; adequações de materiais pedagógicos; além de aulas práticas para Surdos.

1 DOS ASPECTOS HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO DE SURDOS ATÉ A CONFIGURAÇÃO DA LEI DA LIBRAS

Neste primeiro capítulo, apresentamos um estudo crítico abordando as implicações presentes nos documentos oficiais que dão suporte à educação de Surdos no Brasil. Para tanto, foi realizada uma análise histórica de algumas ações importantes para o atual cenário da educação de Surdos.

Assim, destacamos as lutas desse Povo Surdo que contribuíram para a criação e a aprovação dos documentos oficiais. Esta análise se faz necessária para compreendermos as implicações dos documentos oficiais em relação ao sujeito Surdo, o qual, por possuir uma língua de instrução diferente da língua majoritária do país e diferenças no processo comunicativo, carece que o professor repense sua prática de ensino-aprendizagem e utilize uma metodologia que contemple essa diferença linguística.

Devido a qualidade do trabalho sobre os aspectos históricos da educação de Surdos feito pela professora da disciplina de Fundamentos da Educação de Surdos da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Karin Strobel (2009) e considerando a importância dessa discussão presente nesta pesquisa, este primeiro capítulo será sustentado no trabalho dessa autora.

1.1 Aspectos históricos da educação: um breve histórico do panorama mundial

Karin Strobel professora de Fundamentos da Educação de Surdos da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), descreve que, na historiografia predominante, a história dos Surdos teve início a partir do reconhecimento pelo trabalho de professores ouvintes com os Surdos; pela evolução da medicina em busca da *cura* da surdez e pelos métodos utilizados pelos professores ouvintes na educação de Surdos. Portanto que a história dos Surdos foi e é produzida pelo outro¹⁵, ou seja, pelos ouvintes (STROBEL, 2009).

Desse modo, na historiografia predominante, várias representações ouvintistas¹⁶ criaram versões da história dos Surdos. Isso ocorre, principalmente, por meio de uma imposição da cultura dominante ou de narrativas que descrevem os Surdos como seres deficientes. Tais

¹⁵ Strobel (2008), no livro *A imagem do outro sobre a Cultura Surda*, faz uma reflexão sobre quem escreve sobre Surdos e se eles (o outro - ouvintes) realmente sabem sobre essa cultura.

¹⁶ Skliar (2005) denomina de ouvintismo um conjunto de representações dos ouvintes, sob o qual os Surdos se veem obrigados a narrar e tratar de si mesmos como se fossem ouvintes.

narrativas exerceram influência na criação da imagem da sociedade sobre os Surdos e também sobre a maneira como eles mesmos se enxergam, uma vez que “cada sujeito Surdo torna-se participante obrigatório em uma competição que vai determinar se vai ser estereotipado ou não” (STROBEL, 2007, p. 20).

Para Strobel (2007), o fato de uma pessoa não falar ou não ouvir poderá ser visto como uma incapacidade ou incompetência, todavia essa constatação acontece devido à falta de conhecimento acerca da subjetividade e língua dos Surdos – as pessoas acabam depositando neles a culpa pela falta de comunicação. Na maioria das vezes, a sociedade não reconhece a cultura dessa minoria¹⁷ linguística, e a surdez é vista como déficit, como anormalidade, uma vez que o normal e aceito pela sociedade é ouvir e falar. Para o professor de psicologia e presidente da *American Psychological Association* Robert Sternberg e para a professora de desenvolvimento de deficiências Elena Grigorenko, “rotular alguém como possuidor de uma aptidão ou de dificuldade de aprendizagem é o resultado de uma inserção entre o indivíduo e a sociedade em que ele vive” (STERNBERG; GRIGORENKO, 2003, p.16 apud STROBEL, 2007, p. 21).

Por essa via, toda a história vivida pelos Surdos, foi marcada pela inferioridade, ou seja, sempre marcada pela opressão da cultura ouvinte sobre a Cultura Surda¹⁸. Assim, afirmamos que, durante muito tempo, os Surdos foram estigmatizados pela sociedade e classificados como *loucos*, *doentes* e até mesmo como pessoas castigadas pelos deuses e muitas vezes maltratados e descartados pela comunidade ouvinte.

Para os professores da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) Regina Maria de Souza e Silvio Gallo (2002), devido ao racismo em relação ao diferente e à perturbação de conviver com essa diferença, com o desconhecido, se torna mais fácil eliminar o *anormal*. Assim, por considerável tempo, os Surdos, por serem vistos como *anormais*, foram exterminados.

Portanto, na antiguidade, em Roma, por serem considerados como seres castigados pelos deuses ou enfeitiçados, os surdos eram abandonados ou sacrificados. Na Grécia, eram considerados *inválidos* e um peso para a sociedade. Nesses países, geralmente, os referidos povos eram condenados à morte ou a uma vida miserável, como escravos ou, ainda,

¹⁷ Neste trabalho, o termo minoria refere-se a grupos sociais que se reconhecem e são reconhecidos político e identitariamente como aqueles que necessitam de direitos e garantias específicos para a conquista e o desenvolvimento da cidadania.

¹⁸ Strobel (2008 pág. 29) define que a Cultura Surda é o jeito de o sujeito Surdo de entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades Surdas e das “almas” das Comunidades Surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do Povo Surdo.

abandonados. A história dos surdos ganha um capítulo diferente no Egito e na Pérsia, pois lá os Surdos eram considerados como criaturas privilegiadas, enviados dos deuses. Acreditava-se que eles se comunicavam em segredo com os deuses. Naquelas duas importantes civilizações da Antiguidade Oriental, conforme explica a autora, havia um forte sentimento humanitário e de respeito pelos Surdos. Suas populações protegiam os Surdos e tributavam-lhes adoração. Apesar de toda a adoração, eles tinham vida inativa e não eram educados.

Durante a Idade Média, na Europa Ocidental, devido à falta de comunicação, os Surdos não conseguiam confessar os seus pecados, por isso eram proibidos de receber a comunhão e até mesmo receber o sacramento do matrimônio, salvo aqueles que recebiam favor do Papa. Além dessas questões, não possuíam direitos de inserção na sociedade feudo-vassálica¹⁹. Essa situação, de acordo com a autora, perpetuou-se até por volta do século XV. Os Surdos viviam sem direito algum, pois havia a crença em que eles eram seres *primitivos, ineducáveis e sem utilidade* para a sociedade.

No século XVI, de maneira muito tímida, iniciou-se uma preocupação em educar os Surdos. Essa modificação na conduta em relação ao Surdo, durante a chamada Idade Moderna, teve origem com os desdobramentos do trabalho do médico e filósofo italiano Gerolamo Cardano (1501-1576), que afirmava que “*surdo-mudez* não era impedimento para o surdo aprender e que o melhor meio para isso seria através da escrita” (SOARES, 1999, p. 16), e, portanto, “era um crime não instruir um *surdo-mudo*” (STROBEL, 2009, p. 19).

Do mesmo modo, a professora da área de educação de Surdos da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Maria Soares (1999), nos traz que a partir do Renascimento Cultural²⁰, coincidente com o desenvolvimento da ciência, especificamente, da anatomia, os médicos começaram a atuar na educação dos Surdos. Tal situação foi decorrente de investigações em relação à *surdo-mudez*, que consistia na ausência da audição e da fala. Constatou-se, dessa forma, que a surdez não seria um obstáculo para o Surdo adquirir conhecimento. Por essa via, o professor da área de educação de Surdos do Instituto Federal de Educação, Ciência e tecnologia de Santa Catarina (IFSC), Vilmar Silva (2006, p.18), nos coloca que esses resultados das investigações em torno da surdo-mudez tiveram grande relevância para

¹⁹ Sociedade feudo-vassálica refere-se à relação entre suserano e vassalos. Segundo Silva (2004), dois homens livres firmavam um contrato que lhes impunha deveres e direitos, um para com o outro, através de um juramento, criando uma hierarquia entre eles: o suserano e o vassalo. O suserano oferecia proteção e feudos (terras, cargos ou propriedades) em troca de fidelidade e ajuda militar.

²⁰ Renascimento Cultural consiste no grande movimento de mudanças culturais que se estendeu por toda a Europa entre os Séculos XV e XVI. Segundo Lassance e Sparta (2003, p. 14), sua influência afetou a literatura, arte, ciência, religião, política, e outros aspectos da investigação intelectual e “contribuiu com a ideia do trabalho como libertação, como possibilidade de domínio do homem sobre a natureza”.

os Surdos, “porém devido à ruptura de uma lógica dominante, o episódio teve pouca repercussão”, pois, conforme explicita o autor, somente os filhos Surdos de nobres tinham acesso à educação, para que pudessem garantir a continuidade de seus bens familiar.

Outro exemplo da citação descrita acima consiste na atuação do monge beneditino espanhol Pedro Ponce de Leon (1510-1584), que, se dedicou à educação de uma dezena de *surdos-mudos*, todos eles filhos de membros da corte espanhola (SOARES, 1999). Devido ao fato de essas crianças pertencerem a famílias importantes, tal situação ajudou a repercutir seu trabalho por toda a Europa.

Ponce criou uma metodologia de ensino para as crianças Surdas utilizando a datilologia, que é a representação manual do alfabeto, a escrita e a oralização²¹. Em decorrência do trabalho de Ponce, foi estabelecida a primeira escola para Surdos em um monastério de Valladolid, onde era ensinado o latim, o grego e o italiano, além de conceitos de física e astronomia para dois irmãos Surdos, membros de uma importante família de aristocratas espanhóis.

Posteriormente, Ponce criou uma escola de formação de professores para educar Surdos. Naquela época, existia uma tradição de guardar segredos sobre os métodos de educação de Surdos. Ponce não compartilhou seus métodos que, após sua morte, caíram em esquecimento.

Ainda na perspectiva de educação escolar de apenas Surdos das famílias consideradas nobres, Strobel (2009) relata que o padre espanhol, considerado um dos pioneiros na educação de Surdos, Juan Pablo Bonet (1579-1623) educou um membro Surdo da família Velasco, chamado Dom Luís, por meio do uso de sinais, treinamento da fala e o uso do alfabeto datilológico e pelo fato de obter sucesso no ensino da fala, Bonet foi nomeado pelo rei Henrique IV como Marquês de Frenzo que posteriormente publicou o primeiro livro sobre a educação de Surdos, no qual descrevia o seu método oral, *Reduccion de las letras y arte para enseñar a hablar a los mudos*, no ano de 1620 em Madrid, Espanha. Para Bonet, os Surdos deveriam aprender o alfabeto manual na mais tenra idade.

Porém, para o educador Surdo e ex-aluno da primeira escola de Surdos em Paris-França, Ferdinand Berthier (1803-1886), os créditos da descoberta de como ensinar os Surdos a falar não deveriam ir para Bonet e, sim, para Ramírez de Carrión (1579-1652), que, apesar de ser Surdo congênito, ensinava a linguagem oral aos Surdos. Além disso, Carrión publicou o

²¹ Oralização ou Oralismo é o método educacional para o ensino dos Surdos que tem como objetivo levar o Surdo a falar e integrar-se como um membro produtivo no mundo dos ouvintes.

livro *Maravillas de naturaleza, em que se contienen dos mil secretos de cosas naturales*, de 1629 (STROBEL, 2009).

No ano de 1700, o médico suíço Johan Conrad Ammon (1669-1724) desenvolveu e publicou o método pedagógico da fala e da leitura labial, conhecido como *Surdus Laquens* e no ano de 1741, Jacob Rodrigues Pereire (1715-1780) – o qual foi, provavelmente, o primeiro professor de Surdos na França – desenvolveu uma técnica de fala e de exercícios auditivos com os Surdos, ao oralizar sua irmã Surda. Assim, Pereire teve o seu trabalho reconhecido pela Academia Francesa de Ciências devido ao grande progresso alcançado por ele.

Posteriormente, no ano de 1755, Samuel Heinicke (1729-1790) foi considerado o *Pai* do Método Alemão, chamado de oralismo puro²². Ele iniciou as bases da filosofia oralista, atribuindo valor somente à fala. Os alunos eram ensinados por meio de um processo lento e com distintas entonações para a internalização e compreensão da fala.

Strobel (2009) esclarece que esse autor publicou a obra *Observações sobre os Mudos e sobre a Palavra*, em que demonstra seus métodos de ensino estritamente orais, uma vez que, naquele momento, acreditava-se que o uso da língua de sinais poderia prejudicar na aquisição da língua oral. Em 1778, Heinicke fundou a primeira escola de oralismo puro em Leipzig, que contava, inicialmente, com nove alunos Surdos. Entretanto, para Silva (2006), a educação escolar dos surdos com poder aquisitivo alto continuava sendo prioritária. Segundo o autor, enquanto

[...] preocupavam com a educação de Surdos ricos e nobres, os Surdos que não nasceram em berço de ouro provavelmente estariam no rol dos chamados vagabundos, em situação de verdadeira miséria, pelo isolamento social e pela falta de trabalho. [...] são justamente os Surdos vagabundos que viviam nas ruas de Paris que, juntamente com o abade L'Epée, viabilizam uma mudança drástica, porém, positiva, na história da educação de Surdos (SILVA, 2006, p. 18-19).

O Abade francês Charles Michel de L'Epée (1712-1789) decidiu educar os Surdos que não pertenciam a famílias ricas ou nobres por meio dos gestos, pois percebeu que a comunicação se desenvolvia satisfatoriamente. Assim criou os sinais metódicos a fim de lhes transmitir os preceitos religiosos. “Esse agrupamento de Surdos permitiu a criação da primeira escola de Surdos em Paris, em 1760” (SILVA, 2006, p. 19). Além de aprenderem os preceitos

²² Para Soares (1999), o método oral aparece com essa designação para diferenciar do método que procura combinar fala e gestos, pois o método oral puro exclui o uso de gestos.

religiosos, os Surdos aprenderam também o francês escrito e outras matérias de diferentes áreas do conhecimento.

O Abade L'Épée conheceu duas irmãs gêmeas Surdas, que se comunicavam por gestos e com o intuito de aprender a se comunicar com surdos, optou por manter contato com os Surdos carentes e humildes que perambulavam pela cidade de Paris, buscando aprender a comunicação utilizadas pelas gêmeas surdas, o que ocasionou os seus primeiros estudos sobre a língua de sinais.

Ao combinar a língua de sinais e a gramática francesa sinalizada, L'Épée denominou o método e as estratégias de *Sinais Metódicos* e, posteriormente, instruiu os primeiros Surdos em sua casa. Esse método utilizado foi muito criticado na época, principalmente pelos educadores oralistas, entre eles, Samuel Heinicke.

L'Épée, além de fundar a primeira escola pública para os Surdos, o Instituto para Jovens Surdos e Mudos de Paris, preparou também inúmeros professores para ensinarem Surdos e publicou um estudo sobre o ensino dos Surdos e *mudos* por meio de sinais metódicos, intitulado *A verdadeira maneira de instruir os surdos-mudos*. Nessa obra, ele apresenta as regras sintáticas para educação de Surdos, além de inserir o alfabeto manual idealizado por Bone. Até o momento de sua morte, L'Épée já havia contabilizado 21 escolas fundadas para educação de Surdos na França e na Europa. No mesmo ano em que foi fundada a escola de L'Épée, em 1760, o professor de escrita Thomas Braidwood (1715-1806) criou a primeira escola para Surdos na Inglaterra, na qual ensinava aos Surdos os significados das palavras e sua pronúncia, valorizando a leitura orofacial, que consiste em leitura dos lábios.

Em 1814, nos Estados Unidos, na cidade de Hartford, o reverendo Thomas Hopkins Gallaudet (1787-1851), ao observar as crianças brincando no seu jardim, percebeu que uma menina, Alice Gogswell, não participava das brincadeiras por ser Surda, pois era rejeitada pelas demais crianças. Por esse motivo, Gallaudet tentou ensinar-lhe a comunicar e, juntamente com o pai da menina, dr. Masson Fitch Gogswell, pensaram em criar uma escola para Surdos. Ele foi à Europa buscar métodos de ensino aos Surdos e, na Inglaterra, conheceu o trabalho realizado por Braidwood, na escola *Watson's Asylum*, que usava a língua oral na educação dos Surdos, porém, por guardar em segredo os métodos ali utilizados, a instituição se recusou a expor suas experiências.

Sem obter êxito na Inglaterra, Gallaudet partiu para a França, onde foi bem acolhido e impressionou-se com o método de língua de sinais usado pelo abade Sicard (1742-1822), sucessor de L'Épée na escola de Surdos em Paris. Gallaudet retornou à América, em companhia do professor Surdo Laurent Clerc (1785-1869), que foi aluno de Sicard e considerado o melhor

aluno do Instituto Nacional para Surdos Mudos de Paris, passou a ser denominado de *apóstolo dos Surdos na América*, uma vez que educou inúmeras pessoas Surdas americanas. Durante a viagem aos Estados Unidos, Clerc ensinou a língua de sinais para Gallaudet, que por sua vez lhe ensinou o inglês.

Gallaudet, juntamente com Clerc, fundou, em Hartford, a primeira escola permanente para Surdos nos Estados Unidos. Trata-se do *Asilo de Connecticut para Educação e Ensino de pessoas Surdas e Mudas*. O sucesso imediato da escola levou à abertura de outras escolas de Surdos pelos Estados Unidos, até a fundação da primeira universidade nacional para Surdos, a *Gallaudet University* em Washington, em 1864 – um sonho de Gallaudet realizado pelo seu filho Edward Miner Gallaudet (1837-1917).

Outro nome que marca a história da educação dos Surdos foi o do cientista, inventor e fundador da primeira companhia telefônica do mundo, Alexander Graham Bell (1847-1922). Em 1867, ele se dedicou aos estudos sobre acústica e fonética, com o objetivo de melhorar a surdez de sua mãe. Seu pai Alexandre Melville Bell (1819-1905) era professor de Surdos e já havia inventado um código de símbolos *Fala Visível* ou *Linguagem Visível*, que consistia em um “sistema que utilizava desenhos dos lábios, garganta, língua, dentes e palato, para que os Surdos repetissem os movimentos e os sons indicados pelo professor” (STROBEL, 2009, p. 24). Nesse sentido, ao seguir os passos de seu pai, Graham Bell, entre os anos 1870 e 1890, publicou vários artigos, os quais criticavam casamentos entre pessoas Surdas, a Cultura Surda e as escolas residenciais para Surdos, uma vez que era contra o uso do método da língua de sinais para o desenvolvimento intelectual dos Surdos, considerado por ele como ineficiente.

Por esses motivos, em 1872, Graham Bell descarta a língua e Cultura dos Surdos, ao abrir sua própria escola para treinar os professores de Surdos a partir de uma metodologia oralista, em Boston. Além disso, publicou o livreto *O pioneiro da fala visível*, de 1872. De acordo com Strobel (2009, p.26), “em 1873, Graham Bell deu aulas de fisiologia da voz para Surdos na Universidade de Boston. Lá, ele conheceu a Surda Mabel Gardiner Hulbard, com quem se casou no ano 1877”.

A partir da grande influência de Graham Bell, reconhecido mundialmente pela invenção do telefone em 1875, realizou-se na cidade de Milão, no ano de 1880, o *Congresso Internacional de Surdo-Mudez*, marcado pela votação do método mais eficiente para educação de Surdos: o método da oralização, difundido por Graham Bell, ou o método da educação baseado na língua de sinais, este último foi defendido por grande parte dos professores estadunidenses (STROBEL, 2009). Foi decidido que o método oral era o mais adequado a ser adotado pelas “escolas de Surdos e a língua de sinais foi proibida oficialmente sob a alegação

de que a mesma destruía a capacidade da fala dos Surdos, argumentando que os Surdos são *preguiçosos* para falar, preferindo a usar a língua de sinais” (STROBEL, 2009, p. 26). Esse evento foi organizado, patrocinado e conduzido por defensores do oralismo puro, que tinham interesse em fazer prevalecer o método oral para ensino de Surdos durante o Congresso de Milão. Assim, durante a Assembleia Geral, realizada no congresso, a todos os professores Surdos foi negado o direito de votar, por isso, dos 164 representantes presentes ouvintes, apenas cinco dos Estados Unidos votaram contra o oralismo puro.

Para Souza e Gallo (2002), devido ao racismo e o medo do diferente, é necessária a demonstração de poder, portanto estabelecer a língua oral como meio de comunicação *normal* em detrimento das línguas gestuais foi fundamental para oprimi-la, acabar com ela. Os autores reforçam, que o diferente, por ser minoria, necessita conviver e relacionar com a cultura predominante do povo majoritário no qual está inserido, porém, sua cultura, sua alteridade nada importa para o povo em questão, que não quer saber de sua diferença, de sua estrangeirice. Assim, nessa perspectiva de predominância do grupo majoritário, foi que o Congresso de Milão legitimou o oralismo como a melhor abordagem para se educar os Surdos.

Como a língua de sinais foi proibida, sob a alegação de prejuízos ao desenvolvimento cognitivo do Surdo, enquanto que o oralismo foi legitimado como a melhor abordagem para se educar os Surdos, não só os gestos foram proibidos, como também foi iniciada uma nova ideologia pedagógica para os Surdos, construída na união da pedagogia e da medicina, que instituíam esse povo como deficiente (LONGMAN, 2007). Nesse sentido, o doutor em Fonologia e Educação Especial Carlos Skliar (2005) ressalta que o Congresso de Milão de 1880, oportunizou acabar com o gestualismo e dar lugar a palavra pura, a palavra falada. Essa já era uma decisão aceita por grande parte dos educadores europeus e o congresso constituiu não o começo do ouvintismo e do oralismo, mas a legitimação dessa abordagem pedagógica.

Além dessas questões, conforme salienta Skliar (2005), no Congresso de Milão foram votadas oito resoluções, entre as quais: o uso da língua gestual em simultâneo com a língua oral, no ensino de Surdos, afeta a fala, a leitura labial e a clareza dos conceitos; os governos devem tomar medidas para que todos os Surdos recebam educação; os Surdos, depois de terminado o seu ensino oralista, não podem esquecer o conhecimento adquirido, por isso, devem usar a língua oral na conversação com pessoas falantes, uma vez que a fala se desenvolve com a prática; com o objetivo de implementar, com urgência, o método oralista, torna-se necessário reunir as crianças Surdas recém-admitidas nas escolas e instruí-las apenas por meio da fala.

Após o Congresso de Milão, o oralismo se tornou, conseqüentemente, um referencial para o ensino e aprendizagem dos Surdos, porém, segundo a professora de fonoaudiologia,

especializada em surdez, Cristina Lacerda (1998), a maioria dos Surdos teve grande dificuldade em desenvolver a aquisição da fala e, quando alcançava algum sucesso, era parcial e tardio em comparação à fala do ouvinte. Esse momento marca o início de um período de retrocesso na educação, na participação social e na difusão da língua utilizada pelas Comunidades Surdas.

A filosofia oralista, conforme explicam Perlin e Strobel (2008), utilizava de três elementos para o seu desenvolvimento. Um deles é o treinamento auditivo, cuja estratégia é a estimulação auditiva para reconhecimento e discriminação de ruídos, sons ambientais e sons da fala. Geralmente, esse treinamento é realizado com o auxílio de aparelhos como o AASI²³, entre outros. O segundo elemento é a leitura labial, ou seja, a habilidade de ler a posição dos lábios captando os movimentos dos lábios de alguém que está falando, útil somente quando o interlocutor formula as palavras de frente, com clareza e devagar. De acordo com Perlin e Strobel (2008, p. 14), “[...] a maioria dos Surdos só conseguem ler 20% da mensagem através da leitura labial, perdendo a maioria das informações. Geralmente, os Surdos ‘deduzem’ as mensagens de leitura labial através do contexto dito”. Isto é, ela não é tão eficaz no processo de comunicação dos Surdos.

Por último, o terceiro elemento de desenvolvimento preconizado pela filosofia oralista consiste no desenvolvimento da fala, que são exercícios para a mobilidade e tonicidade dos órgãos envolvidos na fonação, lábios, mandíbula, língua, além de exercícios de respiração e relaxamento. De acordo com o neurologista e escritor Oliver Sacks (1933-2015), “o oralismo e a supressão de Sinal resultaram numa deterioração dramática nas conquistas educacionais das crianças Surdas e no grau de instrução do Surdo em geral” (SACKS, 1998, p.45). Assim, por se tratar de uma negação das línguas de sinais, a filosofia oralista fracassou para a maioria dos Surdos.

Tal filosofia impunha o aprendizado de uma língua dominante, oral, para sem nenhum referencial linguístico. Entretanto, por possuir uma modalidade de percepção diferente dos ouvintes - oral-auditivo -, os Surdos, de modalidade visual-motora, aprendem melhor a língua de sinais e, a partir desse aprendizado, podem aprender com mais facilidade uma segunda língua, seja escrita, seja oral (SKLIAR, 2005).

²³ AASI é o termo que designa o aparelho de Amplificação Sonora Individual, que aumenta os sons, capaz de possibilitar que o sujeito com surdez consiga escutar. Esse aparelho auditivo possui vários tipos de fabricações e diferentes modelos. O mais tradicional é o colocado atrás da orelha com molde da orelha interna. É conhecido popularmente como “aparelho auditivo” (PERLIN; STROBEL, 2008, p. 13-14).

Passados 137 anos depois do Congresso de Milão, a Comunidade Surda²⁴ se sente violada, pois, durante quase 100 anos, os Surdos viveram em um isolamento cultural, marcado pela resistência à imposição da língua oral e à negação ao direito de comunicar em sinais (STROBEL, 2009). Para os Surdos, esse congresso legitimou o massacre de uma Cultura Surda, gerando prejuízos incalculáveis e representou a imposição de uma visão teórica diferente, que destrói todo um desenvolvimento cultural e linguístico conquistado até aquele momento. Para as professoras do Departamento de Estudos da Linguagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro Angela Baalbaki e Beatriz Caldas (2011), o desejo dos congressistas em impor o aprendizado da língua oral aos Surdos causou violento efeito ideológico, tão infeliz para educação de surdos, que perdurou por quase um século.

Para Strobel (2009), somente a partir dos anos de 1960, a língua de sinais e a cultura surda começaram a ganhar força. Lacerda (1998) esclarece que a partir daqueles anos começaram a surgir estudos a respeito das línguas de sinais, pois, mesmo às margens do sistema educacional, a língua de sinais havia sobrevivido à proibição oralista.

Nesse mesmo ano de 1960, o criador da primeira escrita de sinais²⁵ o norte-americano Willian Stokoe (1919-2000), publicou *Language Structure: na Outline of the Visual Communication System of the American Deaf*, no qual afirmava que a ASL – Língua de Sinais Americana – “é uma língua com todas as características da língua oral. Essa publicação foi uma semente de todas as pesquisas que floresceram nos Estados Unidos e na Europa a partir de então” (STROBEL, 2009, p. 27). A partir dos estudos de Stokoe e devido ao descontentamento com o oralismo, surgiram novas propostas pedagógico-educacionais para surdos, dentre elas, a que ganhou maior impulso nos anos de 1970 foi a Comunicação Total²⁶. Esse modelo educacional perdurou até 1980, e muitos estudos foram realizados para verificar sua eficácia, apontando uma melhora mínima na oralização dos Surdos, que, porém, continuavam apresentando muitas dificuldades no processo comunicativo (LACERDA, 1998).

Ainda para Lacerda (1998), a comunicação total favoreceu a retomada das línguas de sinais como aporte para educação de Surdos que no modelo oralista era proibido. Assim, com

²⁴Para Strobel (2008), a Comunidade Surda abrange Surdos e ouvintes militantes da causa Surda, tais como pais, intérpretes, professores e simpatizantes.

²⁵ Sistema de escrita das línguas gestuais, capaz de expressar os movimentos, as formas da mão, as expressões faciais e os pontos de articulação. No Brasil, há duas formas de escrita da Língua de Sinais: Sing Writing, desenvolvido na Dinamarca em 1974 pela professora de dança Valerie Sutton; EliS – sistema brasileiro de escrita da língua de sinais, desenvolvido pela linguista Mariângela Estelita Barros, professora da UFG - Goiânia.

²⁶ “A Comunicação Total é a prática de usar sinais, leitura orofacial, amplificação e alfabeto digital para fornecer ‘inputs’ linguísticos para estudantes surdos, ao passo que eles podem expressar-se nas modalidades preferidas” (STEWART 1993, p. 118).

o aprofundamento das pesquisas sobre a língua de sinais, sugeriram também alternativas educacionais orientadas para uma educação bilíngue²⁷.

O modelo de educação bilíngue²⁸ ganha, gradativamente, força e evidência, pois contribui para o pleno desenvolvimento dos sujeitos Surdos. A partir dessas questões, compreendemos que os Surdos adquirem a língua de sinais de forma natural, da mesma forma que os ouvintes adquirem a língua falada, e, por meio dessa língua, os Surdos conseguem se comunicar de forma eficiente (BOUVET, 1990 apud LACERDA, 1998).

Após os anos de 1980, muitas foram as conquistas dos Surdos em busca de uma educação alicerçada em uma perspectiva visual, com ensinamentos por meio da língua de sinais. Após o Povo Surdo travar uma longa e sofrida batalha, defendendo o seu direito linguístico e social, aos poucos, as línguas de sinais vêm conquistando espaço na educação de Surdos (STROBEL, 2009). As pesquisas de Stokoe contribuíram muito para a aceitação dessa língua, e para o *status* de língua, como qualquer outra, podendo, com ela, expressar qualquer ideia, concreta ou abstrata.

A partir da apresentação do histórico da educação escolar dos surdos no contexto mundial, passaremos à análise de alguns aspectos históricos específicos que foram fundamentais para o processo educacional dos Surdos no Brasil.

1.2 Aspectos históricos da educação dos Surdos no Brasil

A história oficial da educação dos Surdos no Brasil tem início em 1855, quando o Imperador Dom Pedro II (1825-1891) convida o conde francês e professor Surdo, considerado o primeiro professor de Surdos no Brasil, Eduard Huet²⁹ para abrir uma escola para pessoas Surdas. Para a professora e jornalista da Universidade de São Paulo Célia Regina Ramos (2002), a história começa antes, em 1835, quando os debates acerca da educação de cegos e Surdos são iniciados pelo magistrado e político Cornélio Ferreira França (1802-1878). O até então deputado apresentou para a Assembleia Nacional o projeto de lei que criava o cargo de

²⁷ Para Cristina Lacerda (1998), essa proposta defende a ideia de que a língua de sinais é a língua natural dos Surdos, os quais, mesmo sem ouvir, podem desenvolver plenamente uma língua visogestual.

²⁸ Neste trabalho, não aprofundaremos nos estudos de educação bilíngue, pois acreditamos que o professor não precisa ser fluente em Libras para conseguir ministrar uma aula que contemple as necessidades específicas dos Surdos. A escola de educação bilíngue prevê que o aluno Surdo seja estimulado em língua de sinais desde a entrada no ambiente escolar, assim, todos deverão se comunicar por meio da Libras, desde a entrada pelo portão até a direção da escola.

²⁹ Eduardo Hernest Huet nasceu no ano de 1822, na França. Aos 12 anos ficou Surdo, sua família pertencia à nobreza e foi condecorado como Conde. Huet se formou professor com título de mestre. Seguiu a metodologia de seu professor, L'Epée, ou seja, o método combinado – língua de sinais e ensino da fala. Não há registros do ano de sua morte.

professor inicial para atuar no ensino de cegos e *surdos-mudos*, entretanto esse projeto não foi aprovado pela casa (STROBEL, 2009).

Reis (1992 apud RAMOS, 2002) nos coloca que o interesse do imperador Dom Pedro II na educação de Surdos se concretizou na vinda do professor Huet para fundar uma escola para Surdos. Para o autor, um dos motivos do interesse do imperador pela educação dos Surdos seria o fato de que o seu neto era Surdo, sendo este filho da princesa Isabel (1846-1921) com o príncipe francês Gastão, Conde D'Eu (1842-1922), que também era parcialmente Surdo. É fato que o Conde D'Eu era parcialmente Surdo, pois vários autores relatam essa deficiência, porém, a veracidade sobre a surdez do neto de Dom Pedro II é questionável, uma vez que não há nenhum documento que afirma isso, pois essa alegação de que essa surdez tenha sido o motivo pelo qual o imperador implantou a primeira escola de Surdos no Brasil é falha, pois o primogênito da princesa Isabel, Pedro Alcântara (1875-1940), somente nasceu 20 anos após o convite do Imperador D. Pedro II ao professor Huet (NÓBREGA, [199-]).

A criação da primeira escola de Surdos no Brasil ocorreu devido à grande influência europeia na educação especial, pois o cidadão europeu estabelecia uma relação separatista entre pobres e desvalidos, além dos deficientes, e o restante da sociedade, considerada rica e nobre. Outro motivo que fez com que o Brasil, durante o governo de D. Pedro II, caminhasse na direção de uma educação aos deficientes, segundo Soares (1999), consiste na crença da promessa do cristianismo em ganhar um lugar celestial, uma vez que muitos religiosos dedicaram esforços em contribuição aos desvalidos. Para o autor, a “[...] ideologia do favor estava presente na distribuição de recursos do Estado, citando a fundação do Imperial Instituto dos Cegos, que contou com o consentimento do Imperador Pedro II” (SOARES, 1999 p. 83).

Assim, em 1857, foi fundada, na cidade do Rio de Janeiro, a primeira escola para Surdos, o *Imperial Instituto dos Surdos-Mudos* (IISM), posteriormente, denominada de *Instituto Nacional de Educação de Surdos* (INES). É importante frisar que foi nessa escola que surgiu, em razão da combinação da língua de sinais francesa com os sistemas já usados pelos Surdos de várias regiões do Brasil, a Libras (Língua Brasileira de Sinais), reconhecida oficialmente apenas após os anos 2000, por meio da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.

Em dezembro de 1857, Huet apresentou ao grupo de pessoas na presença do imperador Dom Pedro II os resultados de seu trabalho, os quais foram satisfatórios. Afinal, no início, os pais dos alunos Surdos ficaram desconfiados por Huet ser estrangeiro e Surdo, visto que, naquela época, os Surdos brasileiros, devido à falta de comunicação, não eram nem reconhecidos como cidadãos.

A novidade de um estabelecimento escolar para educandos Surdos, numa organização social que sequer os reconhecia como cidadãos e com o agravante do responsável ser também uma pessoa Surda, dificultou o aparecimento de alunos-candidatos (ROCHA, 1997, p.5).

Em consequência disso, conforme Soares (1999), Huet iniciou seu trabalho em local improvisado, no colégio de Wassimon, ainda em meados de 1855, pois aguardava a criação do Instituto. Inicialmente, ele teve como alunos um menino de 12 anos e uma menina de 10 anos. Porém, após a consolidação do *Instituto dos Surdos-Mudos*, as meninas Surdas foram privadas de estudar naquela instituição, que aceitava Surdos do sexo masculino, posteriormente o Instituto foi considerado um asilo.

Segundo a professora da UFSC Neiva Aquino Albres (2005), a educação no *Instituto de Surdos-Mudos* era voltada para a educação literária e ao ensino profissionalizante de meninos de 7 a 14 anos. Strobel (2009) relata que, após cinco anos frente ao Instituto, no ano de 1861, Huet, por motivos particulares, se retirou da direção e foi embora do Brasil, para lecionar aos Surdos no México, onde havia recebido um convite para criar uma escola de Surdos naquele país. Assim, o IISM ficou sob a responsabilidade de Frei João do Monte do Carmo³⁰, que logo abandonou o cargo e foi substituído por Ernesto do Prado Seixas.

Em 1862, o marquês de Olinda, Pedro de Araújo Lima (1793-1870), contratou para cargo de diretor do IISM, o Dr. Manoel Magalhães Couto³¹, que não tinha experiência em educação de Surdos. Porém, ele obteve uma especialização no Instituto de Paris, o qual o habilitou para exercer o cargo de direção (STROBEL, 2008). Em 1868, após a inspeção governamental realizada pelo doutor Tobias Rabello Leite (1827-1896), o IISM, após sucessivos fracassos, foi considerado um asilo de Surdos, de modo que o Dr. Magalhães foi demitido e, por isso, o próprio doutor Tobias Leite assumiu a direção. Para a professora e pesquisadora da Universidade Federal do Sergipe Verônica Souza, o professor Tobias Leite teve grande importância “na organização, implantação e ampliação de um expressivo trabalho pedagógico desenvolvido naquele instituto” (SOUZA, 2008, 49).

Segundo Souza (2008), somente após a direção de Tobias Leite foi que os Surdos brasileiros passaram a contar com uma educação mais acadêmica, pois Tobias ainda produziu várias obras, como *Notícia do Instituto dos Surdos-Mudos* (1871), reeditada em 1876, 1877 e 1887, e que tinha como finalidade divulgar a educação dos *surdos-mudos* brasileiros.

³⁰ Vários autores, como Strobel, Soares, Albres e Salerno, relatam que, após a saída de Huet, o Instituto foi dirigido por Frei do Carmo e, posteriormente, por Ernesto Seixas, porém nenhuma obra apresenta quem eles foram, o que representavam para o INES na época. Nem mesmo o ano de nascimento e o ano de morte são mencionados.

³¹ Não há relatos do ano de nascimento e morte.

Nesta obra, o autor afirmava que a função do Instituto era dar instrução literária e profissional. Soares (1999) salienta que Leite fez uma adaptação para o português do livro *Methode pour Enseigner aux Sourds-Muets*, do professor do Instituto Nacional de Surdos-Mudos de Paris, Vallade Gabel (1801-1879). Esse foi o primeiro livro em português para professores de Surdos e recebeu o título de *Lições de Linguagens Escritas*. “Foram distribuídos 500 exemplares desse livro entre as províncias de Minas, São Paulo, Paraná e Goiás” (SOARES, 1999, p.79). Posteriormente, foi criado o *Compêndio para o ensino dos Surdos-Mudos* (1881), que explicava as causas da surdez e a possibilidade de os Surdos aprenderem. Também foram publicadas as *Lições de Metrologia* (1875), a obra *Salvaguarda do surdo-mudo brasileiro* (1876), os *Contos morais para surdos-mudos* (1877), e o *Regimento Interno dos Surdos-Mudos* (1877) (SOUZA, 2008). Nessa época, vários professores que atuavam na educação de Surdos se deslocavam para o Instituto, para cursos de capacitação, e isso também contribuiu para a difusão da Libras.

Para ser aceito pelo Instituto, conforme explica Soares (1999), os alunos precisavam ter entre nove e quatorze anos e, após a entrada no Instituto, só poderiam permanecer até os dezoito anos de idade. Após essa idade, eram obrigados a deixar a instituição. Fato que também contribuiu de forma significativa para a difusão da Libras, pois, ao voltarem para seus estados de origem, os egressos do Instituto divulgavam o que haviam aprendido. Assim, Flausino José da Gama³², um ex-aluno do INES, no ano de 1875 aos 18 anos, publicou a *Iconografia dos Signaes dos Surdos-Mudos*. Até os dias de hoje, Flausino é um orgulho para o Instituto e para Comunidade Surda brasileira, pelo fato de ele ser Surdo e ter criado o primeiro dicionário em língua de sinais no Brasil (SOARES, 1999).

No ano de 1880, durante o Congresso de Milão, como relatado anteriormente, foi decidido que os Surdos não seriam mais educados por meio da língua de Sinais, e o Oralismo foi imposto como novo método de educação de Surdos. No entanto, como salienta a fonoaudióloga e professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Marcia Goldfeld (1997), somente 31 anos depois do Congresso de Milão, em 1911, que o IISM no Brasil, ao seguir a tendência mundial, estabeleceu o oralismo puro como filosofia de educação para todas as disciplinas. Mesmo assim, na sala de aula, nos pátios e corredores da escola, por meio de professores e funcionários Surdos, havia a resistência ao oralismo puro. A atitude era em prol

³² Os dados biográficos de Flausino são escassos. Sabe-se que era Surdo congênito e pensionista do Estado. No ano de 1909, um incêndio destruiu a biblioteca da *Typographia Universal*, que contava com um exemplar de cada edição produzida por Flausino, além dos arquivos. Por isso, os registros relacionados ao seu processo histórico se perderam (SOFIATO; REILY, 2012).

da manutenção da Língua de Sinais, que sobreviveu até 1957, quando foi severamente proibida. Ramos (2002), com base em um depoimento informal de uma professora que atuou naquela época, ressalta que os sinais continuavam sendo utilizados nos locais onde não havia fiscalização, bem como debaixo de carteiras e de roupas.

Tais afirmações nos ajudam a compreender que, apesar da sobreposição do oralismo no Brasil, a língua de sinais resistia e somente no ano de 1980, concomitantemente com outros países, a proibição ao uso da língua de sinais foi abolida no Brasil. É evidente que a proibição do uso de uma língua gera prejuízos irreversíveis para a língua e para a cultura (RAMOS, 2002). Posteriormente, em 6 de julho de 1957, sob a Lei nº 3.198, o IISM passou a chamar-se Instituto Nacional de Educação dos Surdos – INES. E a partir do século XX, ampliou-se o número de escolas para Surdos em todo o Brasil, surgiram o Instituto Santa Terezinha para meninas Surdas em São Paulo, a Escola Concórdia em Porto Alegre, a Escola de Surdos de Vitória, o Centro de Audição e Linguagem Ludovico Pavoni (CEAL/LP), em Brasília-DF.

Após essa expansão das escolas do Surdos, nos anos de 1990, como ressalta a pedagoga e especialista em história da educação brasileira Neiva Lucia Machado (2005), surgiram as Salas de Recurso e os Centros de Atendimento Especializado para alunos com Deficiência Auditiva (CEADA) e para o atendimento das crianças com necessidades especiais, que antes eram denominadas como portadoras de deficiência. Ainda surgiram algumas escolas especiais, que eram mantidas com recursos públicos e privados.

Em 1977, foi criada a Federação Nacional de Educação e Integração dos Deficientes Auditivos (Feneida). Inicialmente, a Feneida foi composta apenas por pessoas ouvintes envolvidas com a problemática da surdez. Dez anos depois, ela foi reestruturada e passou a ser chamada de Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (Feneis). Desde a sua criação, a referida Federação representa um grande passo na luta pelos direitos das pessoas Surdas.

Apenas no ano de 2006, iniciou-se o primeiro Curso de Graduação em Letras/Libras, coordenado pela UFSC, em parceria com outras instituições de ensino superior de várias regiões do Brasil, o que resultou em nove polos, situados em diferentes estados brasileiros (STROBEL, 2009), sendo o Instituto Federal de Goiás (IFG), em Goiânia, um deles.

Realizamos até aqui, um levantamento dos aspectos históricos que foram relevantes para o desenvolvimento da educação de Surdos em âmbito mundial e nacional. Ressaltamos a importância do surgimento da primeira escola pública para Surdos em Paris, fundada pelo professor L'Épée, pois, a partir desse feito, vários Surdos, não só os de famílias nobres, puderam aprender a se comunicar. Além disso, muitas outras escolas foram abertas, apoiadas nas

metodologias usadas por L'Épée. Dentre outras questões, apresentamos que nos Estados Unidos, foi criada a primeira universidade pública de Surdos, a Gallaudet University. Mostramos também o processo histórico do surgimento da primeira escola de Surdos no Brasil, o INES, e a importância dessa instituição para a propagação da língua de sinais e métodos de educação de Surdos. Dessa forma, de acordo com Strobel (2009, p.11), a história de Surdos é dividida em 3 grandes fases:

1. Revelação cultural: nesta fase os Povos Surdos não tinham problemas com a educação. A maioria dos sujeitos Surdos dominava a arte da escrita e há evidência de que antes do congresso do Milão havia muitos escritores Surdos, artistas Surdos, professores Surdos e outros sujeitos Surdos bem-sucedidos.
2. Isolamento cultural: ocorre uma fase de isolamento da Comunidade Surda em consequência do congresso de Milão de 1880 que proíbe o acesso da língua de sinais na educação dos Surdos. Nesta fase, as Comunidades Surdas resistem à imposição da língua oral.
3. O despertar cultural: a partir dos anos 60 inicia-se uma nova fase para o renascimento na aceitação da língua de sinais e Cultura Surda após muitos anos de opressão ouvintista para com os Povos Surdos.

No caso específico do Brasil, foi a partir do empenho da Feneis em consonância com as reivindicações do Povo Surdo, representados por várias associações de Surdos do Brasil, que leis foram pensadas em prol da língua e da educação desses sujeitos. Assim, no próximo tópico, faremos a apresentação de algumas leis que foram e ainda são fundamentais para o processo educacional de Surdos no Brasil.

1.2.1 Os documentos oficiais no Brasil

De acordo com as professoras e pesquisadoras Ronice Quadros, da UFSC, e Mara Masutti, do IFSC, após a criação da Feneis, houve a criação de várias associações de Surdos, espalhadas em todo território nacional, que passaram, gradativamente, a ter mais poder, devido ao grande número de Surdos associados (MASUTTI; QUADROS, 2007). Assim, paulatinamente, os surdos “começaram a estruturar um movimento, no meio acadêmico, em oposição às representações colonialistas, adotando como estratégia política o reconhecimento da diferença” (SILVA, p.29, 2009).

Esse movimento reivindicou, também, o reconhecimento da Libras como língua natural da Comunidade Surda Brasileira, para a promoção inclusiva do sujeito Surdo na educação. Uma das grandes vitórias dessa comunidade foi a criação da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 (BRASIL, 2002). Para Ramos (2006), ela consiste no marco positivo na luta pelos

direitos de cidadania dos Surdos brasileiros. Tal Lei reconhece como meio legal de comunicação e expressão a Libras. E, com base nesse dispositivo legal, a Libras passou a ser alvo de uma série de políticas públicas com o objetivo de se consolidar como efetivo instrumento de inclusão e comunicação dos Surdos no país (RAMOS, 2006).

Essa lei foi regulamentada com a criação do Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, o qual garante o acesso do Surdo a diferentes áreas e, também, a presença de intérpretes de Libras tanto nas áreas privadas quanto públicas e visa à comunicação e à integração desses sujeitos na sociedade de forma plena e efetiva. Também compõe a matriz curricular de cursos superiores. No artigo 3º do referido Decreto, está estabelecida, para o Ensino Superior, a inserção da disciplina de Libras nos cursos de Pedagogia, Educação Especial, nas diversas Licenciaturas e no curso de Fonoaudiologia, como componente obrigatório nas licenciaturas e eletivo nos cursos de bacharelado (BRASIL, 2005). Com base nesse Decreto, os Surdos passam a ter seus direitos garantidos, embora ainda haja muito a se fazer, como eles próprios reivindicam.

Nossa pesquisa se aprofunda no diálogo da formação de professor para o ensino de Surdos, portanto, não podemos deixar de salientar algumas inquietações apresentadas pelos acadêmicos ouvintes e Surdos, em relação à contratação do profissional, intérprete de Libras, para atuar junto ao aluno Surdo, matriculado na Rede Federal de Ensino, tendo como respaldo legal, a lei da acessibilidade que será apresentada logo à frente e os documentos oficiais, como a Lei nº 10.436 e o Decreto nº 5.626/2005. Sendo assim, no Art. 23 do Decreto supracitado está previsto que

As instituições federais de ensino, de educação básica e superior, devem proporcionar aos alunos Surdos os serviços de tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa em sala de aula e em outros espaços educacionais, bem como equipamentos e tecnologias que viabilizem o acesso à comunicação, à informação e à educação (BRASIL, 2005).

A partir das atribuições do Art. 23 do Decreto nº 5.626/2005, torna-se possível compreender a obrigatoriedade da presença do tradutor intérprete de Libras nas salas de aula que tenham a presença de alunos Surdos. No processo de metodologia dessa pesquisa, utilizamos como coleta de dados a observação e a aplicação de questionários. Por meio desses instrumentos, os acadêmicos relataram que os Surdos ingressantes nos cursos da UFG/Regional Jataí não tiveram o apoio do intérprete de Libras de forma imediata. Foi preciso que os graduandos de Pedagogia entrassem em greve para que o intérprete de Libras fosse contratado. Relataram, ainda, que os alunos Surdos estudantes do IFG/Câmpus Jataí ficam sem o apoio do

intérprete de Libras durante meses e até semestres. Por conseguinte, compreendemos que tais ações não respeitaram o que rege a legislação brasileira sobre o tema.

Todavia, o debate acerca dos resultados e análise somente será desenvolvido no próximo capítulo, porém nossa perspectiva parte do ponto de vista crítico da leitura dos documentos oficiais, por meio do confronto do que eles determinam entre o que acontece na realidade das instituições de ensino. Assim, quando é constatado que uma instituição federal não obedece ao que está estipulado nas próprias leis federais, em relação a garantia do direito do aluno Surdo aos serviços de tradutor/intérprete de Libras, indagamo-nos sobre o que se esperar dos outros órgãos da Administração pública, estadual e municipal, e das empresas privadas.

Nesse sentido, de forma democrática, procuramos as instituições para compreendermos o porquê de o aluno Surdo não ter o apoio do intérprete de Libras já nos primeiros dias de aula, visto que este aluno foi aprovado em um processo seletivo desenvolvido pela própria instituição, a qual já tem conhecimento de seu ingresso. Ambas as instituições relataram a dificuldade de conseguir um código de vaga frente ao Ministério de Planejamento, Orçamento e Gestão para contratação desse profissional. Relataram que seguem uma normativa, segundo a qual, somente vinte por cento dos servidores lotados na instituição podem ser compostos por contratos temporários e substitutos.

A UFG/Regional Jataí, na pessoa do coordenador do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI), professor Vanderlei Balbino da Costa, informou que aquele movimento grevista mencionado ocorreu no primeiro semestre de 2014, turma do período matutino, ao qual havia dois alunos Surdos matriculados. Relatou, ainda, que foi ele quem orientou esse movimento aos alunos e professores do curso de pedagogia, visto que a administração superior na época demitiu, de forma arbitrária, as duas intérpretes que atuavam na instituição e deixou os acadêmicos Surdos sem o apoio desses profissionais. Após dez dias letivos parados, a universidade autorizou o professor e também coordenador do NAI a organizar um projeto de extensão que visava à contratação dos intérpretes de Libras, pois o curso de pedagogia não tinha código de vaga para preenchimento dessa função. Afirmou, também, que esse foi um caso isolado e que, atualmente, conta com seis profissionais da área de interpretação de Libras, cinco com contrato terceirizado e um efetivo. Ainda em relação ao movimento grevista, percebemos que a compreensão dos alunos e professores em torno da legislação e do conhecimento de Libras os motivou a lutar em prol dos sujeitos Surdos. Ressaltamos que ações como essas contribuem para o processo de adequação e inclusão desses sujeitos.

O IFG-Câmpus Jataí relatou que a procura pelos alunos Surdos em estudarem na instituição vem aumentando e o IFG sempre esbarra na falta de códigos de vagas liberados pelo Ministério de Planejamento, Orçamento e Gestão para a contratação desses profissionais. Relatou, ainda, que, nesse período, houve a abertura de três editais de contratação de intérpretes: no primeiro, não houve ninguém com perfil necessário para atuar como intérprete de Libras; no segundo, não houve inscritos; no terceiro edital, houve aprovados, porém, devido a um entendimento do MEC de que não era possível a contratação de um servidor técnico-administrativo temporário, foi preciso aguardar a criação de uma comissão de estudo no âmbito do MEC para chegar à autorização para contratar um técnico-administrativo intérprete de Libras, o que demandou tempo. Porém, a partir dessa possibilidade de contratação de intérprete de Libras técnico-administrativo, espera-se que a resposta no tempo de contratação seja mais rápida.

Outro item que foi observado, como supracitado no artigo 3º do Decreto presidencial, remete-se ao fato de a disciplina de Libras ser inserida, obrigatoriamente, nos cursos de formação de professores. Isso se deu a partir de comoção maciça da Comunidade Surda brasileira, com a finalidade da eliminação de barreiras contidas no processo ensino-aprendizagem dos alunos Surdos. Assim, com a inserção dessa disciplina, o futuro professor entra em contato com a língua e com as especificidades educacionais desses sujeitos.

Portanto, a partir de leituras e observações, o Decreto garante a inclusão da disciplina de Libras, porém faltam políticas capazes de esclarecer às instituições de ensino informações acerca da carga horária que a disciplina de Libras deve contemplar, dos conteúdos que devem ser ensinados, quais disciplinas ou conhecimentos metodológicos para educação geral que os alunos precisam desenvolver para o aprofundamento na educação de Surdos. De forma quase unânime, por meio da afirmação por parte dos acadêmicos que responderam ao questionário, a carga horária da disciplina, que varia entre 27 a 64 horas, é insuficiente. Estas questões são apresentadas aqui apenas de forma introdutória e serão aprofundadas no Capítulo 3.

Faremos agora uma breve apresentação do processo histórico da elaboração das leis e documentos oficiais que, direta ou indiretamente, influenciaram na formulação da educação dos Surdos brasileiros. Em seguida, continuaremos o debate sobre as duas principais leis já mencionadas acima. No âmbito geral, iniciamos com a Declaração Mundial sobre Educação para Todos, que, segundo o filósofo e pedagogo Dermeval Saviani (2000), foi proclamada no ano de 1990, na conferência de Jomtiem, na Tailândia, e que adotou como objetivo o oferecimento de educação para todos até o ano de 2000.

Para a professora da Unicamp Rita de Cássia Montilha (et al 2009), entre as principais discussões levantadas nessa conferência, destacam-se a necessidade de promover maiores oportunidades de educação, com base em três objetivos que dizem respeito à educação especial e que estão diretamente relacionados entre si, a saber: 1) estabelecimento de metas claras que levariam ao aumento do número de crianças na escola; 2) ações para assegurar a permanência dessas crianças; 3) início de reformas educacionais que permitissem que a escola incluísse, em suas atividades, serviços necessários aos alunos, à família e à comunidade local (MONTILHA et al, 2009).

Dado o pontapé inicial na conferência em Jomtien, os princípios, as políticas e a prática da educação especial foram, novamente, debatidos na conferência de Salamanca, realizada na Espanha em 1994. Esse evento proporcionou a inserção da educação especial dentro da estrutura de Educação para Todos, portanto a Declaração de Salamanca é considerada mundialmente um dos mais importantes documentos que visam à inclusão social, juntamente com a Declaração Mundial sobre Educação para Todos, de 1990 (MONTILHA et al, 2009). Nesse documento, são analisadas as mudanças necessárias para favorecer a capacitação das escolas para atender a todas as crianças, sobretudo às que apresentam necessidades educacionais especiais. Assim, conforme explicita Corde, citado por Montilha (2009):

[...] concepção abrangente de “necessidades educacionais especiais” provoca uma aproximação dos dois tipos de ensino, o regular e o especial. Não há porque haver dois sistemas de ensino paralelos. A Declaração de Salamanca propôs “incluir a educação especial na estrutura de educação para todos”. (CORDE, 1994 apud MONTILHA et al, 2009, p. 334, grifo do autor)

Dessa forma, o princípio fundamental, é que todas as crianças precisam aprender juntas. Independentemente de suas diferenças, as escolas devem assegurar uma educação de qualidade, capaz de reconhecer as diversas necessidades educacionais de seus alunos e favorecer a inclusão, mesmo a partir de apoio extra de que possam precisar. Essas duas declarações serviram como respaldo para debates e criação de leis no Brasil, em prol da educação especial na perspectiva de educação inclusiva.

Em sintonia com a discussão proposta nas duas declarações mencionadas, segundo Machado (2005), a Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB) nº 9394, de 1996, determina que as crianças com algum tipo de deficiência podem e devem estudar em classes comuns desde que sejam observadas suas necessidades específicas. Portanto, é de suma importância, como relata a autora, que precisam ser observadas as peculiaridades de cada indivíduo. Como ressalta a professora da UFRJ Nídia de Sá, citada por Skliar (2005):

[...] o Surdo é um indivíduo com características diferentes da maioria, que tem uma identidade própria, cuja comunidade manifesta aspectos culturais específicos, que desenvolveu uma língua natural segundo suas características, e que, historicamente, como tantas outras minorias, tem sido impedido de exercer seus direitos sociais – principalmente o de usar uma língua diferente e de ser educado na sua língua natural (SÁ, 1997 apud SKLIAR, 2005, p.186),

Logo, o desafio da educação inclusiva proposto pela LDB é muito grande, pois, como afirma a autora acima, os Surdos possuem uma língua natural diferente do ouvinte e é preciso que eles tenham contato com a língua materna para o desenvolvimento da linguagem, cultura e socialização. Por conseguinte, a escola inclusiva deveria oferecer subsídios para que essa socialização acontecesse, estimulando, com maior frequência, o contato de Surdos jovens, que ainda estão conhecendo a língua de sinais, com Surdos adultos fluentes em Libras³³, com a finalidade da construção identitária³⁴ e cultural. O documento *Saberes e práticas da inclusão*, organizado pelo Ministério da Educação (MEC) ressalta que,

Como elemento integrante e indistinto do sistema educacional, realiza-se transversalmente, em todos os níveis de ensino, nas instituições escolares, cujo projeto, organização e prática pedagógica devem respeitar a diversidade dos alunos, a exigir diferenciações nos atos pedagógicos que contemplem as necessidades educacionais de todos. Os serviços educacionais especiais, embora diferenciados, não podem desenvolver-se isoladamente, mas devem fazer parte de uma estratégia global de educação e visar suas finalidades gerais (BRASIL, 2006, p.41).

Com a migração dos alunos de escolas especiais para escolas regulares, é necessário ater-se às várias especificidades de cada sujeito envolvido. No caso dos alunos Surdos, deve haver não só a presença do tradutor/intérprete e adequações didáticas-pedagógicas, mas também, para que o aluno possa se sentir parte do meio e interagir com ele, uma transformação por parte das escolas regulares. Esta transformação deveria contar com a capacitação de todos os educadores ali envolvidos em torno dos conhecimentos da língua de sinais, bem como nas especificidades da cultura surda, capazes de garantir o direito à inclusão dos alunos Surdos.

³³ Para o desenvolvimento linguístico e cultural, os Surdos necessitam de se identificar em outro Surdo adulto que seja fluente em Libras, para formação da identidade e cultura, pois, como relata Dizeu e Caporali (2005, p. 586), “a necessidade de se colocar a criança surda próxima de seus pares o mais rápido possível, ou seja, em contato com um adulto surdo, fluente em LIBRAS, que será para essa criança o meio mais fácil de propiciar sua aquisição da língua. Nestas condições, adquirindo a LIBRAS, ela se tornará capaz de significar o mundo”.

³⁴ A identidade Surda consiste em aceitar a língua de sinais como língua natural para comunicação e formação, envolver-se a aceitar a Cultura Surda e se identificar nessa cultura.

Para Soares (1999), o modelo de educação para os Surdos presente nas maiorias das instituições de ensino, regulares ou especiais, é voltado para o desenvolvimento da comunicação e não para a formação de conhecimento. Dessa forma, o Surdo ainda é visto pela grande maioria como incapaz de aprender pelo fato de não ouvir e acaba sendo estereotipado pela incapacidade.

De acordo com dados do Censo Escolar/2015, apenas 1,9% dos alunos matriculados na educação básica de Jataí tinha algum tipo de deficiência. De um total de 419 alunos com algum tipo de deficiência, 323 estavam matriculados no ensino fundamental. Desses, apenas 27 conseguiram chegar ao ensino médio (IBGE, 2015). Esses dados nos revelam que os alunos com deficiência ainda são prejudicados com a exclusão escolar.

Além de o Surdo ser estereotipado como incompetente, aqueles que chegam à escola e às séries seguintes, geralmente, não possuem conhecimento mínimo para um bom desenvolvimento cognitivo em relação aos conteúdos que serão trabalhados nesse nível de ensino. Para o psicólogo Lev Semenovitch Vygotsky (1896-1934), a criança é alfabetizada desde o ventre da mãe, quando recebe um nome e essas letras e palavras passam a fazer parte do diálogo afetivo entre a mãe e o bebê (VYGOTSKY, 2001). Assim, conforme o neurologista e escritor Oliver Wolf Sacks (1933-2015), 90% das crianças Surdas crescem como estranhas na sua própria família, pois nascem em um ambiente de pais ouvintes que, na grande maioria, não têm nenhum conhecimento de Libras (SACKS, 1998).

Os professores, ao ensinarem conceitos científicos para os alunos, partem do conhecimento empírico, ou seja, do que estes alunos trazem de informação de casa, para, assim, aprofundar seus conhecimentos. É aqui que acontece a primeira desvantagem do aluno Surdo no processo educacional, pois, devido à falta de comunicação no seio familiar, muitos chegam à escola sem nenhum conhecimento empírico. Muitos comem porque sentem o incômodo da fome, porém, nem sabem que aquilo se chama fome, ou comem porque os outros estão comendo, copiando aquela ação, pois, conforme os professores e pesquisadores Eliziane Streichen e Cibele Krause-Lemk (2014), os Surdos são exímios copistas, mas não têm nem ideia de que aquilo que estão comendo tem nome, como arroz, feijão, carne, entre outros alimentos. Por esses motivos, ressaltamos que os professores precisam compreender essas especificidades quanto ao processo educacional dos alunos Surdos.

Assim, algumas áreas do conhecimento, em razão da forma que é organizado o currículo, poderão ser de difícil compreensão pelos Surdos, porém, para garantir o respeito à diferença, a instituição precisa adequar o conteúdo (BRASIL, 2006). Nesse sentido, pelo fato de que a maioria dos Surdos nasceu em famílias de pais ouvintes e não possui uma comunicação

satisfatória em casa, os professores necessitam, em alguns casos, retomar conteúdos básicos, bem como repensar os conteúdos e a forma de ministrá-los. A aquisição de conhecimento em sala de aula está ligada com o conhecimento prévio dos alunos, experiência da vida diária, e o professor vai moldando e ampliando esse conhecimento (BRASIL, 2006).

Além disso, outra barreira que o professor enfrenta na sala de aula com alunos Surdos é a falta da comunicação entre ele e o aluno Surdo, e mesmo que o professor tenha domínio da língua de sinais, não conseguirá oralizar e sinalizar ao mesmo tempo. Para minimizar esse problema, a escola conta com o trabalho do tradutor/intérprete de Libras. Sendo assim, ao pensar na formação deste profissional, foi sancionada a Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, mediante a supressão de barreiras e de obstáculos nas vias e espaços públicos, no mobiliário urbano, na construção e reforma de edifícios e nos meios de transporte e de comunicação (BRASIL, 2000).

Como objetivo de lidar satisfatoriamente com a crescente migração dos Surdos do ensino especial para o ensino regular e enfrentar a necessidade de promover a acessibilidade desses sujeitos, dado o número pequeno de profissionais para atuarem como tradutor/intérprete de Libras, os Artigos 17 e 18 da referida Lei determinam que:

Art. 17 – O Poder Público promoverá a eliminação de barreiras na comunicação e estabelecerá mecanismos e alternativas técnicas que tornem acessíveis os sistemas de comunicação e sinalização às pessoas portadoras de deficiência sensorial e com dificuldade de comunicação, para garantir-lhes o direito de acesso à informação, à comunicação, ao trabalho, à educação, ao transporte, à cultura, ao esporte e ao lazer.

Art. 18 – O Poder Público implementará a formação de profissionais intérpretes de escrita em braile, linguagem de sinais e de guias-intérpretes, para facilitar qualquer tipo de comunicação direta à pessoa portadora de deficiência sensorial e com dificuldade de comunicação (BRASIL, 2000).

De acordo com a Lei nº 10.098/2000, a finalidade de eliminar as barreiras de comunicação na vida das pessoas, que tenham algum tipo de dificuldade em estabelecê-la, cabe ao Poder Público implementar a formação dos profissionais capazes de facilitar a comunicação dessas pessoas. Porém, somente no ano de 2012, doze anos após a Lei acima mencionada, formou-se a primeira turma de Bacharéis em Tradução e Interpretação da Língua Brasileira de Sinais, por uma parceria do MEC com UFSC. Segundo Quadros (2014), foi ofertado o curso superior a distância (EAD), distribuído em 16 estados brasileiros com polos de ensino, totalizando 312 bacharéis formados em Letras/Libras. Apesar de parecer um número alto, as

pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que, em 2010, 9,7 milhões de pessoas declararam ter algum tipo de deficiência auditiva (IBGE, 2010).

Para que o processo comunicativo entre o professor ouvinte e o aluno Surdo se efetive satisfatoriamente, a figura do intérprete é de suma importância. Todavia, somente a oferta do tradutor/intérprete de Libras, com formação específica, não garante a qualidade na educação de Surdos. As políticas públicas em relação aos Surdos precisam ir além da formação desses profissionais, precisam levar em consideração muitos outros fatores, como a formação de professores qualificados para atuarem frente à educação dessa minoria linguística. Em seu Art. 2º, a Lei nº 10.436/2002 estabelece que:

Art. 2 – Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais - Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das Comunidades Surdas do Brasil (BRASIL, 2002).

Diante disso, devido a essa necessidade de formar profissionais para atuarem no ensino de Surdos, intérpretes e professores, a UFSC, em parceria com o MEC, além de abrir o primeiro curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação da Língua Brasileira de Sinais no país, abriu também o primeiro curso de Licenciatura em Libras, com o objetivo de formar professores de Libras e difundir a língua de Sinais. O curso de Licenciatura em Libras já formou 767 Licenciados por todo país, assegurando a difusão e oficialização da Libras como meio de comunicação dos Surdos (QUADROS, 2014). Outra estratégia para difusão da Língua é a incorporação da disciplina de Libras nos cursos de formação de professores, como está garantido na Lei nº 10.436/2002,

Art. 4- O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, conforme legislação vigente (BRASIL, 2002).

E regulamentado no Decreto nº 5.626/2005,

Art. 3 – A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

§1 – Todos os cursos de licenciatura, nas diferentes áreas do conhecimento, o curso normal de nível médio, o curso normal superior, o curso de Pedagogia e o curso de Educação Especial são considerados cursos de formação de professores e profissionais da educação para o exercício do magistério.

§ 2 – A Libras constituir-se-á em disciplina curricular optativa nos demais cursos de educação superior e na educação profissional, a partir de um ano da publicação deste Decreto (BRASIL, 2005).

Compreendemos, assim, a partir das atribuições legais, a obrigatoriedade da inserção da disciplina de Libras em todos os cursos de licenciatura e no curso de fonoaudiologia, além do oferecimento dessa disciplina, de maneira optativa, para os demais cursos do ensino superior. A partir dessa Lei e Decreto nº 5.626/2005, é notório que a educação dos Surdos começa a ganhar visibilidade. O docente começa a interagir com a cultura, língua e aspectos dos Surdos antes mesmo de assumir uma sala de aula com aluno Surdo, pois o fato de cursar a disciplina de Libras no curso de formação de professores pode contribuir para que o licenciado compreenda esses sujeitos e suas particularidades. Portanto, além dos licenciados em Letras/Libras pela UFSC, várias outras instituições de ensino superior, também ofertam o curso de Letras/Libras, como por exemplo, a própria UFG, que foi a primeira instituição pública do Brasil a ofertar o curso de Letras/Libras na modalidade presencial, a Universidade Federal do Tocantins (UFT), a UFU, além dos licenciados em pedagogia bilíngue do IFSC e do próprio IFG, que, no Câmpus de Aparecida de Goiânia, oferta o primeiro curso de Pedagogia Bilíngue do estado de Goiás, com objetivo principal de formar educador bilíngue. Todos esses licenciados têm como objetivo levar o conhecimento acerca das especificidades da língua, e estimular a comunicação entre os futuros professores e seus alunos Surdos.

Portanto, é imprescindível um olhar crítico sobre esse avanço alcançado pela Comunidade Surda brasileira com a promulgação dessas leis, pois, com a disciplina de Libras alocada nos cursos de Licenciatura, esperava-se que os futuros docentes não mais tivessem dificuldades em lidar com os alunos Surdos. Entretanto, a partir de estudos preliminares, como de Rebouças (2009), Muller (2009), Vitaliano, Dall’Acqua e Brocado (2010), Almeida (2012) e pela leitura comparativa do Decreto nº 5.626/2005, verificamos que a disciplina de Libras foi alocada, mas faltam informações, orientações essenciais para prosseguimento de implantação da disciplina nos programas dos cursos. Como salienta Vitaliano, Dall’Acqua e Brocado (2010, p. 3), o Decreto não dispõe de algumas especificidades da disciplina, tais como:

[...] os conteúdos; a carga horária da disciplina de Libras e sua natureza, se teórica ou prática. Além disso, os seus objetivos não ficam explícitos, pois o fato de prever a obrigatoriedade de uma única disciplina nos cursos

anteriormente citados não garante o domínio da referida língua, que como qualquer outra língua requer para seu aprendizado tempo e treino.

Os trabalhos desses autores nos revelam que, mesmo após os licenciandos terem contato com a disciplina de Libras, ainda não se sentem preparados para atuarem frente ao aluno Surdo, exatamente como apontado nos questionários respondidos pelos licenciandos em nossa pesquisa. No próximo capítulo, faremos um debate teórico sobre a importância da disciplina de Libras na formação de professores, em prol do processo educacional de Surdos.

2 UM DEBATE SOBRE A IMPORTÂNCIA DA LÍNGUA DE SINAIS E DA DISCIPLINA DE LIBRAS NOS CURSOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

No capítulo anterior, realizamos uma discussão em torno dos principais momentos históricos que foram fundamentais para a construção da educação de Surdos, apontamos os primeiros educadores desses sujeitos, enfatizamos o processo de criação da primeira escola pública de Surdos até a criação das duas principais leis que sustentam essa educação no Brasil. A referida legislação, dentre as várias disposições, busca garantir a inclusão da Libras como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores, o que permeia nossas discussões.

Dessa forma, ao compreendermos a importância da língua de sinais para a Comunidade Surda, e diante da necessidade do debate em torno dos limites e das possibilidades da inclusão da disciplina de Libras nos cursos de licenciatura, o objetivo deste capítulo consiste em apresentar o aporte teórico que fundamenta esta pesquisa.

2.1 As especificidades das línguas de Sinais

No Brasil, a história dos Surdos, apesar de muita luta, por um longo período, ganha um capítulo especial partir dos anos de 2000. De forma específica, o Decreto nº 5.626/2005- que regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - (BRASIL, 2005), representou um avanço no sentido do reconhecimento legal de sua diferença linguística. Assim, conforme explicam Mara Lúcia Masutti e o professor da Universidade do Vale do Itajaí, Alejandro García Ramírez (2009),

A sociedade brasileira reconheceu legalmente os direitos dos cidadãos Surdos de acesso à Língua Brasileira de Sinais por meio do Decreto nº 5.626. Tal reconhecimento implica ações efetivas para que as referidas línguas e os saberes das comunidades Surdas possam ser valorizados, expandidos e incorporados pelo tecido social (RAMÍREZ; MASUTTI, 2009, p.15).

Os autores ressaltam a importância do Decreto nº 5.626/2005 na valorização dos Surdos enquanto cidadãos de direitos. Este reconhecimento consiste no resultado de muita luta dos Surdos, de seus familiares e intérpretes que organizaram movimento em prol desta causa. Todavia, para que a legislação se concretize, e tenhamos uma Educação Inclusiva são necessárias ações de toda sociedade.

Vale ressaltar que a Educação Inclusiva tem como fundamento a estruturação de uma escola onde todos tenham acesso ao ensino. Sob os contornos da escola inclusiva, torna-se mais evidente a necessidade de qualificação dos professores, para que pautem suas práticas pedagógicas sob a ótica da diversidade humana. Na proposta de estruturação da escola inclusiva, compreendemos que não basta ao professor dominar determinados conteúdos, torna-se preciso que ele saiba como ensinar, como intervir, como participar de forma mais efetiva e eficaz na formação de cada educando, respeitando suas especificidades. Tal afirmação preceitua na Resolução do CNE/CEB em seu artigo 2º, o qual dispõe que:

os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizarem-se para o atendimento aos educandos com necessidades especiais, assegurando as condições necessárias para uma educação de qualidade para todos (BRASIL, 2001).

Deste modo, Moran (2013), ressalta que a educação de qualidade é uma educação inovadora, aberta, dinâmica, participativa, que integra docentes bem preparados, e que visa o atendimento diferenciado ao educando, em que habilidades e limitações são observadas e analisadas. Em muitas situações, o déficit de aprendizagem do Surdo é visto como problemas de ordem cognitiva e intelectual, entretanto, este déficit, na maioria das vezes, são os resultados de uma didática inadequada e até mesmo incoerentemente trabalhados com a pessoa Surda.

Por essa via, Ramirez e Masutti (2009) evidenciam o fato de que o fracasso escolar do educando Surdo se relaciona com a inadequação da escola para atender às suas especificidades de aprendizagem. Os autores afirmam que nas escolas falta a fluência na língua de sinais, a qual consiste na língua natural diferenciada dos Surdos, também, falta a formação voltada para a cultura oral-auditiva e o conhecimento de sua Cultura Surda nos cursos de licenciatura.

Na perspectiva da educação dos Surdos, a Libras e a cultura própria dos Surdos se tornam elementos norteadores para a construção da prática pedagógica. Nos termos do DCN (Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica), as especificidades do educando passam a ser vistas como legitimadoras para as adaptações curriculares (BRASIL, 2013). Assim, para obter uma formação sólida, com o objetivo de atender às especificidades do educando Surdo, o professor deve ter conhecimento e um mínimo de domínio da Língua de Sinais, em termos de sua estrutura, funcionamento, manifestações e variações linguísticas e culturais. Além disso, é preciso também que o professor tenha domínio de uma metodologia de ensino e aprendizagem voltada para o educando Surdo. As palavras de Vitaliano, da professora de educação especial Maria Canazza Dall'Acqua e da linguista e professora Sonia Dechandt

Brochado também reforçam, a necessidade de que o professor conheça a língua de sinais ao afirmarem que: “O processo de inclusão dos alunos Surdos nas classes comuns do ensino regular imprime a necessidade dos professores dominarem minimamente a Libras” (VITALIANO; DALL’ACQUA; BROCHADO, 2010, p. 112-113).

Possivelmente esses motivos, o ensino de Libras nos cursos de formação de professores foi um assunto que se intensificou na década posterior à aprovação da Lei de Libras 10.436/2002, que reconhece a Língua Brasileira de Sinais como meio legal de comunicação e expressão da comunidade Surda brasileira e que, posteriormente, foi regulamentada pelo Decreto Presidencial 5.626/2005. A referida legislação definiu aspectos fundamentais sobre essa língua (BRASIL, 2002; 2005).

Diferentemente do que muitos ainda pensam, a Língua de Sinais não é apenas uma linguagem, mímicas ou gestos soltos, ela é uma forma de comunicação, com estrutura gramatical própria e diferente das línguas faladas. Tais afirmações encontram respaldo nos estudos de Stokoe (1920-2000), o qual apresentou ao mundo os elementos linguísticos da língua de sinais, a partir da análise dos níveis fonológicos e morfológicos desta língua (PIZZIO; QUADROS; REZENDE, 2009).

Quadros e Karnopp (2004) apresentam que após os estudos de Stokoe, outros autores também reconheceram a língua de sinais no contexto das investigações linguísticas, como por exemplo, o linguista, filósofo e cientista, Avram Chomsky (1995), bem como o linguista e filósofo suíço Ferdinand Saussure (1857-1913). Ambos realizam pesquisas na área do contexto linguístico, o que reforça ainda mais a existência, veracidade e complexidade das línguas de sinais, assim como das línguas faladas.

Entretanto, para a professora de psicologia da UNICAMP Lúcia Reily (2008), ainda é bastante comum encontrarmos quem acredite que a Língua de Sinais é somente o alfabeto manual. Essa falácia se trata de mais um mito em relação a essa língua. Assim, para o linguista americano reconhecido nos estudos das línguas no campo da sintaxe e da semântica Ray Jackendoff (1994 apud PIZZIO; QUADROS; REZENDE, 2009, p.9)

A coisa mais importante que eu quero destacar é que ASL é uma língua. Claro, ela parece ser completamente diferente de outras línguas já conhecidas como o inglês, o russo e o japonês. Isso significa que a transmissão não é através do trato vocal criando sinais acústicos que são detectados pelo interlocutor por meio da audição. Ao invés disso, os gestos do sinalizador criam sinais que são detectados pelo interlocutor por meio do sistema visual. [...] O sistema periférico é diferente, mas a atividade inerente é a mesma.

Os autores se reportam a Língua Americana de Sinais para demonstrar que ela, diferente das outras línguas faladas, possui como canal transmissor da comunicação, os gestos, que se traduzem em sinais que são detectados pelo sistema visual. Isto é, trata-se de uma língua em que a comunicação é de natureza visual e gestual.

Assim, apesar da diferença, do canal transmissor da comunicação - línguas faladas: oral e auditivo; línguas de sinais: espaço-visual - as línguas de sinais possuem todos os níveis linguísticos das línguas orais, pois, a professora do INES, Tanya Amara Felipe, ressalta a expressividade e amplitude das línguas de sinais, ao afirmar que os trabalhos científicos sobre as referidas línguas,

[...] vêm mostrando que essas línguas são tão compatíveis quanto em complexidade e expressividade a quaisquer línguas orais. Elas expressam ideias sutis, complexas e abstratas. Os seus usuários podem discutir filosofia, literatura ou política, além de esportes, trabalho, moda e utilizá-las com função estética para fazer poesias, teatro e humor (FELIPE, 1997, p. 81).

Isto é, as línguas de sinais não se tratam de línguas limitadas ou pobres de vocabulário, pois, elas são capazes de expressar situações concretas, bem como as mais abstratas e subjetivas, como os sentimentos, entre outros. Assim, essas línguas contribuem para que o sujeito Surdo compreenda e atue na realidade de forma ativa.

Nessa perspectiva, compreendemos a Libras enquanto uma língua natural desenvolvida pela comunidade Surda, cuja modalidade é espaço-visual, ou seja, a Libras utiliza: as mãos, o corpo, os movimentos e o espaço de sinalização (QUADROS; KARNOPP, 2004). Dessa forma, é diferente da modalidade oral-auditiva das pessoas ouvintes. Assim, é através da visão que o aluno Surdo compreende os conteúdos. Mesmo assim, as línguas são compostas de todos os níveis linguísticos, como, fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático e possui estrutura gramatical própria, sendo adequadas para transmitir informações e para ensinar (QUADROS; KARNOPP, 2004).

A partir de tais afirmações sobre a essencialidade das línguas de sinais, compreendemos a importância destas para os Surdos, por se consistir em uma forma de comunicação para os mesmos. Assim, direcionamos a nossa discussão para a educação escolar das pessoas Surdas, pois além da necessidade de serem instruídas a partir de sua língua materna, a Libras, necessitam também que seja levada em conta a sua subjetividade educativa visual.

2.2 A LIBRAS como disciplina obrigatória nos cursos de licenciatura

Nas últimas décadas (final do século XX e início do século XXI), os Surdos organizados em movimentos sociais, gradativamente, estabelecem como prioridade o reconhecimento e a valorização da língua de sinais, bem como o acesso e a permanência dos mesmos nas instituições de ensino. Todavia, a educação escolar dos Surdos precisa contemplar, de acordo com a professora do INES, Ana Luísa Antunes (2012, p. 13),

[...] recursos visuais, uso da língua de sinais, estratégias de ensino da língua portuguesa como segunda língua, além de uma série de outras (re) formulações, inclusive sensibilidade do professor, para o (re) conhecimento das necessidades educativas dos sujeitos.

A referida afirmação nos permite compreender que o professor das salas que têm alunos Surdos precisa ir além das aulas tradicionais, as quais, dentre outros instrumentos, contam apenas com o professor detentor do conhecimento e aulas expositivas com o auxílio do quadro e giz. O professor precisa pensar em estratégias que contemplem a percepção visual do aluno Surdo; compreender a cultura em que esse sujeito está inserido; entender como ele assimila o conteúdo (ANTUNES, 2012).

Compreendemos que grande parcela dos professores conhecem a surdez³⁵ somente do ponto de vista clínico, de modo que conhecem apenas a deficiência auditiva de seus alunos, ou ainda conhecem somente as dificuldades. Isto é, muitos professores não entendem a surdez a partir de um olhar Surdo³⁶, muito menos seu modo de pensar e sentir, sua Língua de Sinais, e a importância da mesma na vida de seus usuários. Em consequência desse não entendimento, os professores, geralmente, desconhecem as potencialidades, as possibilidades desses alunos (ALMEIDA, 2012).

Nesse sentido, o Decreto Presidencial nº 5626/2005, regulamentou, além de outras ações, a questão do ensino da Libras como disciplina obrigatória nos cursos de formação de professores (BRASIL, 2005). Essa conquista é oriunda de um contexto histórico, político e social de luta pelos direitos humanos e direitos linguísticos dos Surdos. Trata-se de um debate

³⁵ O termo “surdez” é utilizado no meio da medicina como privação total ou parcial da audição, evidenciando a *deficiência*, considerando o Surdo como *sofredor*, *doente*, porém, os Surdos, enquanto grupo organizado culturalmente, não se definem como *deficientes*, ou seja, para eles o mais importante não é frisar a atenção sobre a *falta/deficiência da audição* - os Surdos se definem de forma cultural e linguística (WRIGLEY, 1996, p. 12).

³⁶ Os Surdos, não se consideram deficientes, se consideram como uma diferença linguística, pois utilizam uma língua de sinais. Valorizam sua história, arte e literatura e propõem uma pedagogia própria para a educação das crianças Surdas.

amplo esclarecido pela produção teórica de Felipe (1997), Schmitt (2008) e Pizzio, Quadros e Rezende (2009), entre outros, que dentre várias questões, ressaltam a importância da adoção de estratégias para o reconhecimento da Libras. Por essa via, a psicóloga Patrícia Marcondes Cunha nos esclarece que,

[...] no sentido de sanar essa deficiência de professores linguisticamente capacitados, políticas públicas passam a entrar em vigor de modo a garantir que a Língua Brasileira de Sinais efetivamente funcione “como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades Surdas do Brasil”, conforme expresso na Lei Nº. 10.436, de 2002 (CUNHA, p. 68, 2007),

Isto é, torna-se necessário que as políticas públicas de educação dos Surdos se voltem também para os cursos de formação docente. Com o objetivo de formar professores linguisticamente capacitados, o que consequentemente poderá contribuir para que a Libras possa efetivamente se constituir em um meio de comunicação para as pessoas Surdas. Nesse sentido de difusão da Libras, o pesquisador de Libras do Grupo de Estudos Surdos da UFSC, Deonísio Schmitt (2008, p. 117-118), aponta a necessidade de expandir a Língua de Sinais nas escolas também para educandos ouvintes, ele ressalta que “[...] é preciso expandir o curso de Língua de Sinais nas escolas [...] para que os ouvintes entendam a cultura Surda, identidade e movimentos Surdos.” Ressaltamos que muitas são as discussões acerca do reconhecimento linguístico da língua de sinais, e em meio a essa discussão o poder público reconheceu oficialmente a Libras como língua da comunidade Surda brasileira, por meio da Lei nº 10.436, e as empresas concessionárias de serviço público foram obrigados a garantir formas institucionalizadas para apoiar o uso e difusão da Libras, de modo que:

Art. 2º Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades Surdas do Brasil (BRASIL, 2002).

Para efetivar a difusão da Libras, ainda de acordo com a referida Lei, o sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão do ensino da Libras nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior (BRASIL, 2002). Já o Decreto nº 5.626/2005, o qual regulamenta a Lei citada acima, estabelece de forma mais detalhada, quais os cursos e os tipos de instituições que devem viabilizar Libras como disciplina curricular obrigatória. São os seguintes:

Art. 3º A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios (BRASIL, 2005).

Para os demais cursos superiores a disciplina de Libras deve ser oferecida de forma eletiva. Isto é, conforme a legislação:

Art. 2º A Libras constituir-se-á em disciplina curricular optativa nos demais cursos de educação superior e na educação profissional, a partir de um ano da publicação deste Decreto (BRASIL, 2005).

Dentre as várias disposições para a efetivação da Libras apresentadas tanto na Lei nº 10.436, quanto no Decreto nº 5.626/2005 compreendemos a emergência para garantir a Libras, capaz de assegurar ao aluno Surdo o acesso e a permanência nas instituições de ensino. Assim, a partir da aprovação desta legislação, para inclusão de Libras como disciplina curricular obrigatória, estabeleceu-se um prazo para que a mesma entrasse em vigor, o que obrigou que as Instituições de Ensino Superior começassem a implementar essa disciplina.

Nesse sentido, compreendemos que precisamos questionar o papel da disciplina de Libras para formação de licenciados, e como que, de fato, essa disciplina pode contribuir para o conhecimento acerca das especificidades dos educandos Surdos. Por essa via, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no art. 61, parágrafo único, inciso I, no que trata da formação dos profissionais da educação, estabelece que estes profissionais devem ter uma formação sólida que lhes propicie conhecimentos dos fundamentos científicos e sociais de suas competências de trabalho, de modo a atender às especificidades do exercício de sua atividade como professor, com conhecimento acerca da singularidade linguística manifestada pelos Surdos (BRASIL, 1996).

Entretanto, Antunes (2012) relata que a escola ainda não está preparada para receber com dignidade³⁷ o aluno Surdo. Segundo a autora, por falta de conhecimento da maioria dos professores que não tiveram formação específica, geralmente, entendem os Surdos como *incapazes de aprender*. Assim, consideram que a inclusão desses sujeitos é pensada simplesmente para proporcionar-lhes uma interação social, e não intelectual, mas como já mencionamos anteriormente, os Surdos não têm nenhum comprometimento intelectual, é

³⁷ A expressão dignidade é utilizada para reforçar o respeito, o valor do sujeito Surdo e de sua língua. Sendo aceito como sujeito com cultura e com língua própria.

preciso que a escola e os professores sejam preparados, didaticamente e/ou metodologicamente para atender esse público, uma vez que, de acordo com o psicólogo e educador Samuel Kirk (1904-1996) e para o especialista em educação especial James Gallagher (1926-2014), o processo de ensino-aprendizagem dos Surdos pode ficar comprometido pelo fato de que estes apresentam dificuldades em receber e produzir a linguagem imposta a eles:

As crianças com deficiência auditiva apresentam alguns dos problemas mais difíceis e desafiantes para a educação especial. A perda auditiva interfere tanto na recepção da linguagem quanto na sua produção. Pelo fato de a linguagem interferir em praticamente todas as dimensões do desenvolvimento, a incapacidade de ouvir e falar é uma deficiência crítica, que pode dificultar o ajustamento social e acadêmico (KIRK; GALLAGHER, 1996, p.230).

Assim, como relatado no primeiro capítulo, a grande maioria das crianças Surdas nascem em famílias de pais ouvintes sem o mínimo de conhecimento sobre a surdez, e o acesso a língua só tem início na sala de aula, geralmente, com o intérprete de Libras, sendo que a função desse profissional é outra, mediar a comunicação entre Surdos e ouvintes, e não ensinar Libras, muito menos o conteúdo da disciplina (LACERDA, 2006). Nesse sentido, os Surdos entram na alfabetização, sem um mínimo de conhecimento prévio e necessário para o desenvolvimento escolar. No entanto, este contexto pode ser modificado, uma vez que de acordo com Quadros, citado por Almeida (2012), os estudos e pesquisas

[...] comprovam que as crianças Surdas que têm contato com a língua de sinais desde o nascimento, passam pelas mesmas fases ou fases semelhantes de desenvolvimento da linguagem. São os casos das crianças Surdas filhas de pais Surdos. Porém essa não é a realidade da maioria das crianças Surdas no mundo e no Brasil (QUADROS, 2008 apud ALMEIDA, 2012, p.28)

Conforme os autores supracitados, para o desenvolvimento linguístico e cognitivo do aluno Surdo torna-se necessário que as crianças surdas, desde o nascimento, tenham contato com a língua de sinais. A professora da UFSC, Gladis Perlin (2006), compartilha essa afirmação e ressalta que é preciso que os alunos Surdos, na mais tenra idade, tenham professores Surdos, assim esses alunos terão a oportunidade de se identificar na Cultura Surda e terão a língua de sinais como língua materna natural para comunicar e adquirir conhecimento. Ainda de acordo com a autora, os alunos matriculados nas escolas regulares também necessitam da presença do professor Surdo, mas, para que isso aconteça, a escola precisa se adequar para receber também esse educador.

Por essa via, Merselian (2009 apud ALMEIDA, 2012) constatou que a realidade de uma escola mais inclusiva, capaz de respeitar a diferença dos Surdos, pode ser possível, ao analisar o investimento, por parte da escola inclusiva do município de Arapongas-PR, ao qual reformulou seu projeto pedagógico, e introduziu a Libras como disciplina curricular. Para tanto, contratou um professor Surdo, que além de atuar com ensino de Libras a todas as séries do 1º ao 5º ano, ministrou uma formação para os demais professores ouvintes para domínio da Libras, o que trouxe resultados positivos. Nessa perspectiva, os professores mudaram a metodologia de trabalho e isto refletiu na melhora do desempenho educacional dos alunos Surdos e ouvintes.

Assim, Mendes, Figueredo e Ribeiro (2015), salientam que o contexto real da educação dos sujeitos Surdos, ainda necessita de inúmeras mudanças, uma vez que os autores afirmam que a inclusão não é simplesmente inserir, alocar ou integrar o aluno Surdo no espaço escolar. Ela deve atender à diversidade e contemplar conhecimentos sobre as especificidades de todos os alunos, bem como observar os aspectos linguísticos e pedagógicos. Assim, Tavares e Carvalho (2010) e Vitaliano, Dall'Acqua e Brochado (2010), reforçam que a maioria das escolas não estão preparadas para receber esses alunos, e que são necessárias algumas mudanças para que a educação desses alunos aconteça de fato.

Nesse sentido, Almeida (2012) salienta que o ensino da modalidade oral da língua majoritária aos alunos Surdos, ou seja, a oralização, não deve ser responsabilidade da escola, pois, a carga horária não seria suficiente, além de prejudicar o currículo proposto para educação regular, envolvendo Surdos e ouvintes. Esse ensino oral deveria ficar a cargo dos profissionais da área de fonoaudiologia, visto que os professores nem possuem formação específica para tal. Ainda para a autora, o ensino da oralidade, seria mais um recurso para facilitar a vida das pessoas Surdas na sociedade.

Assim, para a escola, fica a responsabilidade de formar o cidadão, de pensar no processo ensino-aprendizagem, e atentar as especificidades dos sujeitos Surdos. Porém, segundo Almeida (2012, p.30), “são necessários investimentos na formação dos profissionais da educação”. Nessa mesma perspectiva, Almeida (2012) ressalta que a implementação da disciplina de Libras como obrigatória nos cursos de formação de professores, “nos faz supor que seu principal objetivo seja o de preparar profissionais para lidar com alunos Surdos nas salas de ensino regular” (ALMEIDA, 2012, p.31). Ainda para a autora, a disciplina de Libras deverá proporcionar ao futuro docente, conhecimento da Língua de Sinais Brasileira, pois contribuirá para o contexto educacional dos Surdos.

Quadros e Ana Regina Campello, linguista e professora do INES (2010), defendem a importância de que os professores possam compreender o sujeito Surdo, bem como a relevância

da disciplina de Libras nos cursos de formação de professores. Almeida e Vitaliano (2012, p.2) também argumentam a importância da disciplina de Libras para a formação de Professores e consideram que:

[...] na perspectiva da inclusão escolar de alunos com Necessidades Educacionais Especiais (NEE), não se pode mais ignorar as diferentes condições de aprendizagem dos alunos que integram o sistema de ensino, de modo a proporcionar-lhes uma educação de qualidade (ALMEIDA; VITALIANO, 2012, p.2)

As autoras comentam que, para a inclusão dos alunos Surdos, é dado maior ênfase ao acesso à escola do que a uma educação de qualidade. Isto é, consiste em uma busca por quantidade, onde a qualidade pouco interessa. De acordo com Ferreira (2003), o sujeito Surdo,

[...] não é apenas de ordem biológica, como se costuma pensar. É de ordem linguística e, portanto, cultural. Não se pode negar que o Surdo tenha uma deficiência auditiva. Entretanto, quando amparado pela aparelhagem adequada, ele pode ouvir ruídos da rua, música, etc. [...] Porém, não ouve com a devida nitidez os sons da língua “oral” e não conta com o feedback linguístico, tão importante no processo de aquisição de uma língua. E o atraso no desenvolvimento linguístico acarreta atraso no desenvolvimento cognitivo (FERREIRA, 2003, p. 74).

Assim, a formação de professores, na perspectiva de inclusão escolar de educandos Surdos, precisa atentar à sua língua, história e cultura, torna-se preciso entender também que por mais que o Surdo seja submetido a aparelhos auditivos, estes não terão a mesma disposição que o ouvido humano durante o seu processo de aquisição da língua ou em seu processo de ensino-aprendizagem. Ainda, mantendo o foco na educação de qualidade, Brzezinski (2008) conceitua o termo qualidade social como sendo:

[...] fundamentada na concepção histórico-social e que tem como paradigma educacional as relações entre cultura, sociedade e educação [...] sendo o processo marcado pela complexidade do conhecimento, pela crítica, pela reflexão-ação, pela criatividade, pelo reconhecimento da identidade dos envolvidos nos processos e pelas relações estabelecidas na mediação entre formadores e aprendentes (BRZEZINSKI, 2008, p. 1141-1142).

Diante dessa situação, precisamos mudar a realidade educacional, de modo que o contexto educacional que estes sujeitos estão inseridos ressalte e reflita sobre a cultura e identidade específicas dos Surdos. As Leis existem, portanto, não é falta de legislação para educação de Surdos, pois de acordo com Tavares e Carvalho (2010):

Percebe-se que em nosso país, entre os documentos que compõem o conjunto de leis denominado Políticas Públicas e sua implementação, há um grande fosso. Com as políticas públicas educacionais na área de educação de Surdos, não é diferente. Há lei para acessibilidade que garante intérprete de Língua de Sinais/Língua Portuguesa durante as aulas, flexibilidade na correção das provas escritas, materiais de informação aos professores sobre as especificidades do aluno Surdo etc. Mas, na prática, o que se percebe, é o aluno Surdo mais excluído do que incluído nas salas de aula regulares, enfrentando dificuldades, que, muitas vezes os seus familiares é que tentam minimizar, buscando soluções nem sempre eficientes para ajudá-los. Por outro lado, professores, em sua maioria, sem conhecimento mínimo da Libras e, algumas vezes, subsumido por uma carga horária de trabalho exaustiva, não têm tempo para buscar uma formação continuada na área (TAVARES; CARVALHO, 2010, p. 3-4).

As autoras ressaltam que todas as mudanças necessárias para uma educação de qualidade para os Surdos são amparadas legalmente, entretanto, existe uma grande lacuna entre o documento e as políticas públicas capazes de efetivá-lo. Elas afirmam ainda que, na maioria das vezes os alunos Surdos são mais excluídos do que incluídos no contexto educacional.

Para Libâneo (1998), momentos de formação continuada contribui para uma ação reflexiva dos professores. Uma vez que irão repensar e reformular sua prática, contribuindo na melhoria das atividades e exercícios dentro de sala de aula. Ao refletirmos a afirmação de Libâneo, no contexto de nossa pesquisa, compreendemos que a educação escolar de Surdos nas primeiras décadas do século XXI, exige um professor capacitado e preparado para atuar com os alunos em questão, pois cada vez mais os Surdos estão presentes no cotidiano das escolas regulares. “Na busca da educação continuada é necessário ao profissional que acredita que a educação é um caminho para a transformação social” (BEHRENS, 1996, p. 24). Isto é, torna-se necessário que o professor reflita constantemente sobre o seu trabalho com os alunos Surdos, por meio da formação continuada.

Assim, diante de um cenário de tantas diversidades no ambiente escolar, se torna necessária uma formação de professores, conhecedores de práticas pedagógicas diferenciadas, para que o ensino seja garantido a todos na escola. Nesse contexto, a formação acadêmica constitui um grande desafio para as políticas públicas e para os profissionais da educação, de modo que, investir tanto na formação inicial como continuada desses profissionais é algo fundamental para melhorar a qualidade da educação inclusiva no Brasil. Nesse sentido, Raimann (2014) resalta que, para refletirmos sobre formação inicial e formação continuada de professores, é necessário levar em conta a diversidade cultural da sociedade brasileira, e a necessidade de cobrar do Estado a implantação de políticas públicas para estas formações.

Entretanto, na contramão desta necessidade em estabelecer políticas públicas capazes de valorizar a diversidade cultural, a inserção do professor na educação de Surdos tem se dado de forma conflituosa e isso se deve essencialmente à falta de preparo dos docentes para lidarem com as diferenças no espaço escolar (BUENO, 1999). Ainda segundo o autor, para sanar esse problema, “deve ser incluída uma política de formação docente, pois a qualidade do professorado joga papel fundamental, embora não único, nesse processo de qualificação do ensino” (BUENO, 1999, p. 14).

Em tese, para o escritor e professor Vitor da Fonseca (1995), a preparação de todos os professores deve acontecer com urgência, para que a inclusão aconteça de fato. Contudo, compreendemos que a proposta da disciplina de Libras é a de oferecer conhecimentos básicos dessa língua. Mas além do conhecimento básico em sinais, visto que o professor em sala de aula é subsidiado por um intérprete de Libras, o professor precisa saber como o Surdo internaliza os conteúdos, pois assim, eles poderão compreender e relacionar-se com seus educandos Surdos e, conseqüentemente, com suas diferenças e necessidades individuais (QUADROS; CAMPELLO, 2010).

Deste modo, no próximo capítulo faremos a análise dos dados coletados e a apresentação do produto educacional, com o objetivo de contribuir com a formação dos licenciandos e licenciados no trabalho com alunos Surdos.

3 LIBRAS NA FORMAÇÃO DE PROFESSOR E SUAS CONTRIBUIÇÕES

Neste capítulo, faremos a análise dos dados coletados por meio de observação das aulas de Libras; leitura das ementas dos cursos de licenciatura, dos planos de ensino dos professores de Libras e questionários aplicados aos docentes e alunos da disciplina de Libras. Assim, para entender como a disciplina de Libras pode contribuir para a prática dos futuros licenciados, esta pesquisa foi pautada pelos princípios da abordagem qualitativa. Nossa investigação consiste em um conjunto de diferentes técnicas interpretativas, que buscam descrever e decodificar os componentes de um sistema complexo de significados (NEVES, 1996). Compreendemos que essa abordagem se insere em um espaço dialógico entre o pesquisador e os diferentes elementos que compõem o processo de pesquisa, de modo que a descoberta e a validação de processos são mais relevantes do que a lógica de prova, a qual determina as pesquisas quantitativas (SOUZA, 2007).

Em relação à pesquisa de abordagem qualitativa, Lüdke e André (1986) consideram que essa se caracteriza por acontecer em um ambiente natural, o qual corresponde como sua fonte direta de dados e o pesquisador consiste em seu principal instrumento. Trata-se de uma relação dialética entre o pesquisador, o ambiente que será pesquisado e todo o contexto social que envolve esse ambiente. Assim, as autoras ressaltam que na pesquisa qualitativa, os dados coletados precisam ser predominantemente descritivos, tais como: a descrição das pessoas envolvidas, das situações, dos acontecimentos, ou seja, todos os dados considerados importantes que enriquece todo o material obtido em descrição das pessoas envolvidas. Ainda para as autoras, nesta abordagem, o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador, sendo que a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo, porém, isso não implica na inexistência de um quadro teórico que oriente a coleta e análise dos dados. Isto é, a preocupação com o processo é maior do que com o produto.

A partir das questões que circundam a abordagem qualitativa, apresentaremos uma análise do ementário e da matriz curricular dos cursos de licenciatura da UFG, do plano de ensino dos professores da disciplina de Libras. Traremos também, informações acerca de como acontecem as aulas de Libras dessa instituição de ensino superior, além de debater sobre a carga horária da disciplina, bem como os entendimentos dos docentes e alunos licenciandos acerca da referida disciplina. Assim, buscamos compreender o ambiente, os sujeitos, as situações sociais que envolvem o nosso objeto de estudo.

Por essa via, a modalidade de pesquisa escolhida para compreender melhor o nosso objeto, foi o estudo de caso, o qual é destacado por Triviños (1987), como uma das modalidades

mais relevantes entre os tipos de pesquisa qualitativa, por entender que o objeto precisa ser analisado profundamente. Desse modo Lüdke e André (1986), nos esclarecem que o estudo de caso é um tipo de pesquisa em um campo de trabalho mais específico, ao qual deve ser sempre bem delimitado, “trata-se, por exemplo, do estudo de uma professora competente de uma escola pública, ou de classes de alfabetização, ou do ensino noturno” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 44), ao qual se destaca por se constituir numa unidade dentro de um sistema mais amplo.

Por se tratar de uma pesquisa que se aproxima da avaliação de um programa, tendo em vista a análise da disciplina de Libras, utilizamos uma técnica que é comum para a coleta de dados, a observação, que, segundo Triviños (1987), se define por uma categoria típica de uma pesquisa qualitativa. Para Gil (2011), a observação é um elemento fundamental e desempenha um papel imprescindível no processo de pesquisa. É necessária a formulação do problema, passando pela construção de hipótese, coleta, análise e interpretação dos dados, porém é na coleta de dados que seu papel é mais evidente. Ainda para o autor, a observação é um método de investigação, pois nada mais é do que o uso dos sentidos com o propósito de adquirir conhecimentos para o cotidiano. Assim, a observação leva vantagem em relação a outras técnicas, pois os fatos são percebidos diretamente, sem qualquer intermediação.

Deste modo, compreendemos que a partir do problema levantado de como a disciplina de Libras pode contribuir para a prática dos futuros licenciados, para que eles propiciem a construção do conhecimento a seus alunos Surdos, observamos as aulas da disciplina de Libras a fim de identificar: como essas aulas são conduzidas; qual a prática pedagógica utilizada pelo docente no dia a dia das aulas; quais os conhecimentos que os licenciandos adquirem a respeito do sujeito Surdo e se esse conhecimento pode possibilitar aos futuros licenciados condições de receber alunos Surdos e adequar suas aulas e, principalmente, verificamos se as aulas de libras, possui como objetivo mostrar aos licenciandos informações a respeito das especificidades do Surdo, ou se somente ensina os léxicos³⁸.

Utilizamos também como instrumento para coleta de dados, a aplicação de questionário, que, de acordo com Gil (1998, p.121), pode ser definido como técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc.

Os questionários foram realizados com os docentes e acadêmicos dos cursos de licenciatura da UFG/Regional Jataí, com o intuito de obter dados para essa pesquisa. Além dos

³⁸ É o conjunto de palavras de um determinado idioma e que permite as pessoas se comunicarem.

questionários e das observações e das análises das ementas e matrizes curriculares, realizamos também uma entrevista em Libras com um professor Surdo da disciplina de Libras da instituição citada.

3.1 Aulas de Libras na UFG/Regional Jataí

A UFG/Regional Jataí conta com quatro professores de Libras, sendo um efetivo (professor Surdo), e três substitutos (professores ouvintes). Assim, para compreendermos o desenvolvimento dessas aulas de Libras, verificarmos como são ministradas, como ocorre a interação dos licenciandos com a disciplina de Libras, e como os conteúdos são apresentados aos futuros docentes, acompanhamos de duas a três aulas de cada professor de Libras. Sabemos que o acompanhamento de apenas dois ou três encontros de um total de dezesseis (quantidade de aulas da disciplina de Libras), é só um fragmento da metodologia e dinâmica utilizada pelo professor, porém, nos permitiu verificar o desenvolvimento de vários temas como: História dos Surdos, com ênfase no Congresso de Milão, temas práticos como aula de alfabeto manual, verbos, família, escola e antônimos, além de muita prática comunicativa. Assim, os conteúdos trabalhados na disciplina de Libras, exceto o conteúdo referente ao Congresso de Milão, nos levam a entender que o foco das aulas de Libras é o aprendizado dos sinais, ensinar léxicos com intenção de tornar o licenciando proficiente em Libras. No próximo subtítulo deste capítulo, que trata da análise das ementas e do plano de ensino, será reforçado o direcionamento que foi dado à disciplina de Libras nos cursos de formação de professores.

A UFG/Regional Jataí conta atualmente com um intérprete efetivo e cinco intérpretes contratados, todos atuam exclusivamente no acompanhamento de alunos Surdos matriculados nos diversos cursos oferecidos pela instituição. Porém, os intérpretes, quando solicitados antecipadamente, conseguem se organizar e prestar uma ajuda ao docente de Libras Surdo. Assim, a aula sobre História dos Surdos, com ênfase no Congresso de Milão, foi ministrada por um intérprete da instituição, pois como o professor da disciplina é Surdo, preferiu pedir ajuda do intérprete para facilitar a compreensão dos licenciandos.

O Decreto 5.626/2005, artigo 7º, parágrafo 1º, estabelece que a pessoa Surda terá prioridade em ministrar as aulas de Libras (BRASIL, 2005). Quanto ao mérito de quem deve ministrar as disciplinas de Libras, se é o professor ouvinte ou professor Surdo, não entraremos nessa discussão, porém, precisamos atentar quanto à acessibilidade desse professor Surdo nessa instituição de ensino federal, pois, de acordo com a justificativa do professor, devido à falta de conhecimento da língua de sinais pelos acadêmicos, não é possível ele sozinho, ministrar uma

aula teórica, portanto, pede ajuda ao intérprete. Entretanto, a disciplina de Libras nos cursos de formação docente exige que grande parte dela seja teórica, dessa forma, questionamos se este professor não deveria contar com um intérprete de Libras exclusivo.

Para Vitaliano, Dall'Acqua e Brocado (2010), a recomendação do decreto acima, tem encontrado algumas barreiras, como a dificuldade do professor Surdo de se comunicar com os demais integrantes da comunidade acadêmica, sendo que as instituições não contratam intérpretes para acompanhar esses professores.

Outro fato que nos chamou a atenção foi a apresentação de um vídeo por um dos professores ouvintes. O vídeo continha uma narração de um casal, mulher Surda e homem ouvinte, relatando a questão do Surdo em conseguir falar, o que contribuiu para a desmistificação do Surdo como sendo *surdo-mudo*. Pois, o fato dos Surdos não conseguirem falar, é por não terem frequentado um tratamento fonoaudiólogo, com foco no aprendizado da fala. Portanto, é importante que os alunos compreendam que os Surdos não são *surdos-mudos*, e que possuem as cordas vocais. Para a fonoaudióloga da Secretaria da Saúde do Rio de Janeiro Aline do Carmo Prado (2007), por não possuir o *feedback* auditivo, o Surdo não desenvolve controle sobre sua voz. Isto é, ele não é mudo, apenas surdo, mas, se for encaminhado para um tratamento fonoaudiólogo poderá desenvolver a fala.

Porém, como na sala havia um aluno que era Surdo, esse professor solicitou que ele pronunciasse alguma palavra, o aluno Surdo ficou muito constrangido, mesmo assim, fez o que lhe solicitara. Esta situação nos fez compreender que o Surdo se reconhece como sujeito com língua própria que é a Libras e com cultura específica. Não necessita de aprender a falar para interagir em sociedade, portanto, estimular os Surdos para o aprendizado da fala em detrimento do aprendizado da Libras é considerado pelos Surdos como imposição, como vimos no primeiro capítulo.

Assim, ressaltamos que o professor, antes de estimular nos acadêmicos a possibilidade da fala dos Surdos, deveria mostrar a Libras como língua oficial dessa comunidade, adquirida a partir de muita luta, mostrar o quão é difícil e sofrido para o Surdo aprender a falar. O processo de aprender a falar é visto como uma experiência árdua que não trouxe nenhum desenvolvimento ao Surdo e reforça os estigmas de deficiente e de incapaz atribuídos a esses sujeitos (CROMACK, 2004). Nesse sentido, Witkoski (2009), ainda afirma que:

A questão de a diferença do ser Surdo ser percebida pelo foco da deficiência é que perpetua a obstinação em fazer o Surdo falar na mesma modalidade do ouvinte, sob a lógica ouvintista e normalizadora, ancorada no argumento de

que se o Surdo aprender a falar português estará incluído na sociedade, visto que esta é a língua majoritária (no caso do Brasil) (WITKOSKI, 2009, p. 564).

Assim, para a autora, devido à imposição da lógica ouvintista, os Surdos são submetidos a intermináveis treinamentos, e mesmo após aprender a falar a língua portuguesa, geralmente, não são aceitos na comunidade ouvinte, pois o jeito de falar é diferente, como estrangeiro ou com fala truncada, o que nem sempre se configura como uma linguagem clara para os parâmetros da língua majoritária (WITKOSKI, 2009).

Contudo, nossas observações foram muito úteis para definirmos o caminho que íamos traçar quanto à aplicação dos questionários, especificamente, relacionada ao fato da disciplina de Libras ser ofertada em uma sala heterogênea, ou seja, com alunos de diferentes cursos.

3.2 Análise dos PPC, Matrizes Curriculares, Ementas e Plano de Ensino

Os Projetos Pedagógicos dos Cursos de Licenciaturas – PPC e as Matrizes Curriculares dos cursos de licenciatura da UFG/Regional Jataí encontra-se acessível no *site* da própria instituição, cada um em seu respectivo departamento de ensino. Como já mencionado na introdução, as aulas da disciplina de Libras da UFG/Regional Jataí são oferecidas como Núcleo Livre. Para entendermos como se configura o Núcleo Livre, e quais disciplinas são oferecidas, pautamos na definição disponibilizada no próprio *site* da UFG³⁹:

Núcleo Livre é um conjunto de conteúdos que objetiva garantir liberdade ao aluno para ampliar sua formação. Deverá ser composto por disciplinas eletivas por ele escolhidas dentre todas as oferecidas nessa categoria no âmbito da universidade, respeitados os pré-requisitos (<https://www.ufg.br/>).

Assim, a disciplina de Libras nesta instituição de ensino, é ofertada nesta modalidade, sendo considerada optativa, e o aluno tem a liberdade de cursá-la ou não. É importante salientarmos que, a partir da análise dos Projetos Pedagógicos dos Cursos - PPC de licenciatura da UFG observamos que em apenas quatro dos dez cursos de licenciatura integram a disciplina de Libras como obrigatória. Assim, há alunos de licenciatura que concluem o curso sem cursar disciplina de Libras.

Deste modo, estes dados nos revelam que o artigo 4º da Lei 10.436 e o artigo 3º do Decreto nº 5.626/2005, que dispõem sobre a obrigatoriedade do ensino da Libras nos cursos de

³⁹ Disponível em: <<https://www.quimica.ufg.br/n/3310-o-que-sao-disciplinas-do-nucleo-livre>>. Acesso em: 20 mar 2017.

formação de professores, não são cumpridos pela instituição de ensino superior. De acordo com os referidos artigos, todos os cursos de licenciatura deveriam ter a Libras como disciplina curricular obrigatória e não optativa, como acontece na UFG/Regional Jataí (BRASIL, 2002; 2005).

Os quatro cursos de licenciatura onde a disciplina de Libras é obrigatória são, História, Ciências Biológicas, Educação Física e Química. Em outros cinco cursos de licenciatura a disciplina de Libras não é ofertada de forma obrigatória, nem mesmo como optativa. Os cursos que não oferecem a disciplina de Libras como obrigatória são os de Licenciatura em Física, Geografia, Pedagogia, Letras Inglês e Letras Português. O PPC, a matriz curricular e a ementa do curso de Matemática não estão disponíveis no *site* do curso, portanto, não foram observados.

É preciso salientar que a Universidade Federal de Goiás/Regional Goiânia, por meio da faculdade de Letras, foi a primeira universidade do Brasil a ofertar o curso de Letras Libras presencial (UFG - PPC 2014), o curso foi aprovado em junho de 2008, em atendimento ao Decreto nº 5.626/2005. Porém, de forma contraditória, ao mesmo tempo que a UFG/Regional Goiânia oferta o curso de Letras Libras, a Regional Jataí não obedece às normas do Decreto acima citado, quanto à oferta de forma obrigatória da disciplina de Libras nos cursos de licenciaturas. Além disso, essa disciplina, não está inserida nas matrizes curriculares de vários cursos de licenciatura.

Para esclarecer alguns questionamentos quanto à falta de oferta da disciplina de Libras em uma instituição de ensino público e servir de comparação, analisamos as Matrizes Curriculares dos cursos de licenciatura da Pontifícia Universidade Católica de Goiás⁴⁰ - PUC Goiás, disponíveis no site da instituição, com o objetivo de verificar se uma instituição de ensino privado garantia o que a Legislação determinava em relação à obrigatoriedade do ensino da Libras. Foi verificado que a PUC Goiás oferta de forma obrigatória a disciplina de Libras nos dez cursos de formação de professor. Considerando que cada curso oferece de trinta a sessenta vagas por semestre, e que todos esses alunos deverão frequentar obrigatoriamente a disciplina de Libras, essa instituição de ensino privado, forma em média quatrocentos e cinquenta alunos por semestre com conhecimento acerca da subjetividade dos educandos Surdos (<http://www.pucgoias.edu.br/>).

Já se passaram quinze anos da promulgação da Lei 10.436 e onze anos do Decreto nº 5.626/2005, leis nas quais obrigam a inserção da disciplina de Libras nos cursos de formação

⁴⁰ Ressaltamos que realizar um comparativo entre as duas instituições de ensino superior, PUC e UFG não consistiu em um dos objetivos desta pesquisa, entretanto, nos possibilitou a compreensão de que o oferecimento obrigatório da disciplina de Libras consiste em algo possível.

de professores das instituições de ensino público e privado. Assim, em relação a obrigatoriedade amparada pela legislação, Strobel (2008) considera que ela pode mudar, futuramente, a falta de habilitação dos professores para trabalhar com alunos Surdos. A autora ressalta que:

São raros os professores habilitados para trabalhar com os alunos Surdos em sala de aula. Na maioria dos cursos de Pedagogia nas universidades não tinham estas especializações para esta área – somente agora salvo pelo decreto n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005 que dá a obrigatoriedade das aberturas de cursos de Libras nestes cursos, as coisas podem melhorar futuramente (STROBEL, 2008, p. 102).

Porém, em pleno ano de 2017, não houve tempo suficiente para preparar esses professores, pois, esbarramos na não oferta da disciplina de Libras como obrigatória nos cursos de formação de professores. Como falar e discutir sobre inclusão se após quinze anos da aprovação da lei, as instituições não obedecem ao que está previsto na legislação, que objetiva contribuir para inclusão de Surdos? A instituição, questionada sobre o não cumprimento da legislação, quanto à oferta da disciplina de Libras como obrigatória, esclareceu que, inicialmente faltavam professores qualificados para assumirem essa disciplina, depois esbarraram na burocracia, falta de código de vaga para contratar professores de Libras. Porém, essa realidade mudou de forma positiva, e com a chegada dos novos professores de Libras no início de 2016, os cursos de licenciatura começaram a reformular os PPC e iniciaram o processo de inclusão da disciplina de Libras como obrigatória, esta reformulação ainda não foi concluída.

Outro ponto a ser analisado nos PPC, foram as ementas da disciplina de Libras, presentes nos quatro cursos de licenciatura da UFG que trazem a disciplina de Libras como obrigatória. Sendo assim, ao nos apoiar no referencial teórico desta pesquisa, presente no segundo capítulo, entendemos que o principal objetivo da implementação da disciplina de Libras como obrigatória nos cursos de licenciaturas, é preparar os futuros licenciados a atuarem com alunos Surdos nas escolas regulares (ALMEIDA, 2012). Entretanto, quase que por unanimidade estas ementas destacam somente o aprendizado de sinais e prática de comunicação em Libras, o que se configura em uma proposta audaciosa para tornar o licenciado fluente em Libras. Esta configuração de aulas mais práticas e dialogadas também deve estar relacionada com a forma que a disciplina é ofertada, pois, como Núcleo Livre, a disciplina atende alunos de todos os cursos da instituição e não apenas licenciandos.

Ainda é preciso levarmos em consideração que a disciplina de Libras, de forma obrigatória, possui carga horária máxima de apenas 64 horas, o que torna inviável adquirir outra língua. Pois, como ressalta Almeida (2012), dentre tantas funções do professor, parece injusto

exigir dele o domínio da Libras para atuar de forma inclusiva, pois esta é uma habilidade que nem todos conseguem desenvolver em tão pouco tempo e com certo êxito.

Para Dörnyei (2003 apud CAVENAGHI, 2009), a aprendizagem de uma língua estrangeira é diferente da aprendizagem de outros assuntos escolares. Seu processo de aprendizado é considerado complexo, pois envolve conhecer elementos do código de comunicação, como gramática e itens lexicais, além de aspectos culturais e sociais da língua aprendida. Dessa forma, compreendemos que a disciplina de Libras, além de não oferecer subsídios aos futuros licenciados no processo de ensino-aprendizagem de alunos Surdos nas escolas regulares, também não torna o licenciado fluente em Libras, uma vez que a carga horária da referida disciplina é pequena.

É importante ressaltarmos também que, como já mencionado no primeiro capítulo, o artigo 23 do Decreto nº 5.626/2005 estabelece que as instituições de ensino devem proporcionar aos alunos Surdos os serviços de intérprete de Libras. Dessa forma, cabe a este profissional, a fluência e o suporte para comunicação em língua de sinais dentro de sala de aula e não ao professor regente. Salientamos também que a disciplina de Libras na formação de professores deve ser organizada, de forma a preparar os licenciados a atuarem com alunos Surdos, capaz de explicar as especificidades desses sujeitos (ALMEIDA, 2012).

A seguir, apresentamos o quadro que contém as ementas da disciplina de Libras dos cursos de História, Ciências Biológicas, Educação Física e Química da UFG/Regional Jataí. Tratam-se dos 4 cursos que a disciplina de Libras se configura como obrigatória para os Licenciandos.

Figura 1 – Quadro das ementas

CURSOS	DISCIPLINA / EMENTAS
História	LIBRAS - Introdução à Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Apresentação de conteúdos gerais relativos a comunicação visual e regras gramaticais específicas. Estudo da legislação específica.
Ciências Biológicas	INTRODUÇÃO À LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS) - Introdução às práticas de compreensão e produção em LIBRAS, através do uso de estruturas e funções comunicativas elementares. Concepções sobre a Língua de Sinais. O surdo e a sociedade.

Educação Física	LINGUAGEM BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS) - Estudo sobre a realidade da educação de surdos e as políticas de inclusão e exclusão social e educacional no Brasil. Fundamentos básicos das línguas de sinais, priorizando a língua brasileira, suas influências culturais e regionais. Estudo da modalidade visual-espacial da Língua Brasileira de Sinais, da sua estrutura gramatical e dos parâmetros de formação dos sinais: configuração de mãos, ponto de articulação, movimentos, expressões facial/corporal, orientação/direção e suas convenções.
Química	LIBRAS 1 - Língua Brasileira de Sinais 1 - Concepções sobre Língua de Sinais. Noções básicas de Libras. Introdução às práticas de compreensão e produção em LIBRAS através do uso de estruturas comunicativas elementares.

Fonte: elaboração do autor, 2016.

De forma geral, ao analisarmos o quadro das ementas da disciplina de Libras nos cursos de licenciatura, torna-se possível afirmar que a preocupação destas recai sobre a aprendizagem de sinais e a prática de comunicação em Libras. Entretanto, isso ocorre de forma introdutória, ou seja, por meio de um ensinamento básico da referida língua. Apenas nos cursos de História e de Educação Física aparecem a preocupação com a legislação específica, o que ressaltamos como um ponto positivo, por permitir ao licenciando um conhecimento sobre alguns direitos dos povos Surdos. Entretanto, nenhum dos 4 cursos trata da necessidade de conhecer a cultura e a identidade Surda, muito menos das metodologias, formas avaliativas e processo de ensino-aprendizagem capazes de valorizar os povos Surdos.

Apesar das três ementas, entre as quatro analisadas, serem direcionadas à formação de conhecimentos de léxicos em Libras, destacamos a apresentação da estrutura curricular do PPC do curso de Licenciatura em Química, a qual enfoca a importância da inclusão da disciplina de Libras que almeja uma formação docente com habilidades para o ensino inclusivo (UFG, 2015). Porém, essa necessidade desaparece no ementário da disciplina, como observado no quadro acima.

Observamos na ementa da disciplina de Libras do curso de Licenciatura em Educação Física apresentada no quadro acima, que diferentemente das outras ementas, apresenta temas como, a realidade da educação dos Surdos, as políticas de inclusão e exclusão social e educacional no Brasil, o conhecimento acerca da língua e sua influência cultural, o que contribui

para que o licenciando compreenda alguns aspectos educacionais dos Surdos, capazes de possibilitar uma visão diferenciada e mais acolhedora acerca desses sujeitos, pois, para Almeida (2012), a disciplina de Libras necessita de discussões efetivas acerca da Educação Especial, processo de inclusão, além de aspectos legais e pedagógicos. Assim, também há outros conteúdos que precisam ser trabalhados dentro dessa disciplina, como o papel do professor-intérprete-aluno Surdo e as práticas metodológicas para educação de Surdos.

Como já apresentado no primeiro capítulo, o Decreto nº 5.626/2005 prevê a inclusão da disciplina de Libras como obrigatória, porém não dispõe sobre a carga horária e os conteúdos a serem trabalhados nessa disciplina (VITALIANO; DALL'ACQUA; BROCADE, 2010). E mesmo após concluírem a disciplina de Libras, os licenciados ainda não se sentem prontos para atuarem na educação de Surdos (VITALIANO; DALL'ACQUA; BROCADE, 2010). Assim, precisamos repensar sobre os conteúdos que são abordados nessa disciplina, a fim de direcionar temas que contribuem com a formação de conhecimento dos futuros licenciados acerca das especificidades metodológicas para educação de Surdos. Dessa forma, fizemos também uma análise dos Planos de Ensino da disciplina de Libras, observando o objetivo e os conteúdos elencados.

Foi solicitado o plano de ensino aos quatro professores de Libras da UFG, porém, somente dois atenderam nossa solicitação e disponibilizaram o plano. Nos dois planos que foram analisados, observamos que um dos objetivos da disciplina de Libras consiste na necessidade de promover uma reflexão crítica sobre a Comunidade Surda e sua cultura, além de analisar a história da língua de sinais e do sujeito Surdo. Assim, ressaltamos esse objetivo como algo positivo, pois para Almeida (2012), essa disciplina precisa discutir sobre as características linguísticas, culturais e pedagógicas próprias dos sujeitos Surdos, uma vez que estes são sujeitos culturais, precisa-se aprofundar mais nos conteúdos referentes à condição de futuro docente de Surdos, como a explanação acerca da condição viso-espacial dos Surdos, como o Surdo aprende, quais as práticas pedagógicas para promover a inclusão desses sujeitos, além de debater sobre o papel do intérprete de Libras.

Os conteúdos relacionados ao processo de interpretação em sala de aula são fundamentais, pois, é importante discutir as responsabilidades a fim de que o intérprete e o professor regente atuem em conjunto. Não se pode deixar o aluno Surdo isolado com o intérprete, ele não é professor, não precisa ensinar conteúdo ao aluno Surdo. O trabalho do intérprete consiste em mediar a comunicação, ou seja, interpretar da língua portuguesa para a Libras e vice-versa (ALMEIDA, 2001; LACERDA 2006).

Ao direcionarmos a nossa discussão sobre a oferta da disciplina de Libras na UFG/Regional Jatá ser em modalidade de Núcleo Livre, precisamos salientar que por este motivo há uma diversidade de alunos de cursos de licenciatura e bacharelado. Mesmo assim, os conteúdos que abordam conhecimentos sobre língua e cultura, além de percepções pedagógicas para Surdos, e metodologias para educação de Surdos precisam ser abordados (ALMEIDA, 2012 e VITALIANO; DALL'ACQUA; BROCADO, 2010).

Questionamos a UFG, na pessoa do coordenador do NAI, sobre o fato da disciplina ser ofertada em Núcleo Livre. Ele salientou que alguns dos PPC como o de Pedagogia, que desde 2003 não teve reformulação, são arcaicos. Informou ainda, que cabe a cada curso de licenciatura, na reformulação do PPC, formalizar um acordo com o curso de Letras, no qual os professores de Libras são lotados, para que ofereçam a disciplina de Libras como obrigatória dentro do período vigente da matriz curricular.

Sendo a carga horária de 64h, é preciso repensar nessa heterogeneidade de cursos presente nas salas de aula de Libras, visto que os alunos do bacharelado necessitam aprender a comunicar com Surdos, além de reconhecê-lo como sujeito cultural, capaz de respeitar sua diferença linguística. A partir desta perspectiva de objetivos diferentes entre os cursos de licenciatura e bacharelado o ideal é uma divisão da disciplina de Libras por temas e/ou áreas afins, de modo que nos cursos de bacharelado, além das especificidades dos surdos precisam ser trabalhados também, alguns sinais próprios de sua área de atuação. Por exemplo, o médico precisa saber sinais específicos que envolvem sua profissão, diferentemente de um analista de sistemas, uma vez que os sinais específicos são outros e assim sucessivamente.

Na licenciatura com 64h, sugerimos que essa divisão ocorra preferencialmente por áreas, pois os pedagogos necessitam de um maior aprendizado específico quanto à aquisição da língua por Surdos, formação do conhecimento de mundo, alfabetização de Surdos, confecção de materiais pedagógicos que estimulam essa aquisição e alfabetização. Os professores de Português precisam saber como ensinar língua portuguesa na modalidade de segunda língua para Surdos. Os professores de História precisam saber que a grande maioria dos alunos surdos nascem em família de pais ouvintes, que não tem nenhum conhecimento acerca da língua de sinais, o que compromete a comunicação familiar e por isso, geralmente são desprovidos de conhecimento prévio que os demais alunos ouvintes já trazem de casa. Diante dessas questões, é necessária a utilização de materiais visuais que demonstrem concretude sobre o tema tratado, pois como falar de Grécia sendo que a maioria dos alunos Surdos não tem noção nem do que é País, Estado ou Cidade?

Reconhecemos que os conteúdos supracitados devam ser tratados em todas as áreas, porém, devido ao pouco tempo disponível para a disciplina de Libras, alguns temas devem ser mais aproveitados e melhor discutidos de acordo com cada área de atuação do graduando. Além disso, ressaltamos também que a disciplina de Libras também precisa oferecer ao graduando, o aprendizado de sinais próprios de seu curso ou área de atuação. Por esses motivos afirmamos a necessidade que a disciplina de Libras não seja organizada como uma ementa semelhante a todos os cursos

Dessa forma, observamos na Matriz Curricular dos cursos de Ciências Biológicas e de Química que a disciplina de Libras deve ser ofertada em Núcleo Específico, diferentemente da modalidade de Núcleo Livre como vem acontecendo. Pois assim, os professores da disciplina de Libras poderiam aprofundar mais nos conteúdos específicos de cada curso, formando licenciados que poderão contribuir ainda mais com a educação de Surdos, contribuindo para a inclusão desses sujeitos.

Outro ponto que não podemos deixar de comentar consiste na falta de comunicação e articulação entre os professores de Libras em relação aos conteúdos e à metodologia que irão utilizar na disciplina de Libras. A UFG/Regional Jataí, conta com 4 professores de Libras, sendo um efetivo com Dedicação Exclusiva e três temporários, todos coordenados pelo curso de Letras da instituição. Ao observamos os Planos de Ensino da disciplina, identificamos que as ementas são comuns, entretanto, a partir das observações em sala de aula, identificamos que eles não dialogam quanto aos conteúdos que irão ministrar. Assim, um licenciando pode cursar a disciplina de Libras com determinado professor e não ter os mesmos conhecimentos que outro colega licenciando, que cursou com outro professor a mesma disciplina, uma vez que alguns acadêmicos relataram que cursaram novamente a disciplina de Libras com outro professor, para aprender determinado conteúdo, ou participar de determinada metodologia.

Ainda para exemplificar a falta de diálogo entre os professores de Libras, ao analisarmos os dois Planos de Ensino (A e B) que nos foram disponibilizados, identificamos que as leituras não são comuns a todos. Salientamos que, no Plano de Ensino (A) é trabalhado como conteúdo, o livro da autora Audrei Gesser, *Libras? Que língua é essa?*, que contribui com conhecimentos sobre a língua e mitos relacionados a surdez. Já no Plano de Ensino (B), assuntos como Identidade, Cultura e apresentação de seminário sobre os modelos de educação de Surdos, ao qual possibilita conhecimentos acerca do Surdo como sujeito social. Entretanto, a obra de Gesser citada acima não foi identificada. Ressaltamos ainda que se houvesse esse diálogo, os professores poderiam compartilhar suas ideias e contribuir assim, para a qualidade das aulas de Libras.

3.3 Análise dos questionários dos alunos de licenciatura

Para compreender se os licenciandos da UFG/Regional Jataí estão aptos para o atendimento a alunos Surdos e realizar um debate sobre o papel da disciplina de Libras, aplicamos um questionário aos acadêmicos dos diversos cursos de licenciatura. Foi solicitado aos professores de Libras da UFG que fizesse esse repasse do questionário aos licenciandos que estavam cursando a sua disciplina. Também foi solicitado a todas as coordenações de cursos de licenciatura que fizessem esse repasse aos acadêmicos que haviam concluído a disciplina de Libras.

O questionário foi disponibilizado em material impresso e por meio de um *link* para ferramenta *Google Formulários*⁴¹, contendo as seguintes questões:

Figura 2 - Quadro de questões apresentadas aos licenciandos

Questionário aplicado aos licenciandos
01- Você atua ou já atuou como professor (a)? Se sim, quanto tempo?
02- Você concorda com a obrigatoriedade da disciplina de Libras para o seu curso? Por quê?
03- Você sentiu dificuldades na disciplina de Libras? Se sim, quais?
04- Os conteúdos contemplaram as suas expectativas?
05- Você se sente preparado para receber alunos surdos em sala de aula?
06- Você acha que a carga horária da disciplina foi suficiente?
07- A sua visão sobre a pessoa surda mudou após a disciplina de Libras? Explique:
08- O ensino acrescentou em sua formação? Por quê?
09- Você poderia citar algumas estratégias de ensino que favoreçam a inclusão de alunos surdos? Se sim, exemplifique:
10- Dentre os conteúdos trabalhados pelo professor da disciplina, teria um específico que te auxiliou no atual contexto educacional para promover a inclusão de alunos surdos? Se sim, qual e explique o porquê:

Fonte: elaboração do autor, 2016.

⁴¹ A ferramenta *Google Formulários* possibilita a criação de pesquisa online, que facilita na divulgação da pesquisa e comparação dos resultados obtidos.

Obtivemos ao todo, dezessete respostas. Esclarecemos que a apresentação dos dados e a respectiva análise das considerações dos graduandos se encontram citadas nas exposições como A1, A2, A3... A17, com o intuito de preservar sua identidade. Conforme a análise dos dados, temos que doze dos alunos que responderam ao questionário, já atuam em salas de aula. Este dado é importante para entendermos o próximo questionamento, que tange à aceitação da obrigatoriedade da disciplina de Libras nos cursos de formação de professores, previstos na Lei 10.436 e no Decreto nº 5.626/2005. Assim, do total de alunos que participaram da pesquisa, dezesseis concordaram com a obrigatoriedade da disciplina de Libras para seu curso, enquanto apenas um discorda dessa obrigatoriedade.

Todas as respostas a favor da obrigatoriedade citaram que saber Libras é importante, pois facilita a comunicação com a pessoa Surda. A resposta contrária quanto à obrigatoriedade da disciplina de Libras é justificada de acordo com o graduando, da seguinte forma:

Não, a quantidade de alunos Surdos por classe é muito pequena para que um professor seja obrigado a saber LIBRAS. Um intérprete por sala resolveria o problema. Se é obrigatório sabermos métodos de ensino para alunos Surdos, deveríamos também, aprender métodos para cegos e estudantes estrangeiros por exemplo, o que deixaria a grade curricular das licenciaturas muito carregada e fora do foco principal do curso. (A2)

Ao analisar a resposta contrária à obrigatoriedade da disciplina de Libras, observamos que o aluno compreende que a disciplina de Libras tem como objetivo tornar o graduando fluente nessa língua. Entretanto, apoiados em Botelho (2007 apud ALMEIDA; VITALIANO, 2012. p. 4), ressaltamos que a obrigatoriedade da disciplina de Língua Brasileira de Sinais nos cursos de formação de professores “pode ter dado a entender que o professor regente deverá ministrar suas aulas em Libras, o que seria tecnicamente impossível”. Isto é, o professor não conseguiria falar duas línguas ao mesmo tempo, cabe ao intérprete realizar a mediação entre a comunicação.

É verificada na resposta do mesmo graduando a falta de sensibilidade e conhecimento sobre o sujeito Surdo, ao se referi-lo como *problema* e que o intérprete seria responsável por esse sujeito. De modo contrário a resposta do A2, ressaltamos que o intérprete não é responsável pelo aluno em sala de aula e sim o professor regente. Conforme afirma Quadros (2005), o intérprete é somente o intermediador da fala oral para a sinalizada e vice-versa, e que o papel do intérprete em sala de aula acaba sendo confundido com o papel do professor, sendo direcionada a ele a responsabilidade de ensinar os alunos Surdos.

Quanto à carga horária da disciplina ser suficiente e se os licenciandos se sentem preparados para receber alunos Surdos, verificamos que todos os alunos consideraram que a carga horária da disciplina de Libras é insuficiente, porém, dentre eles, apenas dois licenciandos consideraram que estão aptos a atuarem com alunos Surdos.

A carga horária, realmente, é insuficiente para adquirir fluência em uma língua, e nem deve ser este o foco da disciplina. De acordo com Quadros e Campello (2010), a proposta da disciplina de Libras é a de oferecer conhecimentos básicos dessa língua, capaz de formar professores que tenham um domínio mínimo da Libras, porém, também é proposta da disciplina a compreensão de metodologias de ensino-aprendizagem que respeitem as especificidades do educando Surdo. Ao completar esta informação, Tavares e Carvalho (2010), observam que:

Deste modo, é inegável o papel da disciplina de formar professores regentes que conheçam a surdez e suas especificidades, que envolvem questões linguísticas, culturais, cognitivas e pedagógicas, além de conhecimento, básicos da língua, considerando a importância de professores com formação adequada para o trabalho pedagógico, o qual possui como “condição básica, a comunicação” (TAVARES; CARVALHO, 2010, p. 8).

Com isso, verificamos mais uma vez a confusão por parte dos alunos quanto ao objetivo da disciplina de Libras. Como os relatos abaixo demonstram, os alunos acreditam que a comunicação resolve a questão da inclusão de Surdos. Nesse sentido, as respostas dos alunos A3 e A2 quanto ao preparo para atuarem na educação com alunos Surdos foram:

Não por inteiro, estarei mais tranquilo, porém, não preparado de verdade. Pois o aprendizado é pouco e estamos no início de uma alfabetização em Libras. Além de não termos colocado 100% da Libras em prática. Com o tempo irá melhorar, porém não de uma forma que dê suporte eficaz sem a ajuda de um intérprete de Libras. (A3)

Sim, desde que com a presença de um intérprete. (A2)

Observamos nessas respostas que os alunos consideram a disciplina de Libras como momento para torná-los fluentes, e não formar professores capazes de estabelecer uma comunicação básica no ambiente escolar, bem como conscientes das especificidades dos alunos Surdos. O A2 é o mesmo sujeito que não concorda com a obrigatoriedade da disciplina de Libras. Para ele, somente a inserção do intérprete de Libras nas escolas que tem alunos Surdos seria suficiente, ou como ele mesmo diz ‘resolveria o problema’.

Com o intuito de analisar a contribuição da disciplina de Libras para a formação docente, perguntamos aos alunos como o ensino de Libras tem contribuído em sua formação. Tendo em vista o total de alunos que responderam ao questionário, quinze afirmaram que a

disciplina de Libras acrescentou em sua formação, todavia, dois afirmaram que a disciplina não tem ajudado na sua formação. Entre os comentários, observamos o uso de expressões inadequadas acerca da Língua de Sinais, como no comentário a seguir:

Acho que a linguagem de sinais melhora o professor como profissional, uma vez que melhora a linguagem corporal, que melhora o processo de ensino-aprendizagem para o ouvinte e o surdo. (A1)

Chama-nos a atenção essa resposta, visto que estes acadêmicos tiveram 64h de formação acerca deste assunto, e ainda confundem os termos língua e linguagem, pois, assim como em qualquer língua oral, a Libras tem regras e estrutura gramatical própria, além de ser reconhecida como língua pela Lei 10.436, e como meio legal de comunicação e expressão dos Surdos (BRASIL, 2002). Há também um equívoco quanto a linguagem corporal melhorar o processo de ensino-aprendizagem para alunos ouvintes e Surdos.

Nas respostas a seguir, mais uma vez os graduandos oferecem indícios de que precisariam ser fluentes em Libras para atender os educandos Surdos e que este ensino básico da Libras é desnecessário:

Não, o tempo gasto com o curso de LIBRAS poderia ser utilizado para estudar matérias mais relevantes de Física. (A2);

Sim. Por mais, que seja um ensino superficial no momento, nos prepara o básico do que podemos encontrar futuramente. Além de termos em nosso currículo mais uma língua “estudada”. (A3)

Sim, aprendi muitas palavras, me levando a saber me comunicar melhor. (A4).

Pensar desta forma é um equívoco do professor em formação, pois o aluno Surdo tem assegurado pelo artigo 17 da Lei 10.098 e artigo 23 do Decreto nº 5.626/2005, a eliminação de barreira na comunicação com a presença de intérprete em sala de aula, porém não é função deste profissional a responsabilidade pelo ensino e sim do professor. Além disso, ressaltamos que a Libras é uma língua reconhecida legalmente e utilizada por uma grande parcela da população. Dessa forma, não se trata de uma disciplina menos relevante do que as outras. Concebê-la como irrelevante, seria o mesmo que negar toda a luta que as comunidades tiveram desde a antiguidade até o reconhecimento de sua língua.

Ainda com o questionamento sobre a contribuição da disciplina de Libras na formação docente, destacamos as seguintes respostas:

Sim. Porque acredito que ao receber futuramente um aluno Surdo, irei ter uma leve noção de como ensiná-lo. (A6)

Sim. Por que possibilitou a oportunidade de refletir sobre a necessidade de maior formação para que os professores saibam lidar com alunos com deficiência. (A9)

Observamos nessas respostas que estes licenciandos compreendem que precisam de conhecimentos específicos para atuarem com os alunos Surdos.

Foram verificadas as concepções dos licenciandos acerca de estratégias de ensino que favoreça a inclusão de alunos Surdos e dentre essas respostas, quatorze responderam não saber, pois, não tiveram experiência com aluno Surdo. Dentre os que responderam de forma diferente, destacamos duas respostas de alunos do curso de Física:

Uso de imagens durante a aula e explicação visual ou tátil do fenômeno a ser ensinado. (A2)

Trabalhar com recursos visuais como data show, e softwares que são simuladores de experimentos que facilitam e dão uma maior compreensão de como um determinado fenômeno ocorre. (A15)

Os acadêmicos demonstraram ter conhecimento acerca de uma aula voltada para educandos surdos, capaz de valorizar e respeitar a percepção visual do Surdo e até dos Surdos-cegos, quando cita o termo tátil. Nesse sentido, apoiado em Almeida (2012), ressaltamos que o conhecimento adquirido pelos docentes acerca dessas estratégias de ensino irá permitir que os alunos Surdos tenham o acesso ao conhecimento e que seja respeitado sua modalidade linguística e suas especificidades visuais.

Contudo, apesar de alguns acadêmicos de licenciatura entenderem que a disciplina de Libras, é um momento exclusivo para torná-los fluentes em Libras, identificamos que alguns conseguiram compreender a importância de conhecer as especificidades dos Surdos, para um bom atendimento educacional inclusivo. Assim, em continuidade à verificação do papel da disciplina de Libras e analisar como ela pode contribuir para a prática dos licenciandos, disponibilizamos também, um questionário para os docentes responsáveis pela disciplina de Libras na UFG/Regional Jataí.

3.4 Análise dos questionários dos professores

O questionário direcionado aos docentes da disciplina de Libras, também foi disponibilizado por meio de um *link* direcionado ao *Google Formulários*. O referido questionário foi respondido por três dos quatro docentes da instituição e continha as seguintes questões:

Figura 3 - Quadro de questões apresentadas aos professores

Questionário aplicado aos professores		
01- Tem especialização? Se sim, qual?		
02- Há quanto tempo atua com a disciplina de Libras no Ensino Superior?		
03- Já atuou com Libras nos demais níveis de ensino? Quais? Quais funções?		
04- Há quanto tempo comunica por meio da Libras?		
05- Quanto ao domínio da Língua de Sinais: Marque todas que se aplicam. Fala bem; Fala razoavelmente; Fala muito pouco;		
06- Quanto ao domínio da Língua de Sinais: Marque todas que se aplicam. Compreende bem; Compreende razoavelmente; Compreende muito pouco;		
07- Em sua formação, teve conteúdos referentes a educação de surdos?		
08- Qual o modelo mais adequado para a educação de surdos: oralista, bilíngue ou inclusivo? Explique:		
09- Já atuou como professor(a) de Libras em cursos de formação inicial e continuada? Quanto tempo? Quando?		
10- Qual é o papel da disciplina de Libras nos cursos de formação docente?		
11- Quais conteúdos importantes para serem abordados em suas aulas? Por quê?		
12- Aborda conteúdos referentes ao processo educacional dos surdos? Se sim, como você aborda essa questão?		
13- Como é a interação entre você e os alunos? Eles interagem?		
14- Como você avalia o Decreto 5.626, que obriga a inclusão da disciplina de Libras nos cursos de formação de professores?		
15- Você considera a carga horária da disciplina suficiente?		

Fonte: elaboração do autor, 2016.

Como foi dito anteriormente, a UFG/Regional Jataí, quanto à oferta da disciplina de Libras, conta com três professores ouvintes e um professor Surdo. Dessa forma, o questionário aplicado ao professor Surdo foi por meio de entrevista em Libras, a qual foi filmada e se encontra transcrita nos apêndices. Dentre os quatro professores, apenas um não respondeu ao questionário. Estes se encontram citados como D1, D2 e D3.

As duas primeiras perguntas consistiram em uma breve caracterização dos professores, em relação ao tempo de atuação como docente de Libras e em relação à sua formação. Todos os três são graduados em pedagogia. Além da pedagogia, o D3 também é graduado em

Letras/Libras. D1 e D2 são especialistas em educação inclusiva e Libras, nessa ordem, enquanto o D3 é especialista em Metodologia da Docência Superior.

Questionamos quanto ao tempo de docência da disciplina de Libras, na educação superior e em outros níveis de ensino. As respostas foram semelhantes, eles atuaram entre dois a três anos como docente em instituição superior e acima de dez anos nos demais níveis de ensino da educação básica.

Quanto ao domínio da Libras, D1 respondeu que se comunica por meio da língua de sinais há dez anos, D2 há vinte dois anos e D3 desde os 18 anos. Deles, dois falam bem a língua de sinais e um fala razoavelmente. Porém, todos compreendem bem a Libras.

Com a finalidade de compreender a trajetória da sua formação em relação ao ensino de Libras, perguntamos se tiveram conteúdos referentes à educação de Surdos durante a formação. Dentre as respostas, dois professores responderam que sim, enquanto um respondeu que não. Questionamos quanto ao modelo educacional de Surdos, qual seria mais adequado, oralismo, bilinguismo ou inclusivo, todos escolheram o modelo bilíngue como o mais adequado para educação de Surdos.

Ao aprofundar sobre a disciplina de Libras na formação docente, perguntamos qual é o papel dessa disciplina. Destacamos as respostas dos docentes de Libras:

Muito importante a Libras como disciplina nos cursos de formação docente, porque um professor bem instruído que conhece um pouco o que é a educação inclusiva, e que tem domínio da Libras para comunicar com seu aluno Surdo, este ajudará o estudante no seu desenvolver e assim a aprendizagem acontecerá de verdade. Assim este professor tomará para si este aluno como sendo seu, tendo conhecimento do mesmo. (D1)

O papel da disciplina de Libras é proporcionar aos licenciandos o aprendizado do básico da língua de sinais, pois, por exemplo, um pedagogo pode ter aluno Surdo na inclusão, então precisa saber se comunicar. Porém, pode ter intérprete na sala. (D3)

Identificamos nessas respostas que não só os alunos entrevistados têm a compreensão de que a disciplina de Libras na formação docente é encarada como momento para tornar os licenciandos fluentes, os professores entrevistados afirmam que somente com a fluência em Libras do professor regente, a inclusão de Surdos aconteceria com qualidade. Essa compreensão dos professores sobre a disciplina de Libras como momento de aprender esta língua de forma fluente é reforçada em suas respostas sobre quais conteúdos deveriam ser abordados nas aulas. As respostas foram as seguintes:

Técnicas e estratégias de compreensão e produção em Libras; • Concepções e mitos sobre Línguas de Sinais; • Lei de Libras nº10.436/2002 e Decreto nº 5.626/2005; • Visão geral

dos aspectos linguísticos em Libras; • Tipos de frases em Libras: afirmativa, negativa, interrogativa, declarativa e a Libras mesmo na prática como dias da semana, verbos etc. Acho importante que os estudantes conheçam um pouco de teoria e prática. (D1)

Todos os conteúdos que são relacionados a área da disciplina de Libras, porque irão contribuir para alcançar o objetivo desejado. (D2)

Começa com básico e vai aprofundando nos sinais, como verbos, casa, família, escola. É importante também ensinar sobre a Cultura Surda. (D3)

Nenhuma resposta enaltece a importância do licenciando saber sobre práticas metodológicas para educação de Surdo. Não estamos mostrando que os professores não precisam aprender a se comunicar em Libras. Pelo contrário, como já discutido no segundo capítulo, para que o processo de inclusão de Surdos aconteça, é necessário que os professores dominem minimamente a Libras (VITALIANO; DALL'ACQUA; BROCHADO, 2010). Porém, como salienta Almeida (2012), a disciplina de Libras deve proporcionar discussões acerca da subjetividade educacional dos Surdos. Para Tavares e Carvalho (2010), os professores precisam conhecer as especificidades dos Surdos, que envolvem a linguística, cultura, cognição pedagógica, além de saber comunicar o básico. Além de todas estas questões, ressaltamos ainda que é preciso lembrar que é garantido por lei (BRASIL, 2002; 2005) a presença do tradutor/intérprete de Libras em sala de aula, ou seja, mesmo que o professor docente consiga desenvolver uma fluência em Libras, este precisa contar com a presença do intérprete.

Perguntamos também como os docentes da disciplina de Libras avaliam o Decreto nº 5.626/2005 quanto à obrigação da inclusão da disciplina de Libras nos cursos de formação de professores. As respostas foram as seguintes:

Como sempre a Lei, o decreto é muito bonito no papel, uma das coisas que me chamou a atenção no decreto é que lá diz que a libras deve ser ministrada nos cursos superiores como disciplina obrigatória, e, no entanto, sabemos que ela é oferecida como optativa. (D1)

Ótimo na teoria. (D2)

Muito bom, porque aprovou a obrigatoriedade de ensinar libras para os alunos, contribuindo para comunicação com Surdos. (D3)

Como observado na resposta do D1, e também identificado nos documentos oficiais - PPC e Matriz Curriculares- que analisamos, a disciplina de Libras ainda é oferecida para os cursos de licenciatura da UFG/Regional Jataí, como optativa. Estas questões reforçam o descumprimento da Legislação (BRASIL, 2002; 2005) que ampara a obrigatoriedade da disciplina de Libras nos cursos de formação de professores.

Por último, questionamos se os docentes consideram a carga horária da disciplina suficiente. Todos responderam que não, reforçaram que ninguém aprende Libras em um mês, e que fazem o que é solicitado pela coordenação, seguem uma ementa, por isso precisam ensinar o básico de Libras, depois, caso o aluno queira aprofundar seus conhecimentos na língua, adquirindo fluência, vai precisar fazer algum curso de Libras avançado. As respostas dos professores continuaram coerentes com a visão de que a aula de Libras consiste em um momento para aprofundar e aprender esta língua. Essa compreensão dos professores é corroborada com as respostas dos alunos entrevistados, bem como as ementas que analisamos.

3.5 Produto educacional e resultados: o curso de orientações pedagógicas

A partir da análise dos dados de nossa pesquisa, compreendemos que havia um grande fosso quanto ao entendimento sobre as práticas pedagógicas para educação de Surdos. Como apresentado ao final da discussão acerca da Ementa, Matriz Curricular e Plano de Ensino, a disciplina de Libras é ofertada simultaneamente por quatro professores de Libras e apesar de utilizarem a mesma ementa, os professores não dialogam, quanto aos conteúdos que irão ministrar. Assim, compreendemos a necessidade de oferecer aos acadêmicos um ambiente de aprendizagem pedagógica sobre as especificidades dos Surdos, além de discutir conteúdos que alguns dos docentes de Libras da UFG/Regional Jataí não haviam debatido.

Motivados por essa necessidade, propomos como intervenção metodológica, o curso intitulado “Orientações pedagógicas de uma nova abordagem do processo ensino-aprendizagem para surdos”. Com total de vinte vagas para os alunos de licenciatura da UFG/Regional Jataí e IFG - Campus Jataí, que, anteriormente já haviam realizado a disciplina de Libras. Participaram quatorze alunos. O curso teve duração de vinte horas com encontros presenciais.

Como visto na análise dos questionários, a disciplina de Libras é *vista* como instrumento para tornar o licenciando proficiente em Libras, especificamente como meio para se adquirir vocabulário, porém, apoiados em nosso referencial teórico ressaltamos que o licenciado precisa desenvolver conhecimentos sobre a prática pedagógica mais adequada para a promoção do educando Surdo (VITALIANO; DALL’ACQUA; BROCHADO, 2010; ALMEIDA, 2012; TAVARES; CARVALHO 2010). Assim, esse curso teve como objetivo orientar os licenciandos sobre as especificidades culturais e pedagógicas destes sujeitos. Foram escolhidos como tema a serem abordados: Conhecendo os Surdos; Contexto histórico da educação dos Surdos; Aspectos linguísticos e cultural; Legislação; Intérprete de Libras; Processo de ensino aprendizagem, relação professor-intérprete-aluno surdo; Metodologia para

educação de Surdos; Adequação de materiais pedagógicos; Aula prática para surdos da comunidade de Jataí.

Foi aplicado um questionário inicial e também um questionário ao final do curso, para comparar o que o licenciando tinha de dificuldade e o que conseguiu compreender com o curso de vinte horas. Torna-se importante ressaltar que o objetivo do curso não foi o aprendizado da Libras, pois, os acadêmicos de licenciatura já haviam aprendido os sinais básicos. Nossa proposta foi a de abordar aspectos referentes à surdez e ao Surdo. O curso contou com onze participantes.

Todas as aulas foram gravadas em vídeo que, juntamente com as atividades desenvolvidas pelos licenciandos foram disponibilizadas em uma página *web*⁴². Além das aulas, também estão disponíveis sugestões de material adequado e aula elaborada pelos cursistas, bem como links para outros *sites* que disponibilizam atividades adequadas. Esse site é um desdobramento de nosso produto, e também se caracterizou como tal.

Portanto, para além da possibilidade de aprendizagem dos onze participantes do curso, a divulgação desse material em uma plataforma *web* servirá de suporte para outros docentes que já atuam na educação, como também a outros licenciandos e também professores da disciplina de Libras na formação docente. Salientamos que esse produto se concretiza em um produto amplo, capaz de alcançar um número maior de pessoas envolvidas no processo de educação para Surdos.

3.5.1 Análise dos questionários pré e pós produto

A partir da análise das observações e principalmente da análise dos questionários aplicados aos licenciandos, foi ofertado o curso com o objetivo de superar a lacuna que existia na formação desses, em relação ao entendimento sobre o sujeito Surdo e suas especificidades educativas. Desse modo, foi aplicado aos cursistas um questionário pré e pós curso, ou seja, antes e depois da realização do curso. O questionário pré curso somente comprovou nossa tese de que as aulas de Libras para os cursos de licenciatura consistiam em momentos voltados para a formação comunicativa em Libras, conforme apresentaremos as questões e as respostas dos cursistas abaixo.

⁴² <https://thabiokamilla.wixsite.com/educacaodesurdos>

Figura 4 - Quadro de questões apresentadas aos cursistas

Pré-Questionário aplicado aos cursistas
01- Você atua ou já atuou como professor (a)? Se sim, quanto tempo?
02- Você concorda com a obrigatoriedade da disciplina de Libras para o seu curso? Por quê?
03- Você sentiu dificuldades na disciplina de Libras? Se sim, quais?
04- Os conteúdos contemplaram as suas expectativas?
05- Você se sente preparado para receber alunos surdos em sala de aula?
06- Você acha que a carga horária da disciplina foi suficiente?
07- A sua visão sobre a pessoa surda mudou após a disciplina de Libras? Explique:
08- O ensino acrescentou em sua formação? Por quê?
09- O professor da disciplina de Libras era Surdo ou ouvinte? Comente o que acha de um professor Surdo ministrando essa disciplina?
10- Você poderia citar algumas estratégias de ensino que favoreçam a inclusão de alunos surdos? Se sim, exemplifique:
11- Dentre os conteúdos trabalhados pelo professor da disciplina, teria um específico que te auxiliou no atual contexto educacional para promover a inclusão de alunos surdos? Se sim, qual e explique o porquê:

Fonte: elaboração do autor, 2016.

Os cursistas foram citados como C1, C2, C3... C11. Nas questões como: concorda com a obrigatoriedade da disciplina de Libras; e, se concordam com a carga horária da disciplina ser suficiente, as respostas foram unânimes. Todos concordam com a obrigatoriedade da disciplina e concordam que a carga horária é insuficiente.

Em relação à questão que verificava se os cursistas encontraram alguma dificuldade na disciplina de Libras, observamos que as respostas direcionam para a dificuldade em aprender a língua. Apresentamos somente as respostas abaixo, pois alguns não responderam ou não justificaram, porém, todas as respostas estarão anexadas nos apêndices, ao final do trabalho.

A única dificuldade é que temos que treinar muito para assimilarmos os sinais, que são muito parecidos. (C1)

Sim. Lembrar dos inúmeros sinais principalmente por não praticá-los. (C2)

Sim, mais em relação com a forma das mãos. (C3)

Sim, memorização dos sinais, quando não praticamos em nosso dia a dia, esquecemos. (C4)

Não senti muita dificuldade, pois tinha interesse em aprender a língua, dificuldade foi só devido aos muitos sinais para aprender. (C7)

A partir das respostas referentes à dificuldade em cursar a disciplina de Libras identificamos que todas se relacionam à aquisição de uma língua, como a memorização dos sinais, prática, semelhança dos sinais. Quanto ao questionamento de que se sente preparado para receber alunos Surdos em sala de aula, observamos também o direcionamento para a necessidade de saber comunicar em Libras.

Não, pois meu conteúdo em Libras ainda é pouco. (C1)

Não, visto que ainda não sei a Libras completamente. (C3)

Observamos a partir do questionamento seguinte, que os alunos compreendem o Surdo como sujeito com língua própria. A sua visão sobre a pessoa Surda mudou após a disciplina de Libras? Explique.

Sim, percebi que o preconceito sobre o Surdo, é a dificuldade que ele tem de se comunicar. (C1)

Sim. Foi percebido durante a disciplina que as dificuldades enfrentadas pelo Surdo estão no ouvinte querer que o Surdo aprenda e desenvolva como um ouvinte e que ele possui características próprias de aprendizagem e comunicação. (C2)

Dentre os conteúdos trabalhados pelo professor da disciplina, teria um específico que te auxiliou no atual contexto educacional para promover a inclusão de alunos Surdos? Se sim, qual e explique por quê?

Não, o curso de Libras que eu faço está me ensinando apenas os sinais, apenas o idioma, não a forma de alfabetização. (C1)

Sim, a prática da Libras, porque embora pouco, consigo lembrar de alguns sinais mais simples. (C3)

O Libras básico permite o conhecimento de conteúdos básicos como alfabeto, números, cores, animais, frutas e algumas palavras de cumprimento e verbos muito utilizados em nosso dia a dia, o curso é mais uma facilitação da linguagem. (C4)

Penso que não há um conteúdo específico, mas o conjunto de todo: alfabeto, gramática, sinais, as noções básicas do dia a dia, a lei e os direitos. Penso que a soma desses conteúdos ou conceitos nos auxiliam no atual contexto educacional. (C5)

Essas respostas somente reforçam que a disciplina de Libras da UFG é vista como momento para tornar o graduando fluente em língua de sinais. Preferimos colocar,

primeiramente, todas as respostas para que as explicações e aferições sobre os dados, não ficassem redundantes, pois esses já foram discutidos nos questionários iniciais, que foram aplicados a todos os licenciandos. É importante ressaltar que mesmo que já tivéssemos dados suficientes para traçar o perfil da disciplina de Libras da UFG/Regional Jataí, este questionário nomeado pré curso se fez necessário, pois precisaríamos ter a certeza de que os cursistas não passaram por ensinamentos acerca do sujeito Surdo e sua subjetividade comunicativa e pedagógica. Porém, destacamos a resposta que este cursista citou em relação às estratégias de ensino capaz de favorecer a inclusão de alunos Surdos.

Sim, trabalhar com imagens correspondentes; utilizar vídeo com intérprete; material impresso. (C4)

Observamos que este cursista já tem conhecimentos sobre como estimular o aprendizado dos alunos Surdos, assim, deve ter sido discutido esse assunto em sala com professor da disciplina de Libras na UFG. Mas verificamos também, que, pelo fato de somente um cursista ter respondido de forma satisfatória, esse não é o tema mais discutido em sala, mesmo que seja importante.

Para Dorziat (2011 apud ALMEIDA, 2012), na licenciatura quando é discutida a inclusão escolar em sala de aula, esta é feita de forma desconectada da visão epistemológica de educação, busca-se somente, a observação das condições biológicas, porém, necessita de maior aprofundamento nas questões que envolvam teorias e práticas educativas.

A partir dessa perspectiva e da realização de nosso curso - Orientações pedagógicas de uma nova abordagem do processo ensino-aprendizagem para surdos - realizamos a análise do questionário que foi disponibilizado aos cursistas após o encerramento do curso, ou seja, pós curso. Este foi organizado com as seguintes questões:

Figura 5 - Quadro de questões apresentadas aos cursistas

Pós - Questionário aplicado aos cursistas
01- Você atua ou já atuou como professor (a)? Se sim, quanto tempo?
02- Qual sua visão sobre a obrigatoriedade da disciplina de Libras para o seu curso de Graduação?
03- Você sentiu dificuldades nas orientações repassadas neste curso “Uma nova abordagem do processo de ensino-aprendizagem para Surdos”? Se sim, quais?
04- Os conteúdos contemplaram as suas expectativas?
05- Atualmente, você se sente preparado para receber alunos surdos em sala de aula?

06- Você acha que a carga horária do curso foi suficiente?
07- A sua visão sobre a pessoa surda mudou após as orientações recebidas no curso? Explique:
08- O ensino acrescentou em sua formação? Por quê?
09- Atualmente, você poderia citar algumas estratégias de ensino que favoreçam a inclusão de alunos surdos? Se sim, exemplifique:
10- Dentre os conteúdos trabalhados pelo professor do curso, teria um específico que te auxiliou no atual contexto educacional para promover a inclusão de alunos surdos? Se sim, qual e explique o porquê:

Fonte: elaboração do autor, 2016.

É importante salientar que oito desses cursistas atuam como professor e três não atuam, ou nunca atuaram. Na questão que indaga se a carga horária do curso foi suficiente, todos responderam que não. Relataram a necessidade de aprofundar ainda mais, ter mais aulas práticas, mas afirmaram que para um curso inicial de somente vinte horas, ultrapassaram as expectativas. Em relação ao questionamento sobre as dificuldades nas orientações repassadas neste curso, todos disseram que não tiveram. Destacamos as seguintes respostas, uma vez que nem todos justificaram:

Não, o curso foi bem conduzido e com bom material didático. Além disso a presença de alunos Surdos contribuíram muito para auto avaliação das práticas pedagógicas. (C1)

Não. Foi bastante informativo e dinâmico. Além da participação de Surdos, o que possibilitou uma maior interação. (C5)

Não, achei tudo válido, pelo contrário, abriu minha visão e percebi o quanto o Surdo tem dificuldade para entender. (C7)

No início do curso, informamos aos cursistas que as discussões estariam relacionadas às especificidades educativas dos Surdos. Como orienta Almeida (2012), as aulas de Libras na formação docente devem apresentar reflexões acerca do sujeito Surdo e práticas educativas. Portanto, essas respostas nos mostram que os licenciandos aprovaram a condução das aulas do nosso curso e reforçaram o quanto é importante a presença de um Surdo para entenderem as questões pedagógicas. Além disso, ressaltamos que o discurso utilizado durante o curso foi voltado para a área educacional dos surdos e não para a prática comunicativa de Libras. Em relação às questões do pós curso, foi questionado também se os conteúdos contemplaram as

expectativas. Também todos responderam que sim, exceto o cursista C4, conforme veremos a seguir:

Sim. As oficinas e a presença de outros professores, bem como a discussão dos textos propostos atenderam às minhas expectativas iniciais. (C1)

Sim, mas gostaria de sugestão de mais atividades. (C2)

Pelo tema proposto, pensei que o curso seria voltado totalmente para a prática pedagógica com proposta diferenciada. (C4)

Sim, aprendi muito quanto à conduta do professor e do intérprete em sala de aula. (C10)

Tanto a cursista C2 quanto a C4, são alunas do curso de pedagogia, portanto, são válidos os questionamentos, visto que ambas anseiam por confecção de materiais didáticos, atividades lúdicas e direcionadas. Isso demonstra que elas compreenderam como ensinar para um aluno Surdo, por isso, a necessidade de buscar novos materiais e metodologia para educação de Surdos.

Na primeira análise dos questionários aplicados aos licenciandos da UFG/Jataí, não destacamos as respostas para a pergunta acima, a qual questiona se os conteúdos contemplaram às expectativas, isso se deu pelo fato dos licenciandos atribuírem maior peso ao aprendizado dos sinais. Dessa forma, apresentaremos somente duas respostas, com a finalidade de comparar a evolução, dos conteúdos aprendidos, após a realização do curso.

Sim. O conteúdo é básico, mas contempla várias áreas e palavras comuns. (A1)

Sim, todas as aulas ministradas apresentaram conteúdos satisfatórios com um grande vocabulário. (A4)

Assim, ao comparar as respostas dos alunos licenciandos (A1, A4), com as respostas dos cursistas (C1, C2, C4 e C10) identificamos que houve evolução em relação ao pensamento que à disciplina de Libras consistia apenas em um momento para a aquisição de sinais. Ressaltamos que os alunos começaram a compreender a necessidade de que esta disciplina fosse capaz de oferecer materiais didáticos, metodologias capazes de atender às especificidades dos surdos.

Perguntamos aos cursistas se eles se sentem preparados para receber alunos Surdos em sala de aula. Observamos que oito responderam que não estão preparados e apenas três responderam estar preparados. Porém, destacamos as seguintes respostas:

Não. Ainda não me sinto preparado, pois sou aluno de licenciatura e ainda não fiz todas as disciplinas de estágio, mas após o curso posso afirmar que sei por onde começar quando for ministrar aulas para alunos surdos. (C1)

Não, acredito que a preparação começa quando você domina Libras e possibilita uma interação entre o aluno, professor e conteúdo. (C4)

A partir do curso sim. A faculdade não prepara o docente para receber o aluno Surdo, com isso penso na necessidade de mais cursos nessa temática. (C6)

Sim, pois concordo que deve ser ensinado a segunda língua na alfabetização. (C7)

Preparado não seria a palavra correta, mas com mais segurança, sim. (C10)

Não, preciso melhorar mais, a experiência foi muito válida e prazerosa, mas sempre terei o que aprender. (C11)

Exceto o cursista C4, que insiste que para ser professor de alunos Surdo, o docente precisa ser fluente em Libras, os outros estão mais preocupados com as dificuldades escolares dos Surdos. Dessa forma, ressaltamos que os cursistas estão a par das questões consideradas importantes para Tavares e Carvalho (2010). Como afirmam os autores, os professores precisam conhecer as especificidades dos Surdos, que envolvem a linguística, cultura, cognição pedagógica. Identificamos também, que mesmo os cursistas que responderam não estarem preparados, para trabalhar com Surdos em escolas regulares, notamos que essas respostas estão relacionadas à necessidade de quererem aprofundar ainda mais, pois já compreenderam que os Surdos têm uma forma particular de aprender.

Nessa mesma perspectiva, a próxima questão buscou identificar se a visão sobre a pessoa Surda mudou após as orientações. Todos responderam que sim.

Mudou minha compreensão de como é a maneira que eles aprendem. (C2)

No processo de alfabetização ocorre o processo de ensino relacionando imagem ao nome e a intérprete com o sinal, compreendi que a dificuldade do Surdo é grande. (C4)

Sim, o Surdo é uma pessoa apta, capaz como qualquer uma outra. A forma de ensinar que precisa ser repensada. (C6)

Sim, eu achava que o Surdo aprendia rápido, e agora vejo que não é tão simples assim. Sempre precisa de algo concreto para ele compreender. (C7)

Sim, cada dia aprendo mais do mundo dos Surdos. (C10)

Sobre a pessoa Surda não, pois já estava estudando sobre essa deficiência, mas como transmitir a aula, mudou bastante. (C11)

Observamos que há uma compreensão do sujeito Surdo e quanto às suas necessidades educacionais. Porém, precisamos ressaltar que, apesar da resposta da cursista C11 mostrar conhecimentos de que a transmissão da aula para Surdos acontece de forma diferenciada, precisa-se tomar cuidado com o termo deficiência quando nos referimos aos Surdos, pois, como afirmam os pesquisadores e professores da UFSC Ana Paula Santana e Alexandre Bergamo:

Essa mudança de estatuto da surdez, de patologia para fenômeno social, vem acompanhada também de uma mudança de nomenclatura, não só terminológica, mas conceitual: de deficiente auditivo para surdo, ou ainda Surdo. Antes, os surdos eram considerados deficientes e a surdez era uma patologia incurável. Agora, eles passaram a ser “diferentes”. Deficiente auditivo e surdo, ou Surdo (SANTANA; BERGAMO, 2005, p. 567).

Portanto, os Surdos se consideram diferentes e não deficientes. Nos discursos acima, identificamos que os cursistas já entendem sobre a necessidade de estratégias de ensino que favoreçam a educação de Surdos. Nesse sentido, solicitamos a eles que apresentassem quais seriam essas estratégias e quais os conteúdos expostos pelo professor que poderiam contribuir para a inclusão dos surdos, no contexto social vigente. A seguir, seguem algumas respostas:

Aceitar que a Libras é a primeira língua de um aluno Surdo e que tanto nas avaliações quanto no material didático utilizado deve levar isso em consideração. É importante lembrar que o Surdo necessita do intérprete, mas o professor que é responsável por seu aprendizado. Também, pesquisar e produzir matérias pedagógicos, irá ajudar tanto o aluno Surdo quanto o aluno ouvinte. (C1)

Sim, explicações acompanhadas de imagens. O Surdo em sua escrita representa o seu pensamento e que a exploração visual na explicação dos conceitos ajuda na aprendizagem. (C2)

Necessita de conteúdos com mais imagens e com escrita associada às imagens. (C3)

Um ensino voltado às imagens, associar palavras ao objeto e sinal proposto. O que achei mais interessante foi saber que os alunos Surdos não conhecem as palavras isoladas ou seu significado, nos faz pensar para além da imagem, mas o contexto em que o aluno está inserido, como meio de partida para o processo de ensino-aprendizagem. (C4)

Sim. Usar nas metodologias de ensino mais imagens, sinais e palavras. Já que o Surdo é espaço-visual. O uso de imagens tornaria o ensino muito mais significativo tanto para os alunos ouvintes quanto para os alunos Surdos. E dentre os vários conteúdos abordados (legislação, contexto histórico, papel do professor-intérprete-aluno Surdo), acredito que a parte prática (em que os cursistas ministraram aulas adaptadas para alunos Surdos) foi o momento extremamente significativo e produtivo do curso. Particularmente, gostei muito, haja vista a participação, envolvimento e interação entre professor/intérprete/alunos ouvintes e Surdos. A parte prática foi o diferencial do curso. (C5)

É preciso o “visual” para o aluno. Isso é o maior aprendizado do professor para incluir o aluno Surdo. O que achei mais importante foi poder identificar o Surdo, saber em qual estágio de identidade do aluno que estou recebendo. (C6)

Alfabeto manual, figuras dos animais com sinais em Libras, sinalizar toda a escola em Libras. Trabalhar com mais imagens é extremamente importante para o Surdo e para o ouvinte. (C7)

O que nos foi passado, a imagem é fundamental para o Surdo, não só para ele, mas contribui também para o aluno ouvinte. O que mais gostei foi a atividade que tivemos de simular uma aula para ouvintes e que essa aula também seria apta ao aprendizado de aluno Surdo. (C10)

Observamos que os cursistas compreendem sobre a necessidade de se pensar em uma aula para Surdos, de saber sobre as especificidades visuais desses sujeitos. Eles reconhecem que é a partir da visão que o Surdo adquire conhecimento e aceitam o Surdo como sujeito histórico social. Portanto, consideramos que o objetivo do curso foi alcançado, mostrando que o professor, para ensinar alunos Surdos, não precisa aprender fluentemente a Libras. Porém, o aprendizado do básico é válido.

As falas dos cursistas C1 e C2 corroboram com o pensamento da professora Sílvia Valéria Feliciano et al (2013, p. 3.574) de que “os alunos ouvintes também sentem dificuldades no momento de interpretação de um texto ou uma charge, não sendo próprio apenas do Surdo esse obstáculo. Por isso que o recurso visual é importantíssimo na educação deste grupo”. Portanto, as aulas planejadas e organizadas no aspecto visual, de forma contextualizada, contribuem tanto para alunos Surdos quanto para alunos ouvintes. Afinal, é neste sentido que o ensino de Surdos deve caminhar, capaz de permitir a compreensão conteúdo escolar de forma clara. No próximo tópico, apresentaremos as considerações finais, onde traçaremos um panorama geral do percurso e dos resultados de nossa pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para iniciar as considerações finais, precisamos lembrar o que me motivou a desenvolver esta pesquisa, relembrar dos relatos dos meus pais, sobre o quanto desejavam terem a oportunidade de estudar em uma instituição onde as especificidades deles fossem levadas em consideração. Uma instituição na qual os professores tivessem conhecimento de como planejar e organizar suas aulas, em salas que tivessem alunos Surdos. Assim, compreendo que, os anseios dos meus pais, também foram os anseios de diversos Surdos no decorrer dos anos, tanto no Brasil, como em outros países.

Nosso referencial teórico, nos mostra que para trabalhar em salas regulares com a presença de alunos Surdos não há necessidade de que os professores sejam fluentes em Libras, exceto aqueles que irão atuar em escolas bilíngues exclusivas para Surdos. Entretanto, compreendemos que não está claro para os licenciandos que a inserção de Libras em um curso de licenciatura não deveria ter o objetivo de formar professores bilíngues, mas sim, contribuir para que os professores preparassem pedagogicamente e metodologicamente suas aulas a partir das subjetividades dos Surdos, uma vez que a fluência em Libras seria destinada ao intérprete, responsável pela mediação da comunicação entre Surdos e ouvintes.

Desse modo, o objetivo desta pesquisa foi compreender o papel da disciplina de Libras na formação de professores e analisar como ela tem contribuído para a prática dos licenciandos da Universidade Federal de Goiás/Regional Jataí, a fim de que os alunos Surdos sejam incluídos. Assim, além de refletir sobre a disciplina de Libras nos cursos de Licenciatura da instituição, a partir de sua ementa, currículo, plano de ensino, observações e questionários com docentes e licenciandos; propomos também uma oficina de formação continuada, juntamente com acadêmicos de licenciatura, para apoio do professor da disciplina, que resultou na elaboração de um produto educacional que objetivou a inclusão dos alunos Surdos.

Ao analisarmos os dados coletados, compreendemos que a disciplina de Libras, ofertada pela UFG/Regional Jataí é utilizada para tornar o licenciando proficiente na referida língua. Esta afirmação é reforçada também pelos próprios alunos licenciandos, de modo que suas respostas indicam que eles não se sentem capazes de atuarem com alunos Surdos, mesmo após terem cursado a disciplina de Libras na instituição, pois, aprenderam no decorrer da disciplina a língua de sinais e não metodologias para a educação de Surdos.

Além das respostas dos alunos licenciandos, os professores docentes que ministram a disciplina de Libras na instituição também afirmam que somente com a fluência em Libras do professor regente, a inclusão de Surdos aconteceria com qualidade. Isto é, os sujeitos de nossa

pesquisa, tanto os docentes quanto os licenciandos ressaltam que esta disciplina consiste em um momento para tornar os alunos fluentes em língua de sinais.

Compreendemos, a partir dos sentidos atribuídos pelo conjunto dos sujeitos da pesquisa e dos dados analisados, que precisávamos desenvolver um produto educacional capaz de contribuir com a formação desses futuros docentes, pois eles somente tiveram a oportunidade de aprender a Libras e havia uma lacuna quanto às especificidades educativas dos Surdos. Com isto, precisávamos identificar e propor práticas pedagógicas inovadoras e adequadas ao trabalho com Surdos, bem como planejar aulas ou roteiros de aula, que contribuíssem para formação dos licenciandos no trabalho com Surdos em salas regulares de ensino.

A partir da necessidade em contribuir com a formação de professores capaz de respeitar e valorizar as especificidades dos Surdos, propomos o nosso produto educacional, um curso intitulado “Orientações pedagógicas de uma nova abordagem do processo ensino-aprendizagem para Surdos”, com carga horária de 20 horas, para os alunos que já haviam realizado a disciplina de Libras. Assim, por meio dos questionários aplicados antes e após o curso, identificamos que a maioria dos cursistas compreenderam sobre as práticas educativas de Surdo.

A partir dessa constatação, ressaltamos que os professores docentes da disciplina de Libras podem estabelecer 20 horas de sua disciplina, para tratarem de assuntos sobre as orientações pedagógicas capazes de ajudar no processo de ensino-aprendizagem dos alunos Surdos. A disciplina de Libras é ofertada com carga horária de 64 horas, o restante da carga horária seria direcionado ao ensino de Libras básico de sala de aula. Salientamos ainda que este poderia ser um passo para contribuir para o acesso e permanência dos Surdos nas instituições de ensino, ou seja, uma inclusão nas escolas regulares com qualidade.

Além disso, sugerimos também que a disciplina de Libras seja oferecida pelo próprio curso de licenciatura, com a finalidade de contribuir para que o licenciando conheça as especificidades dos Surdos, bem como sinais de Libras, de acordo com o objeto de estudo de cada curso. Por exemplo, o licenciando em Pedagogia aprenderia, sinais próprios de alfabetização, bem como metodologias para ensinar a leitura e a escrita para alunos Surdos. Já o licenciado em matemática deveria aprender sinais próprios da matemática e assim sucessivamente.

Assim, salientamos que cada curso pode oferecer a disciplina de Libras, com uma ementa própria, capaz de discutir assuntos sobre as subjetividades do processo de ensino aprendizagem dos Surdos e uma conversação básica específica de cada curso. Mesmo nos

cursos em que a disciplina de Libras é considerada como optativa, seria interessante que atendesse às suas próprias peculiaridades ou no mínimo as grandes áreas do conhecimento.

O nosso produto começa com o curso de práticas pedagógicas de uma nova abordagem do processo ensino aprendizagem para Surdos, e finaliza com a divulgação de todo material trabalhado em sala de aula em um *site*, que também se configura como produto. Assim, contribui tanto para os docentes da disciplina de Libras quanto para os licenciandos e licenciados. A partir dos relatos, observamos que os objetivos do curso foram alcançados, e que os cursistas, em sua maioria, compreenderam como planejar e organizar uma aula para Surdos.

A partir da oferta do curso e questionários aplicados aos cursistas, concluímos que a disciplina de Libras na formação de professores precisa oportunizar uma reflexão acerca de conhecimentos sobre as práticas educacionais para Surdos, além de ensinar o básico em Libras e favorecer a interação aluno-professor. Observamos também, que os conteúdos abordados no curso foram importantes para a construção de conhecimentos acerca do Surdo como sujeito histórico social, com língua e cultura própria e com especificidades educativas visuais. Portanto, concluímos que alguns conteúdos devem ser trabalhados nas disciplinas de Libras na formação docente, tais como: Conhecendo os Surdos; Contexto histórico da educação dos Surdos; Aspectos linguísticos e cultural; Legislação; Intérprete de Libras; Processo de ensino aprendizagem, relação professor-intérprete-aluno Surdo; Metodologia para educação de Surdos; Adaptação de materiais pedagógicos; além, de aulas práticas para Surdos.

Não temos a receita para o sucesso da educação dos Surdos, todavia, proporcionamos aos cursistas, indícios de como deve ser uma aula pensada na singularidade dos alunos Surdos. Porém, após todo esse estudo, algumas questões ainda nos incomodam, como: Por que uma instituição pública federal ainda não tem a disciplina de Libras ofertada como disciplina obrigatória nos cursos de licenciatura, mesmo que a Lei que determina essa obrigatoriedade tenha mais de quinze anos? Como essa instituição pioneira na oferta do curso de Licenciatura em Letras/Libras em todo Brasil, não se preocupou em ofertar disciplina de Libras nos cursos de licenciatura? Chama-nos a atenção a oferta da disciplina de Libras no curso de Fisioterapia, curso de bacharelado, como obrigatória, uma vez que a Lei determina a oferta de forma optativa. Isso apenas reforça a questão: Por que ainda não é ofertada essa disciplina como obrigatória nas licenciaturas?

REFERÊNCIAS

- ALBRES, A. N. **A educação de alunos surdos do final da década de 1970 a 2004**: análise dos documentos referenciadores. 2005. 129 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências humanas e sociais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2005.
- ALMEIDA, J. J. F. **Libras na Formação de Professores**: Percepções dos Alunos e da Professora. 2012. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Comunicação e Artes, Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2012.
- ALMEIDA, J. J. F; VITALIANO, C. R. A Disciplina de Libras na Formação Inicial de Pedagogos: Experiência dos Graduandos. In: IX SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, 2012, Caxias do Sul. **Anais do IX ANPED SUL**, 2012. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/2429/582>>. Acesso em: 03 de abril de 2017.
- ANTUNES. A. L. **Perspectiva Intercultural e a Educação Inclusiva de Surdos**. Campinas, 2012. Palestra promovida no XVI ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino – UNICAMP, Campinas, 2012.
- BAALBAKI, A.; CALDAS, B. Impacto do congresso de Milão sobre a língua dos sinais. In: XV Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 2011, Rio de Janeiro. **Anais XV Congresso Nacional de Linguística e Filologia**, 2011. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_2/156.pdf>. Acesso em: 04 de abril de 2017.
- BEHRENS, M. A. **Formação continuada dos professores e a prática pedagógica**. Curitiba, PR: Champagnat, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Especial. **Saberes e práticas da inclusão**: recomendações para a construção de escolas inclusivas. 2 ed. MEC/SEESP, Brasília, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/const_escolasinclusivas.pdf>. Acesso em: 03 de abril de 2017.
- _____. Decreto n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]**, Brasília, DF, 2005.
- _____. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS e dá outras providências. **Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]**, Brasília, DF, 2002.
- _____. Ministério da Educação. **Resolução CNE/CEB, de 11 de setembro de 2001**. Institui Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica. Secretaria de Educação Especial-SEESP, 2001. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201>>. Acesso em: 03 de abril de 2017.

_____. Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiências ou com a mobilidade reduzida e dá outras providências. **Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]**, Brasília, DF, 2000.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Secretaria de Educação Fundamental/Secretaria de Educação Especial. MEC/SEB/DICEI, Brasília, 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 07 dez. 2017.

_____. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]**, Brasília, DF, v. 134, n. 248, 23 dez. 1996. Seção 1, p. 27834-27841

BRZEZINSKI, I. Políticas Contemporâneas de Formação de Professores para os anos iniciais do ensino fundamental. **Educação Sociologia**, Campinas: vol.29. n.105. 2008. p. 1139-1166.

BUENO, J. G. S. Crianças com necessidades educativas especiais, política educacional e a formação de professores: generalista ou especialista. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Piracicaba - SP, v. 3, n.5, p. 7-25, 1999.

CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: Evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga, Portugal, v. 16, n. 002, p. 221-236. 2003.

CROMACK, E. M. P. C. Identidade, cultura surda e produção de subjetividades e educação: atravessamentos e implicações sociais. **Psicol. Cienc. Prof.**, Brasília, v. 24, n. 4, p. 68-77, dez. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932004000400009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23 out. 2017.

CUNHA, P. M. A. Cenas do atendimento especial numa escola bilíngue: os discursos sobre a surdez e a produção de redes de saber-poder. In: QUADROS, R.M. de; PERLIN, G. (Org.). **Estudos Surdos II**. Petrópolis: Arara Azul, 2007. p. 38-85.

CAVENAGHI, A. R. A. Uma perspectiva autodeterminada da motivação para aprender língua estrangeira no contexto escolar. **Ciênc. Cogn.**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 248-261, jul. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212009000200017&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 23 out. 2017.

DIZEU, L. C. T. de B.; CAPORALI, S. A. Uma língua de sinais constituindo o surdo como sujeito. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 583-597, ago. 2005.

FELICIANO, S. V. L. et. al. O uso de recursos visuais no ensino de ciências humanas para o aluno surdo. In: VIII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO ESPECIAL. 2013. Curitiba. **Anais do VIII Encontro da associação brasileira de pesquisadores em educação especial**. Curitiba. 2013. p. 3569-3579.

FELIPE, T. A. Introdução à gramática de Libras. In: BRITO, L. F. (org). **Educação Especial: Língua Brasileira de Sinais**. Brasília: Secretaria de Educação Especial, Língua Brasileira de Sinais –SEESP, 1997.

FERREIRA, L. **Legislação e a língua brasileira de sinais**. São Paulo: Ferreira e Bergoncci Consultorias e Publicações, 2003.

FONSECA, V. **Educação Especial**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1995.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 1998.

GOLDFELD, M. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista**. São Paulo: Plexus, 1997.

INSTITUTO BRASILEIRO DE ESTATÍSTICA – IBGE. **Informe sobre o censo de 2015**. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/sinopses-estatisticas-da-educacao-basica>>. Acesso em: 20 maio 2017.

_____. **Informe sobre o censo demografico de 2010**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/93/cd_2010_caracteristicas_populacao_domicilios.pdf>. Acesso em: 20 maio 2017.

KIRK, S. A.; GALLAGHER, J. J. **Educação da criança excepcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LACERDA, C. B.F. de. A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 26, n. 69, p. 163-184, ago. 2006 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622006000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em:24 out. 2017.

LACERDA, C. B.F. de. Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos. **Cad. CEDES**, Campinas , v. 19, n. 46,p. 68-80,set. 1998 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621998000300007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em:24 out. 2017.

LASSANCE, M. C.; SPARTA, M. A orientação profissional e as transformações no mundo do trabalho. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**. v. 4 n. 1-2. São Paulo, dez. 2003.

LIBÂNEO, J. C. **Adeus Professor, Adeus Professora?** novas exigências educacionais e profissões docente. São Paulo: Cortez, 1998.

LONGMAN, L. V. **Memórias de Surdos**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2007.

LOPES NETO, A. A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes.**J. Pediatr. (Rio J.)**, Porto Alegre, v. 81, n. 5, supl. p. s164-s172, nov. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572005000700006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 24 maio2017.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E.D.A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo; Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

MACHADO, N. L. S. **Educação de surdos: transição do oralismo para o bilinguismo na escola da ACAS em Cascavel**. 2005. 51 f. Monografia (Especialização em História da Educação Brasileira) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2005.

MASUTTI, M. L.; QUADROS, R. M. de. CODAs brasileiros: libras e português em zonas de contato. In: QUADROS, R. M.; PERLIN, G.. (Org.). **Estudos Surdos II**. Petrópolis: Arara Azul, 2007.

MELO, G. F.; OLIVEIRA, P. S. J. Ensino-aprendizagem de Libras: mais um desafio para a formação docente. B. Téc. Senac, Rio de Janeiro, v. 38, n. 3, p. 1-10 set./dez. 2012. Brasília, n. 53, p. 62-74, mar. 2017.

MENDES, A. Q. S.; FIGUEREDO, F.; RIBEIRO, A. C. Inclusão de alunos surdos na escola regular: aspectos linguísticos e pedagógicos. **Revista de Iniciação Científica – RIC**. Cairu. V. 02, n. 02, p. 33-46, 02 jun. 2015

MONTILHA, R. C. I. et al. Percepções de escolares com deficiência visual em relação ao seu processo de escolarização. **Paidéia** (USP. Ribeirão Preto. Impresso), v. 19, p. 333-339, 2009.

MORAN C. J. M. Os desafios de educar com qualidade. In: MORAN C. J. M.; MASETTO, M.; BEHRENS, M. (Org.). **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 21. ed. Campinas: Papirus editora, 2013, v.1, p. 21-24.

MOURA, M. C. de. História e Educação: o surdo, a oralidade e o uso de sinais. In: LOPES FILHO, O. C. (Org.). **Tratado de Fonoaudiologia**. São Paulo: Roca, 1997.

MULLER, C. R. **Professor surdo no Ensino Superior**: representações da prática docente. 2009. 82 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2009.

NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de pesquisa em administração**. São Paulo, v. 1, n. 3, jul./dez. 1996, p. 01-05.

NÓBREGA, S.. **O Brasil**: Família Imperial Brasileira: 1817-2010. Universidade Federal de Campina Grande [S.l.]. [199-]. Disponível em: <http://www.dsc.ufcg.edu.br/~pet/jornal/setembro2010/materias/o_brasil.html>. Acesso em: 20 de maio de 2017.

PERLIN, G. Surdos por uma pedagogia da diferença. In: THOMA, A. S.; LOPES, M. C. (Org.). **A invenção da surdez II**: espaços e tempos de aprendizagem na educação de surdos. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2006, p. 9-25.

_____. História dos surdos: representantes "mascaradas" das identidades surdas. In: QUADROS, R. M.; PERLIN, G. (Org.). **Estudos Surdos II**. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2007, v. 2, p. 1-266.

_____.; STROBEL, K. **Fundamentos da Educação de Surdos**. Florianópolis: UFSC, 2008.

PIZZIO, A. L. ; QUADROS, R. M. de ; REZENDE, P. L. F. **Língua Brasileira de Sinais I**. Florianópolis/SC: UFSC, 2009 (Material didático para Disciplina de Libras I).

PRADO, A. do C. **Principais características da produção vocal do deficiente auditivo**. Rev. CEFAC, São Paulo, v. 9, n. 3, p. 404-410, set. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-18462007000300014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25 ago.2017.

QUADROS, R. M. de. **Letras Libras ontem, hoje e amanhã**. Florianópolis: Editora UFSC, 2014.

_____. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. 2. ed. Brasília: MEC - Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos, 2005

_____.; CRUZ, C. R. **Língua de sinais** - instrumentos de avaliação. Porto Alegre: Artmed, 2011.

_____.; CAMPELLO, A. R. S. A Constituição Política, Social e Cultural da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. In: VIEIRA-MACHADO, L. M. C.; LOPES, M. C. (Org.). **Educação de Surdos: Políticas, Língua de Sinais, Comunidade e Cultura Surda**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010, p. 15-47.

_____. ; KARNOPP, L. B. . **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

RAIMANN, A. Formação de professores e elementos curriculares da formação. In: TOZETTO, S.S, E LAROCCA, P. (Org.). **Desafios da formação de professores: saberes, políticas e trabalho docente**. Curitiba: Editora CRV, 2014.

RAMIREZ, A. R. G.; MASUTTI, M. L. (Org.). **A Educação de Surdos em uma Perspectiva Bilíngue: Elaboração de Software e suas implicações pedagógicas**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2009.

RAMOS, C. R. Libras: A língua de sinais dos surdos brasileiros. In: Instituto de Professores Públicos e Particulares-IPPP (Org.). **Projeto educação especial inclusiva** /manual do aluno. Rio de Janeiro: SETRAB/ Secretaria de Estado do Trabalho-RJ, 2002.

RAMOS, R. **Passos para a inclusão**. São Paulo: Cortez, 2006.

REBOUÇAS, L. S. **A prioridade dos docentes surdos para ensinar a disciplina Língua Brasileira de Sinais (Libras) nas instituições de ensino superior após o decreto 5.626/2005**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

REILY, L. **Escola inclusiva: linguagem e mediação**. 3. ed. Campinas: Papyrus Editora, 2008.

ROCHA, L. P. **Políticas Educacionais de Inclusão Escolar das Pessoas com Deficiência em Periódico Científico Brasileiro (2008-2012)**. 2014. 189 f. Tese (Doutorado em Educação)- Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2014.

ROCHA, S. Histórico do INES. **Revista Espaço**: edição comemorativa 140 anos – INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos, Belo Horizonte: Editora Littera, 1997.

SACKS, O. **Vendo Vozes**: uma jornada pelo mundo dos surdos. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1998.

SANTANA, A. P.; BERGAMO, A. Cultura e identidade surda: encruzilhada de lutas sociais e teóricas. **Educação & Sociedade** (Impresso), v. 26, n.91, p. 565-582, 2005.

SAVIANI, D. **Da nova LDB ao plano nacional de educação**: por uma outra política educacional. 3.ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

SCHMITT, D. Espaço de conforto linguístico/cultural dos surdos na UFSC. In: QUADROS, R. M. (Org.). **Estudos Surdos III**. Petrópolis: Arara Azul, 2008.

SILVA, M. L. I. L. Entre o amor e a cavalaria: Lancelote, o cavaleiro da charrete. **S/ECULUM-Revista de História**, João Pessoa, n. 11, p. 42-53, ago. 2004.

SILVA, V. **A Política da Diferença**: Educadores-intelectuais surdos em perspectiva. 2009. 184 f. Tese. (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC. Santa Catarina. 2009.

_____. Educação de surdos: uma releitura da primeira escola pública para surdos em Paris e do Congresso de Milão em 1880. In: QUADROS, R. M. (Org.). **Estudos Surdos I**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2006.

SKLIAR, C. (Org.) **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2005.

SOARES, M. A. L. **A educação do surdo no Brasil**. Campinas: Autores Associados/Bragança Paulista, 1999.

SOFIATO, C. G.; REILY, L. H.. Justaposições: o primeiro dicionário brasileiro de língua de sinais e a obra francesa que serviu de matriz. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 18, p. 569-586, 2012.

SOUZA, A. V. M. **Marcas de diferença**: subjetividade e dever na formação de professores. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.

SOUZA, R. M. de ; GALLO, S. . Por que matamos o barbeiro? Reflexões preliminares sobre a paradoxal exclusão do outro. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 79, n.79, p. 39-63, 2002.

SOUZA, V. R. M. A Educação dos Surdos no Século XIX. **Revista Tempos e Espaços em Educação, UFS**, v. 1, p. 49-56, jul. 2008.

STEWART, D. A. Pesquisa sobre o uso de língua de sinais na educação de crianças Surdas. In: MOURA, M.C. et al (Org.) **Língua de sinais e educação do surdo**. São Paulo: Tec Art, 1993.

STREIECHEN, E. M.; KRAUSE-LEMKE, C. Análise da produção escrita de surdos alfabetizados com proposta bilíngue: implicações para a prática pedagógica. **Rev. bras. linguist. apl.** [online]. Campinas, vol.14, n.4, p.957-986, out. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-63982014000400009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 09 set. 2014.

STROBEL, K. L. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2008.

_____. **História da educação de Surdos**. Florianópolis: UFSC, 2009.

_____. História dos surdos: representações “mascaradas” das identidades surdas. In: QUADROS, Ronice Muller; PERLIN, Glades. **Estudos Surdos II**. Petrópolis, RJ: Arara azul, 2007.

TAVARES, I. M. S.; CARVALHO, T. S. S. Inclusão escolar e a formação de professores para o ensino de Libras (Língua Brasileira de Sinais): do texto oficial ao contexto. In: V ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM ALAGOAS - 2010, Maceió. **Anais do V Encontro de Pesquisa em Educação em Alagoas**, 2010.

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em educação – o positivismo, a fenomenologia, o marxismo. São Paulo: Atlas, 1987.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. Faculdade de Letras. **Projeto Pedagógico do curso de Letras/Libras (PPC)**. Goiânia, 2014. Disponível em: <https://www.letras.ufg.br/up/25/o/2014_PPC_libras.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2017.

_____. Curso de Química. Projeto Pedagógico do Curso de Química Modalidades: Bacharelado e Licenciatura Campus Catalão. Catalão, 2010. Disponível em: <https://quimica.catalao.ufg.br/up/516/o/PPC_QUIMICA_CATALAO_ULTIMA_VERSAO_03072010.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2017.

VITALIANO, C. R. **Concepções de professores universitários da área de educação e do ensino regular sobre a integração de alunos especiais e a formação de professores**. 2002. Tese. (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília. 2002.

_____.; DALL' ACQUA, M. J. C.; BROCHADO, S. M. D. **Língua Brasileira de Sinais nos currículos dos cursos de Pedagogia das Universidades Públicas dos Estados do Paraná e de São Paulo**: caracterização da disciplina. Londrina: EDUEL, 2010.

VYGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WITKOSKI, S. A. Surdez e preconceito: a norma da fala e o mito da leitura falada. **Revista Brasileira de Educação**. v. 14, p. 565-576, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v14n42/v14n42a12.pdf>>. Acesso em: 25 de maio de 2017.

WRIGLEY, O. **The politics of deafness**. Washington: Gallaudet University Press, 1996.

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS LICENCIANDOS

Pesquisa “Ensino de física para Surdos: o papel da disciplina de Libras para a formação de professores”⁴³.

Prezado Aluno,

Gostaríamos de convidá-lo a participar da pesquisa “Ensino de física para Surdos: o papel da disciplina de Libras para a formação de professores”, realizada na Universidade Federal de Goiás – Unidade Jataí e no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Câmpus Jataí.

Com o foco na formação acadêmica dos alunos de Licenciatura dessas instituições de ensino, pretende-se compreender o papel da disciplina de Libras e analisar como ela pode contribuir para a prática dos licenciados, efetivando em uma real inclusão de Surdos.

Os objetivos da pesquisa são:

- Compreender o papel da disciplina de Libras e analisar como ela pode contribuir para a prática dos licenciandos da Universidade Federal de Goiás – Unidade Jataí, para que seus alunos Surdos sejam incluídos;
- Analisar a disciplina de Libras nos cursos de Licenciatura da UFG – Jataí, explicitando sua ementa, plano de ensino e seu potencial formativo;
- Identificar e propor práticas pedagógicas inovadoras e adequadas ao trabalho com surdo;
- Propor um roteiro de aula, juntamente com acadêmicos, para apoio do professor da disciplina, visando à inclusão dos alunos Surdos, como produto educacional.

A sua participação é muito importante e ela se daria da seguinte forma:

Você responderá a um formulário composto por questões relacionadas à disciplina de Libras, as quais serão analisadas e relacionadas com o referencial teórico da área.

Gostaríamos de esclarecer que sua participação é totalmente voluntária, podendo você recusar-se a participar, sem que isso acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Informamos ainda que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade.

⁴³ O título da pesquisa foi alterado posteriormente para “A disciplina de Libras na formação de professores”.

Os benefícios esperados são: contribuir com a melhor qualidade na formação dos professores para atuarem em contextos educacionais inclusivos.

Informamos que o senhor (a) não pagará nem será remunerado por sua participação. Caso você tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos pode nos contactar (e-mail thabiokamilla@gmail.com).

Endereço de email

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim, li e aceito participar voluntariamente dessa pesquisa.
- ☐ Não aceito participar dessa pesquisa.

- 1) Você atua ou já atuou como professor (a)? Se sim, quanto tempo?
- 2) Você concorda com a obrigatoriedade da disciplina de Libras para o seu curso? Por quê?
- 3) Você sentiu dificuldades na disciplina de Libras? Se sim, quais?
- 4) Os conteúdos contemplaram as suas expectativas?
- 5) Você se sente preparado para receber alunos surdos em sala de aula?
- 6) Você acha que a carga horária da disciplina foi suficiente?
- 7) A sua visão sobre a pessoa surda mudou após a disciplina de Libras? Explique.
- 8) O ensino acrescentou em sua formação? Por quê?
- 9) Você poderia citar algumas estratégias de ensino que favoreçam a inclusão de alunos surdos? Se sim, exemplifique.
- 10) Dentre os conteúdos trabalhados pelo professor da disciplina, teria um específico que te auxiliou no atual contexto educacional para promover a inclusão de alunos surdos? Se sim, qual e explique o porquê.

Respostas do entrevistado A1

- ☒ Sim, li e aceito participar voluntariamente dessa pesquisa.
- ☐ Não aceito participar dessa pesquisa.

1) Você atua ou já atuou como professor(a)? Se sim, quanto tempo? *

Sim como substituto, 3 meses.

2) Você concorda com a obrigatoriedade da disciplina de Libras para o seu curso? Por quê? *

Sim. É importante para o professor saber comunicar-se de forma pelo menos básica com os alunos surdos.

3) Você sentiu dificuldades na disciplina de Libras? Se sim, quais? *

Sim. O primeiro contato qualquer linguagem sempre é difícil.

4) Os conteúdos contemplaram as suas expectativas? *

Sim. O conteúdo é básico mas completa várias áreas e palavras mais comuns.

5) Você se sente preparado para receber alunos surdos em sala de aula?

No momento não. Mas considero uma boa formação inicial.

6) Você acha que a carga horária da disciplina foi suficiente? *

Acho que deveria ser dobrada - 4 aulas.

7) A sua visão sobre a pessoa surda mudou após a disciplina de Libras? Explique. *

Ainda não pois não tive um contato maior com um surdo acho que fica um receio que vai ficar caso eu não tenha esse contato.

8) O ensino acrescentou em sua formação? Por quê? *

Acho que a linguagem de sinais melhora o professor como profissional, uma vez que melhora a linguagem corporal que melhora o processo de ensino aprendizagem para o ouvinte e para o surdo.

9) Você poderia citar algumas estratégias de ensino que favoreça a inclusão de alunos surdos? Se sim, exemplifique. *

Avaliações diagnósticos para avaliar quais são as concepções alternativas de física, coisa básica e a partir dessas concepções criar ferramentas pedagógicas para cada concepção.

10) Dentre os conteúdos trabalhados pelo professor da disciplina, teria um específico que te auxiliou no atual contexto educacional para promover a inclusão de alunos surdos? Se sim, qual e explique o por quê? *

Sim. Os esclarecimentos e debates realizados em sala de aula sobre os alunos surdos e suas dificuldades.

Respostas do entrevistado A2

- ☒ Sim, li e aceito participar voluntariamente dessa pesquisa.
- ☐ Não aceito participar dessa pesquisa.

1) Você atua ou já atuou como professor(a)? Se sim, quanto tempo? *

Sim, dois meses oficialmente e aproximadamente dois anos no PIBID

2) Você concorda com a obrigatoriedade da disciplina de Libras para o seu curso? Por quê? *

Não, a quantidade de alunos Surdos por classe é muito pequena para que um professor seja obrigado a saber LIBRAS. Um intérprete por sala resolveria o problema. Se é obrigatório sabermos métodos de ensino para alunos Surdos, deveríamos também, aprender métodos para cegos e estudantes estrangeiros por exemplo, o que deixaria a grade curricular das licenciaturas muito carregada e fora do foco principal do curso.

3) Você sentiu dificuldades na disciplina de Libras? Se sim, quais? *

Sim, eu não.

4) Os conteúdos contemplaram as suas expectativas? *

--

5) Você se sente preparado para receber alunos surdos em sala de aula?

Sim, desde que com a presença de um intérprete

6) Você acha que a carga horária da disciplina foi suficiente? *

O curso deveria ser ensinado fora do horário comum, como uma matéria opcional. Para que o professor realmente aprenda essa língua de sinais ele precisará de mais tempo.

7) A sua visão sobre a pessoa surda mudou após a disciplina de Libras? Explique. *

Não, sempre ví o surdo como ser humano e continuo a pensar o mesmo, mas não desejo ser obrigado a aprender sua língua da mesma forma que um americano não é obrigado a aprender português.

8) O ensino acrescentou em sua formação? Por quê? *

Não, o tempo gasto com o curso de LIBRAS poderia ser utilizado para estudar matérias mais relevantes de física.

9) Você poderia citar algumas estratégias de ensino que favoreça a inclusão de alunos surdos?

Se sim, exemplifique. *

Uso de imagens durante a aula e explicação visual ou tátil do fenômeno a ser ensinado.

10) Dentre os conteúdos trabalhados pelo professor da disciplina, teria um específico que te auxiliou no atual contexto educacional para promover a inclusão de alunos surdos? Se sim, qual

e explique o por quê? *

--

A3

☒ Sim, li e aceito participar voluntariamente dessa pesquisa.

☐ Não aceito participar dessa pesquisa.

1) Você atua ou já atuou como professor(a)? Se sim, quanto tempo? *

Sim. Atuei, durante um ano no projeto "Mais Educação", no colégio João Roberto, além de participar do PIBID e de ser prof.^a substitutos em horas vagas.

2) Você concorda com a obrigatoriedade da disciplina de Libras para o seu curso? Por quê? *

Sim. Por mais que seja poucas horas de alua de Libras e não tenho muito conhecimento, ela nos proporciona um maior conforto em poder dialogar com alunos surdos, tanto em explicações e no dia-a-dia.

3) Você sentiu dificuldades na disciplina de Libras? Se sim, quais? *

Sim. Pois, o domínio é pouco devido a inexperiência na língua e as horas aulas serem poucas. (sentido de colocar em prática).

4) Os conteúdos contemplaram as suas expectativas? *

Devido, os contratempos que minha turma pegou, tem sim. Mas, vejo que poderia muito mais, principalmente de minha parte.

5) Você se sente preparado para receber alunos surdos em sala de aula?

Não por inteiro, irei está um pouco mais tranquilo, porém não preparado de verdade. Pois, o aprendizado é pouco e estamos no inicio de uma alfabetização em Libras. Além de que não colocamos ela em pratica 100%. Com o tempo melhora, porém não para dar um suporte eficaz, sem ajuda a ajuda de um interprete em sala de aula.

6) Você acha que a carga horária da disciplina foi suficiente? *

Não. Pois, a língua de Libras ela é regional e tem vários contextos. Em sala de aula só vemos o básico da teórica e não aprofundamos na pratica, um dos motivos o tempo do curso que a disciplina é oferecida.

7) A sua visão sobre a pessoa surda mudou após a disciplina de Libras? Explique. *

Sim. Pois, passamos a observar ela diferente de antes. Vejo, como uma boa maioria delas dão o verdadeiro valor na vida e correm atrás dos objetivos, perante as dificuldades encontradas. Mas par isto é preciso que a família dela seja o alicerce de tudo no inicio.

8) O ensino acrescentou em sua formação? Por quê? *

Sim. Por mais, que seja um ensino superficial no momento, nos prepara o básico do que

podemos encontrar futuramente. Além, de temos em nosso currículo, mais uma língua "estudada".

9) Você poderia citar algumas estratégias de ensino que favoreça a inclusão de alunos surdos? Se sim, exemplifique. *

Sim. Minicurso, no ensino de FÍSICA, voltada para ambos os alunos, tanto ouvintes e surdos, dentro da semana de Lic.

Projetos para, ouvintes dentro do ensino de Libras. (Teatro, música) Aulas Temáticas.

10) Dentre os conteúdos trabalhados pelo professor da disciplina, teria um específico que te auxiliou no atual contexto educacional para promover a inclusão de alunos surdos? Se sim, qual e explique o por quê? *

No momento não, pois ainda não tive a oportunidade de trabalhar diretamente com um surdo. Porém tive um início de contato. Não foi fácil, pois o nosso ensino é básico e na primeira vez de dialogo, nada sai como previsto. Mas vejo que irá nos ajudar, nem que seja no mínimo possível em como preparar uma excelente aula para ambos os gêneros falantes. (línguas faladas).

A4

☒ Sim, li e aceito participar voluntariamente dessa pesquisa.

☐ Não aceito participar dessa pesquisa.

1) Você atua ou já atuou como professor(a)? Se sim, quanto tempo? *

Sim, faço substituições sem nenhum contrato.

2) Você concorda com a obrigatoriedade da disciplina de Libras para o seu curso? Por quê? *

Concordo, pois a possibilidade de nos comunicar nos difere se tornando essencial sabermos falar com todos, no curso de engenharia civil é importante na contratação e comunicação com clientes e funcionários.

3) Você sentiu dificuldades na disciplina de Libras? Se sim, quais? *

A única dificuldade é pela falta de contato com surdos, para que um contato diário não deixe esquecer os sinais dados.

4) Os conteúdos contemplaram as suas expectativas? *

Sim, todas as aulas ministradas apresentam conteúdos satisfatórios com um grande vocabulário.

5) Você se sente preparado para receber alunos surdos em sala de aula?

Não, no entanto tento adequar o conteúdo dado a eles, com o uso de imagens.

6) Você acha que a carga horária da disciplina foi suficiente? *

Não, acredito que dois encontros semanais seriam suficientes.

7) A sua visão sobre a pessoa surda mudou após a disciplina de Libras? Explique. *

Confirmou alguns pensamentos como forma de ensino, pois o surdo precisa de uma atenção maior. E também ver o surdo como um ser humano igual aos demais.

8) O ensino acrescentou em sua formação? Por quê? *

Sim, aprendi muitas palavras. Me levando a saber me comunicar melhor.

9) Você poderia citar algumas estratégias de ensino que favoreça a inclusão de alunos surdos?

Se sim, exemplifique. *

Todos saberem se comunicar com o aluno, uma metodologia diferente da convencional, com imagens tendo interação entre o professor e o aluno.

10) Dentre os conteúdos trabalhados pelo professor da disciplina, teria um específico que te auxiliou no atual contexto educacional para promover a inclusão de alunos surdos? Se sim, qual e explique o por quê? *

Foi discutido vários assuntos que abriram mais a visão sobre os métodos de ensino dados aos alunos, a fim de ver que o aluno surdo não é aluno do interprete, mas sim do professor, cabendo a ele elaborar a metodologia que se encaixe ao seu aluno.

A5

☒ Sim, li e aceito participar voluntariamente dessa pesquisa.

☐ Não aceito participar dessa pesquisa.

1) Você atua ou já atuou como professor(a)? Se sim, quanto tempo? *

sim, a aproximadamente dois meses

2) Você concorda com a obrigatoriedade da disciplina de Libras para o seu curso? Por quê? *

sim, pois com essas aulas estamos tendo informações sobre como trabalhar com surdos, estamos tendo contato com a cultura surda, pra nos que não temos contato com surdo no nosso dia a dia iríamos ter dificuldades ao chegarmos na sala de aula ao nos depararmos com um aluno surdo

3) Você sentiu dificuldades na disciplina de Libras? Se sim, quais? *

sim, no inicio foi dificil; pois como não tinha contato com surdos tive dificuldades na hora das atividades que não fala. Apenas gestos com as mãos e as expressoes no rosto.

4) Os conteúdos contemplaram as suas expectativas?*

Sim, pois com esses conteudos passei a entender melhor o que o professor falava para eu interpretar como se fosse um surdo.

5) Você se sente preparado para receber alunos surdos em sala de aula?

acredito que sim, essas aulas pelo pouco que aprende posso utilizar o pouco que aprendi com as aulas praticas com o professor na faculdade.

6) Você acha que a carga horária da disciplina foi suficiente? *

não, pois como é uma lingua em sinais requer um pouco mas de tempo para que o aluno possa fazer, identificar, e também expressar no seu rosto o que ele quer passar ao surdo. deveria ter um tempo maior na faculdade.

7) A sua visão sobre a pessoa surda mudou após a disciplina de Libras?

Explique. *

sim, pois consegui identificar que os surdos são pessoas como nós apenas possui uma deficiência, e que posso entende-lo sim quando aprendido a primeira ligua de comunicação deles a lingua de sinais.

8) O ensino acrescentou em sua formação? Por quê? *

sim, pois entendi o quanto a lingua de sinais é importante.

9) Você poderia citar algumas estratégias de ensino que favoreça a inclusão de alunos surdos?

Se sim, exemplifique. *

no momento como não tive contato em sala de aula com um aluno surdo não tenho como lhe fornecer essa informação.

10) Dentre os conteúdos trabalhados pelo professor da disciplina, teria um específico que te auxiliou no atual contexto educacional para promover a inclusão de alunos surdos? Se sim, qual e explique o por quê? *

sim, os gestos das falas e as expressões faciais que é um coonjunto importante na hora da comunicação com os surdos.

A6

☒ Sim, li e aceito participar voluntariamente dessa pesquisa.

☐ Não aceito participar dessa pesquisa.

1) Você atua ou já atuou como professor(a)? Se sim, quanto tempo? *

não

2) Você concorda com a obrigatoriedade da disciplina de Libras para o seu curso? Por quê? *

Sim. Pois, ela permite que tenhamos um pouco de contato com a cultura surda.

3) Você sentiu dificuldades na disciplina de Libras? Se sim, quais? *

Sim. Pois, é muito visual e além disso é preciso uma boa memória, pois os sinais são parecidos.

4) Os conteúdos contemplaram as suas expectativas? *

Sim.

5) Você se sente preparado para receber alunos surdos em sala de aula?

Não. Pois apesar das aulas não é possível saber libras, mas pelo menos consegui ter um pouco de contato com a cultura surda, entendendo que para ensina-los, é necessário expor os conteúdos de forma visual.

6) Você acha que a carga horária da disciplina foi suficiente? *

Não, é necessário uma carga horaria maior. Já que não aprende libras em pouco tempo.

7) A sua visão sobre a pessoa surda mudou após a disciplina de Libras? Explique. *

Sim. Consegui perceber que a dificuldade e o preconceito com o surdo, é muito grande.

8) O ensino acrescentou em sua formação? Por quê? *

Sim. Porque acredito, que ao receber futuramente um aluno surdo, irei ter uma breve noção de como ensina-lo.

9) Você poderia citar algumas estratégias de ensino que favoreça a inclusão de alunos surdos?

Se sim, exemplifique. *

Sim, O uso de simuladores, que permite que o aluno visualize o fenômeno físico, através de animações, coloridas e chamativas.

10) Dentre os conteúdos trabalhados pelo professor da disciplina, teria um específico que te auxiliou no atual contexto educacional para promover a inclusão de alunos surdos? Se sim, qual e explique o por quê? *

Sim. Em uma das aulas o professor explicou que o surdo, precisa visualizar, e que o professor sempre deve evitar falas, de costas para o aluno. Além disso, nos ensinou algumas palavras que devemos saber sinalizar, pois são básicas.

A7

☒ Sim, li e aceito participar voluntariamente dessa pesquisa.

☐ Não aceito participar dessa pesquisa.

1) Você atua ou já atuou como professor(a)? Se sim, quanto tempo? *

Só na regência

2) Você concorda com a obrigatoriedade da disciplina de Libras para o seu curso? Por quê?

*

Sim! Pq caso eu atuar como professor e tiver alunos surdos nas minhas aulas vou conseguir comunicar com eles tirando as dúvidas q talvez o intérprete não entenda.

3) Você sentiu dificuldades na disciplina de Libras? Se sim, quais? *

Não

4) Os conteúdos contemplaram as suas expectativas? *

Sim!

5) Você se sente preparado para receber alunos surdos em sala de aula?

Sim!

6) Você acha que a carga horária da disciplina foi suficiente? *

Não, creio que deveria ter sido maior pra aprofundar mais.

7) A sua visão sobre a pessoa surda mudou após a disciplina de Libras? Explique. *

100%

8) O ensino acrescentou em sua formação? Por quê? *

Demais! Agora posso me comunicar com um surdo da forma correta. Língua de sinais.

9) Você poderia citar algumas estratégias de ensino que favoreça a inclusão de alunos surdos? Se sim, exemplifique. *

Slides explicativos, vídeos com legendas entre muitas outras.

10) Dentre os conteúdos trabalhados pelo professor da disciplina, teria um específico que te auxiliou no atual contexto educacional para promover a inclusão de alunos surdos? Se sim, qual e explique o por quê? *

Todos foram de grande auxílio

A8

☒ Sim, li e aceito participar voluntariamente dessa pesquisa.

☐ Não aceito participar dessa pesquisa.

1) Você atua ou já atuou como professor(a)? Se sim, quanto tempo? *

Sim, a 1 ano como professora de apoio

2) Você concorda com a obrigatoriedade da disciplina de Libras para o seu curso? Por quê? *

Sim, porque eu já estudei com uma colega q era surda e os meus antigos professores n sabiam comunicar com ela e era desagradável só de ver, imagina pra ela.. Temos q saber comunicar com essas pessoas, a inclusão é ótima.

3) Você sentiu dificuldades na disciplina de Libras? Se sim, quais? *

Não

4) Os conteúdos contemplaram as suas expectativas? *

Por uma certa forma sim, eu já fiz libras antes no E.M e foi meio superficial.

5) Você se sente preparado para receber alunos surdos em sala de aula?

Ainda não.

6) Você acha que a carga horária da disciplina foi suficiente? *

Não

7) A sua visão sobre a pessoa surda mudou após a disciplina de Libras? Explique. *

otalmente. Antes eu julgava a forma com eles escreviam e hj eu sei q está certo.

8) O ensino acrescentou em sua formação? Por quê? *

Sim, é sempre bom saber mais, e nesse caso específico é essencial pois se um dia eu tiver uma aluna ru poderei conversar com ela.

9) Você poderia citar algumas estratégias de ensino que favoreça a inclusão de alunos surdos?

Se sim, exemplifique. *

Teatros

10) Dentre os conteúdos trabalhados pelo professor da disciplina, teria um específico que te auxiliou no atual contexto educacional para promover a inclusão de alunos surdos? Se sim, qual e explique o por quê? *

Ainda estou fazendo Libras na UFG então ainda n posso responder isso.

A9

☒ Sim, li e aceito participar voluntariamente dessa pesquisa.

☐ Não aceito participar dessa pesquisa.

1) Você atua ou já atuou como professor(a)? Se sim, quanto tempo? *

Atualmente trabalho em uma escola da rede estadual de ensino, há cerca de 10 meses.

2) Você concorda com a obrigatoriedade da disciplina de Libras para o seu curso? Por quê? *

Sim. Apesar de não conseguir me lembrar de grande parte dos sinais aprendidos, pois não os usei nos últimos meses, acredito que as discussões feitas em sala sobre as dificuldades enfrentadas por pessoas surdas e sobre a como trabalhar com metodologias de ensino para esses alunos. Mas, acho que é necessário aprofundar ainda mais a discussão sobre metodologias de ensino, mas levando em consideração as reais dificuldades do professor em sala de aula, pois é extremamente difícil se dedicar com maior tempo a esses alunos, já que na sala de aula, o professor enfrenta problemas que estão além da falta de preparo.

3) Você sentiu dificuldades na disciplina de Libras? Se sim, quais? *

Não.

4) Os conteúdos contemplaram as suas expectativas? *

Sim

5) Você se sente preparado para receber alunos surdos em sala de aula?

Não.

6) Você acha que a carga horária da disciplina foi suficiente? *

Não, acredito que os alunos deveriam vivenciar uma situação real em sala de aula.

7) A sua visão sobre a pessoa surda mudou após a disciplina de Libras? Explique. *

Sim. Pois, consegui perceber que as dificuldades enfrentadas são muito maiores do que eu imaginava.

8) O ensino acrescentou em sua formação? Por quê? *

Sim. Por que, possibilitou a oportunidade de refletir sobre a necessidade de maior formação para que os professores saibam lidar alunos com deficiência.

9) Você poderia citar algumas estratégias de ensino que favoreça a inclusão de alunos surdos?

Se sim, exemplifique. *

Sim. Trabalhar com slides e com experimentos, pois são metodologias que permitem o uso dos outros sentidos, pelo aluno.

10) Dentre os conteúdos trabalhados pelo professor da disciplina, teria um específico que te

auxiliou no atual contexto educacional para promover a inclusão de alunos surdos? Se sim, qual e explique o por quê? *

Não. Porque, ainda não tive a oportunidade de trabalhar com um aluno surdo na sala de aula.

A10

☒ Sim, li e aceito participar voluntariamente dessa pesquisa.

☐ Não aceito participar dessa pesquisa.

1) Você atua ou já atuou como professor(a)? Se sim, quanto tempo? *

Sim! 5 anos.

2) Você concorda com a obrigatoriedade da disciplina de Libras para o seu curso? Por quê? *

Sim! Acredito que independente de graduação, a comunicação em libras deve ser inserida. A libras é um novo português, inglês, etc porém a nível de graduação. Nós aprendemos a comunicar com quem precisa apenas por uma via, e as demais vias, não merecem atenção? Aprender libras acredito que até minimizará ou unificará, futuramente, algumas linguagens corporais que temos hoje. Portanto, concordo plenamente que seja inserido uma disciplina que nos ajude a conversar com quem precisa também de atenção. Há cursos como Direito, que têm aulas de português novamente na graduação. Porque isentar inserir uma disciplina quer somar a comunicação?

3) Você sentiu dificuldades na disciplina de Libras? Se sim, quais? *

Não

4) Os conteúdos contemplaram as suas expectativas? *

Resposta na pergunta 3.

5) Você se sente preparado para receber alunos surdos em sala de aula?

Não, por conta de um fator óbvio: não fui preparado ou estimulado a lidar com esta demanda de alunos.

6) Você acha que a carga horária da disciplina foi suficiente? *

Resposta na pergunta 3.

7) A sua visão sobre a pessoa surda mudou após a disciplina de Libras? Explique. *

Sim.

8) O ensino acrescentou em sua formação? Por quê? *

Sim.

9) Você poderia citar algumas estratégias de ensino que favoreça a inclusão de alunos surdos? Se sim, exemplifique. *

Usar o lúdico como fonte de apoio para as disciplinas no sentido de estimular o entrosamento entre os surdos/mudo e os falantes. Por exemplo, usar a brincadeira da mímica em uma aula de

ciências onde os falantes se colocam no desafio de explicar o conteúdo sem usar as palavras e ainda todos entenderem. Estimulos nunca são demais.

10) Dentre os conteúdos trabalhados pelo professor da disciplina, teria um específico que te auxiliou no atual contexto educacional para promover a inclusão de alunos surdos? Se sim, qual e explique o por quê? *

Confesso que não recordo muito das aulas de Inclusão que tive no meu curso, mas lembro da sensação de ter sido instigado a ser uma pessoa que sabe de tudo um pouco. Até braille vimos na disciplina de Inclusão, então me mostrou que há coisas além do que achamos que já sabemos. Existe ainda um alfabeto, em português mesmo, que ainda não exploramos e necessita ser explorado, para atingir o objetivo de incluir pessoas.

A11

☒ Sim, li e aceito participar voluntariamente dessa pesquisa.

☐ Não aceito participar dessa pesquisa.

1) Você atua ou já atuou como professor(a)? Se sim, quanto tempo? *

Sim,

2) Você concorda com a obrigatoriedade da disciplina de Libras para o seu curso? Por quê? *

Sim. Pois capacita o profissional para o trabalho com D. A.

3) Você sentiu dificuldades na disciplina de Libras? Se sim, quais? *

Não.

4) Os conteúdos contemplaram as suas expectativas? *

Não

5) Você se sente preparado para receber alunos surdos em sala de aula?

Somente com intérprete.

6) Você acha que a carga horária da disciplina foi suficiente? *

Não

7) A sua visão sobre a pessoa surda mudou após a disciplina de Libras? Explique. *

São apenas pessoas com uma linguagem diferente.

8) O ensino acrescentou em sua formação? Por quê? *

Sim.

9) Você poderia citar algumas estratégias de ensino que favoreça a inclusão de alunos surdos?

Se sim, exemplifique. *

A alfabetização em libras paralela aos outros métodos. Assim todos estariam aptos a conviver e incluir o surdo em qualquer ambiente.

10) Dentre os conteúdos trabalhados pelo professor da disciplina, teria um específico que te auxiliou no atual contexto educacional para promover a inclusão de alunos surdos? Se sim, qual e explique o por quê? *

--

A12

☒ Sim, li e aceito participar voluntariamente dessa pesquisa.

☐ Não aceito participar dessa pesquisa.

1) Você atua ou já atuou como professor(a)? Se sim, quanto tempo? *

Não

2) Você concorda com a obrigatoriedade da disciplina de Libras para o seu curso? Por quê? *

Sim pois a inclusão é muito importante

3) Você sentiu dificuldades na disciplina de Libras? Se sim, quais? *

Não

4) Os conteúdos contemplaram as suas expectativas? *

Sim

5) Você se sente preparado para receber alunos surdos em sala de aula?

Com apenas libras 1 não

6) Você acha que a carga horária da disciplina foi suficiente? *

Para o ensino básico sim

7) A sua visão sobre a pessoa surda mudou após a disciplina de Libras? Explique. *

Sim porque enxerguei que eles merecem ter mais espaço na sociedade

8) O ensino acrescentou em sua formação? Por quê? *

Acrescentou porque sempre é bom ter um conhecimento a mais

9) Você poderia citar algumas estratégias de ensino que favoreça a inclusão de alunos surdos?

Se sim, exemplifique. *

Não

10) Dentre os conteúdos trabalhados pelo professor da disciplina, teria um específico que te auxiliou no atual contexto educacional para promover a inclusão de alunos surdos? Se sim, qual e explique o por quê? *

Não

A13

☒ Sim, li e aceito participar voluntariamente dessa pesquisa.

☐ Não aceito participar dessa pesquisa.

1) Você atua ou já atuou como professor(a)? Se sim, quanto tempo? *

Sim

2) Você concorda com a obrigatoriedade da disciplina de Libras para o seu curso? Por quê? *

Sim, pois além de ser uma disciplina muito interessante é essencial o aprendizado de libras para a pratica docente, visto que estamos encontrando cada vez mais pessoas com deficiência auditiva nas escolas

3) Você sentiu dificuldades na disciplina de Libras? Se sim, quais? *

Um pouco no inicio, para realizar os movimentos, manter o pulso firme

4) Os conteúdos contemplaram as suas expectativas? *

Sim

5) Você se sente preparado para receber alunos surdos em sala de aula?

Depende, pois aprendi apenas o basico para um diálogo simples, creio que para ensinar um conteudo necessitaria de mais capacitação.

6) Você acha que a carga horária da disciplina foi suficiente? *

Poderia ser maior, pois tem um leque de coisas a se aprender

7) A sua visão sobre a pessoa surda mudou após a disciplina de Libras? Explique. *

Com certeza, conseguimos olhar o mundo de outra forma

8) O ensino acrescentou em sua formação? Por quê? *

Sim

9) Você poderia citar algumas estratégias de ensino que favoreça a inclusão de alunos surdos?

Se sim, exemplifique. *

.Dentre os conteúdos trabalhados pelo professor da disciplina, teria um específico que te auxiliou no atual contexto educacional para promover a inclusão de alunos surdos? Se sim, qual e explique o por quê? *

--

A14

☒ Sim, li e aceito participar voluntariamente dessa pesquisa.

☐ Não aceito participar dessa pesquisa.

1) Você atua ou já atuou como professor(a)? Se sim, quanto tempo? *

Sim a 2 anos

2) Você concorda com a obrigatoriedade da disciplina de Libras para o seu curso? Por quê? *

Sim, acredito que se estiver aulas com um maior período de tempo teremos maior preparo para atuar com a inclusão.

3) Você sentiu dificuldades na disciplina de Libras? Se sim, quais? *

Não, mas não acredito que tenho preparação para atuar e ter uma boa locução .

4) Os conteúdos contemplaram as suas expectativas? *

Não, com tempo restrito não teve tempo pra assimilar e pra ter aulas diferentes o professor ficou restrito sem muito tempo de ação com os alunos.

5) Você se sente preparado para receber alunos surdos em sala de aula?

Não com o tempo restrito de aula não teve como aprender a dialogar e as situações com o aprendizado foi restrito.

6) Você acha que a carga horária da disciplina foi suficiente? *

Não.

7) A sua visão sobre a pessoa surda mudou após a disciplina de Libras? Explique. *

Sim, acredito que a dificuldade de não ser compreendido e não poder se expressar e muito complicado.

8) O ensino acrescentou em sua formação? Por quê? *

Não muito mas me deu indicativo que é preciso buscar um médio de aprendizagem da linguagem de sinais.

9) Você poderia citar algumas estratégias de ensino que favoreça a inclusão de alunos surdos?

Se sim, exemplifique. *

Sim acredito que um período maior de aulas e uma maior convivência com pessoas que não são audível.

10) Dentre os conteúdos trabalhados pelo professor da disciplina, teria um específico que te auxiliou no atual contexto educacional para promover a inclusão de alunos surdos? Se sim, qual e explique o por quê? *

Não mas o professor me apresentou um mundo novo a ser descoberto.

A15

☒ Sim, li e aceito participar voluntariamente dessa pesquisa.

☐ Não aceito participar dessa pesquisa.

1) Você atua ou já atuou como professor(a)? Se sim, quanto tempo? *

nao

2) Você concorda com a obrigatoriedade da disciplina de Libras para o seu curso? Por quê? *

sim. Um dos principais motivos para que eu aprenda libras é poder me comunicar de forma clara com não ouvintes e também vou estar ganhando mais um aprendizado na minha vida. Aprender coisas novas sempre é algo muito engrandecedor para todas as pessoas.

3) Você sentiu dificuldades na disciplina de Libras? Se sim, quais? *

não

4) Os conteúdos contemplaram as suas expectativas? *

não gostaria de aprender mais acho que o tempo que e dedicado a disciplina e muito pouco gostaria de mais aulas

5) Você se sente preparado para receber alunos surdos em sala de aula?

não. devido o fato de não treinar mais a língua

6) Você acha que a carga horária da disciplina foi suficiente? *

não

7) A sua visão sobre a pessoa surda mudou após a disciplina de Libras?

Explique. *

sim com certeza. descobri que o mundo dos não ouvintes e muito maior do que eu imaginava

8) O ensino acrescentou em sua formação? Por quê? *

claro que sim. porque ele quebrou uma barreira na minha vida

9) Você poderia citar algumas estratégias de ensino que favoreça a inclusão de alunos surdos?

Se sim, exemplifique. *

trabalhar com recursos visuais como data show, e softwares que são simuladores de experimentos que facilitam e dão uma maior compreensão de como um determinado fenômeno ocorre.

10) Dentre os conteúdos trabalhados pelo professor da disciplina, teria um específico que te auxiliou no atual contexto educacional para promover a inclusão de alunos surdos? Se sim, qual e explique o por quê? * sim

A16

☒ Sim, li e aceito participar voluntariamente dessa pesquisa.

☐ Não aceito participar dessa pesquisa.

1) Você atua ou já atuou como professor(a)? Se sim, quanto tempo? *

Não

2) Você concorda com a obrigatoriedade da disciplina de Libras para o seu curso? Por quê? *

Sim, pois é muito importante para a comunicação com nossos futuros alunos surdos.

3) Você sentiu dificuldades na disciplina de Libras? Se sim, quais? *

Não

4) Os conteúdos contemplaram as suas expectativas? *

Para Libras Nível 1 Sim, para se trabalhar com o surdo futuramente não.

5) Você se sente preparado para receber alunos surdos em sala de aula?

Sim. Mais por que procurei outros meios de aprender Libras. Se fosse só com a Libras da Faculdade eu não estaria preparada.

6) Você acha que a carga horária da disciplina foi suficiente? *

Não

7) A sua visão sobre a pessoa surda mudou após a disciplina de Libras? Explique. *

Sim, Agora entendo sua cultura, sua língua, etc.

8) O ensino acrescentou em sua formação? Por quê? *

Sim, pois me instigou a saber mais sobre e a procurar mais conhecimentos na área.

9) Você poderia citar algumas estratégias de ensino que favoreça a inclusão de alunos surdos?

Se sim, exemplifique. *

Não

10) Dentre os conteúdos trabalhados pelo professor da disciplina, teria um específico que te auxiliou no atual contexto educacional para promover a inclusão de alunos surdos? Se sim, qual e explique o por quê? *

Não, pois na disciplina de Libras I aprendemos apenas o básico, apenas alguns sinais.

A17

☒ Sim, li e aceito participar voluntariamente dessa pesquisa.

☐ Não aceito participar dessa pesquisa.

1) Você atua ou já atuou como professor(a)? Se sim, quanto tempo? *

não

2) Você concorda com a obrigatoriedade da disciplina de Libras para o seu curso? Por quê? *

sim. por que os surdos vivem conosco(em nosso meio) são seres humanos ,cidadãos ,trabalhadores como qualquer outro ser humano e para os ouvintes saber se libras para se comunicar com os mesmos é essencial e gratificante .

3) Você sentiu dificuldades na disciplina de Libras? Se sim, quais? *

não. a libras é uma disciplina bem tranquila , mas o único problema que eu vejo nessa disciplina são as poucas aulas que são ofertadas nos cursos de licenciatura , isso acaba dificultando o aprendizado do aluno

4) Os conteúdos contemplaram as suas expectativas?*

sim .

5) Você se sente preparado para receber alunos surdos em sala de aula?

mais ou menos , por que como eu havia dito são poucas as aulas , e então mesmo que o professor tente o tempo é muito curto, e ele acaba não conseguindo passar para o aluno toda a disciplina necessária para se comunicar cem por cento com os surdos .

6) Você acha que a carga horária da disciplina foi suficiente? *

não.

7) A sua visão sobre a pessoa surda mudou após a disciplina de Libras?

Explique. *

sim , totalmente , por que antes eu não sabia nem como era um oi em libras , e assim eu acabava por ficar com medo de me comunicar com alguém surdo e não saber lidar com tal situação , mas o professor nos mostrou que mesmo se saber cem por cento libras , a gente pode sim se comunicar sem medo com os surdos por que além do mais a "maioria" sabe fazer leitura labial .

8) O ensino acrescentou em sua formação? Por quê? *

Sim por que o saber é único, e estamos em um mundo muito desenvolvido cada dia mais , e nunca é pouco saber mais e mais.

9) Você poderia citar algumas estratégias de ensino que favoreça a inclusão de alunos surdos?

Se sim, exemplifique. *

nao.

10) Dentre os conteúdos trabalhados pelo professor da disciplina, teria um específico que te auxiliou no atual contexto educacional para promover a inclusão de alunos surdos? Se sim, qual e explique o por quê? *

trabalhar com os alunos em ambientes diferentes , fora da sala de aula , diversificar o ensino.

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES

Pesquisa “Ensino de física para Surdos: o papel da disciplina de Libras para a formação de professores”.

Prezado Professor,

Gostaríamos de convidá-lo a participar da pesquisa “Ensino de física para Surdos: o papel da disciplina de Libras para a formação de professores”, realizada na Universidade Federal de Goiás – Unidade Jataí.

Com o foco na formação acadêmica dos alunos de Licenciatura da Universidade Federal de Goiás – Unidade Jataí, pretende-se compreender o papel da disciplina de Libras e analisar como ela pode contribuir para a prática dos licenciados, efetivando em uma real inclusão de Surdos.

Os objetivos da pesquisa são:

- Compreender o papel da disciplina de Libras e analisar como ela pode contribuir para a prática dos licenciandos da Universidade Federal de Goiás – Unidade Jataí, para que seus alunos Surdos sejam incluídos;
- Analisar a disciplina de Libras nos cursos de Licenciatura da UFG – Jataí, explicitando sua ementa, plano de ensino e seu potencial formativo;
- Identificar e propor práticas pedagógicas inovadoras e adequadas ao trabalho com surdo;
- Propor um roteiro de aula, juntamente com acadêmicos, para apoio do professor da disciplina, visando à inclusão dos alunos Surdos, como produto educacional.

A sua participação é muito importante e ela se daria da seguinte forma:

Você responderá a um formulário composto por questões relacionadas à disciplina de Libras, as quais serão analisadas e relacionadas com o referencial teórico da área.

Gostaríamos de esclarecer que sua participação é totalmente voluntária, podendo você recusar-se a participar, sem que isso acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Informamos ainda que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade.

Os benefícios esperados são: contribuir com a melhor qualidade na formação dos professores para atuarem em contextos educacionais inclusivos.

Informamos que o senhor (a) não pagará nem será remunerado por sua participação. Caso você tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos, pode nos contactar (e-mail thabiokamilla@gmail.com).

***Obrigatório**

1) Marcar apenas uma oval*.

- ☐ Sim, li e aceito participar voluntariamente dessa pesquisa.
☐ Não aceito participar dessa pesquisa.

2) Tem especialização? Se sim, qual? *

3) Há quanto tempo atua com a disciplina de Libras no Ensino Superior? *

4) Já atuou com Libras nos demais níveis de ensino? Quais? Quais funções? *

5) Há quanto tempo comunica por meio da Libras? *

6) Quanto ao domínio da Língua de Sinais: * Marque todas que se aplicam.

- ☐ Fala bem
☐ Fala razoavelmente
☐ Fala muito pouco

7) Quanto ao domínio da Língua de Sinais: * Marque todas que se aplicam.

- ☐ Compreende bem
☐ Compreende razoavelmente
☐ Compreende muito pouco

8) Em sua formação, teve conteúdos referentes a educação de surdos? * Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
☐ Não

9) Qual o modelo mais adequado para educação de surdos: oralista; bilíngue; ou inclusivo? Explique. *

10) Já atuou como professor(a) de Libras em cursos de formação inicial e continuada?

Quanto tempo? Quando? *

11) Qual é o papel da disciplina de Libras nos cursos de formação docente? *

12) Quais conteúdos importantes para serem abordados em suas aulas? Por quê? *

13) Aborda conteúdos referentes ao processo educacional dos surdos? Se sim, como você aborda essa questão? *

14) Como é a interação entre você e os alunos? Eles interagem? *

16) Como você avalia o Decreto 5.626, que obriga a inclusão da disciplina de Libras nos cursos de formação de professores? *

17) Você considera a carga horária da disciplina suficiente? *

D1

- ☒ Sim, li e aceito participar voluntariamente dessa pesquisa.
- ☐ Não aceito participar dessa pesquisa.

1) Qual sua graduação? *

Pedagoga

2) Tem especialização? Se sim, qual? *

Sim, Ensino Especial com ênfase em Educação inclusiva.

3) Há quanto tempo atua com a disciplina de Libras no Ensino Superior?

*

Mais ou menos um ano e quatro meses

4) Já atuou com Libras nos demais níveis de ensino? Quais? Quais funções? *

Sim, Ensino Fundamental e Médio

5) A quanto tempo comunica por meio da Libras? *

Dez anos

6) Quanto ao domínio da Língua de Sinais: *

- ☐ Fala bem
- ☒ Fala razoavelmente
- ☐ Fala muito pouco

7) Quanto ao domínio da Língua de Sinais: *

- ☒ Compreende bem
- ☐ Compreenderazoavelmente
- ☐ Compreende muito pouco

8) Em sua formação, teve conteúdos referentes a educação de surdos? *

- ☐ Sim ☒ Não

9) Qual o modelo mais adequado para educação de surdos: oralista; bilíngue; ou inclusivo?

Explique. *

Educação Bilíngue

10) Já atuou como professor (a) de Libras em cursos de formação inicial e continuada?

Quanto tempo? Quando? *

Sim em 2010 e 2011

11) Qual é o papel da disciplina de Libras nos cursos de formação docente? *

Muito importante a Libras como disciplina nos cursos de formação docente, porque um professor bem instruído que conhece um pouco o que é a educação inclusiva, e que tem domínio da Libras para comunicar com seu aluno surdo, este ajudará o estudante no seu desenvolver e assim a aprendizagem acontecerá de verdade. Assim este professor tomara para si este aluno como sendo seu, tendo conhecimento do mesmo.

12) Quais conteúdos importantes para serem abordados em suas aulas? Por quê? *

- Técnicas e estratégias de compreensão e produção em Libras;
- Concepções e mitos sobre Línguas de Sinais;
- Lei de Libras nº10.436/2002 e Decreto nº 5.626/2005;
- Visão geral dos aspectos linguísticos em Libras;
- Tipos de frases em Libras: afirmativa, negativa, interrogativa, declarativa e a Libras mesmo na prática como dias da semana, verbos etc. Acho importante que os estudantes conheçam um pouco de teoria e prática.

13) Aborda conteúdos referentes ao processo educacional dos surdos? Se sim, como você aborda essa questão? *

Abordo esse tema através de leituras de textos discutido em sala pesquisas e resenhas, sobre o assunto.

14) Como é a interação entre você e os alunos? Eles interagem? *

Sim interação muito boa

15) Como é feita as avaliações? *

As avaliações são feitas através de trabalho sobre a educação dos surdos no Brasil, resenhas, e músicas interpretadas em Libras pelos alunos participação em sala.

16) Como você avalia o Decreto 5.626 que obriga a inclusão da disciplina de Libras nos cursos de formação de professores? *

Como sempre a Lei o decreto é muito bonito no papel uma das coisas que me chamou a atenção no decreto é que lá diz que a libras deve ser ministrada nos cursos superiores como disciplina obrigatória, e no entanto sabemos que ela é oferecida como optativa

17) Você considera a carga horária da disciplina suficiente? *

Não, porque Libras não se aprende com seis meses de curso ou com tantos cursos oferecidos na UFG com um pouquinho de alunos de cada curso. Seria bem mais significativo se cada professor focasse na libras direcionado para cada curso, isso seria sim Libras para Universidade.

D2

- ☒ Sim, li e aceito participar voluntariamente dessa pesquisa.
- ☐ Não aceito participar dessa pesquisa.

1) Qual sua graduação? *

Pedagogia

2) Tem especialização? Se sim, qual? *

Sim. Libras

3) Há quanto tempo atua com a disciplina de Libras no Ensino Superior?

2 anos

4) Já atuou com Libras nos demais níveis de ensino? Quais? Quais funções? *

Sim. Educação básica.

5) A quanto tempo comunica por meio da Libras? *

22 anos

6) Quanto ao domínio da Língua de Sinais: *

☒ Fala bem☐ Fala razoavelmente☐ Fala muito pouco

7) Quanto ao domínio da Língua de Sinais: *

☒ Compreende bem☐ Compreenderazoavelmente☐ Compreende muito pouco

8) Em sua formação, teve conteúdos referentes a educação de surdos? *

☒ Sim ☐ Não

9) Qual o modelo mais adequado para educação de surdos: oralista; bilíngue; ou inclusivo?
Explique. *

Bilíngue. Nesta forma de educação o surdo será alfabetizado em sua língua nata.

10) Já atuou como professor(a) de Libras em cursos de formação inicial e continuada?
Quanto tempo? Quando? *

Sim. 2 anos (particular)

11) Qual é o papel da disciplina de Libras nos cursos de formação docente? *

Contribuir para exercício da docencia viabilizando a educação bilíngue.

12) Quais conteúdos importantes para serem abordados em suas aulas? Por quê? *

Todos os conteúdos que são relacionados a área da disciplina de Libras. Porquê irão contribuir para o alcançar o objetivo desejado.

13) Aborda conteúdos referentes ao processo educacional dos surdos? Se sim, como você aborda essa questão? *

Sim. Através de aulas teóricas e pesquisas em conteúdos relacionados a surdez.

14) Como é a interação entre você e os alunos? Eles interagem?

Ótima.

15) Como é feita as avaliações?

Teórica e Prática.

16) Como você avalia o Decreto 5.626 que obriga a inclusão da disciplina de Libras nos cursos de formação de professores?

Ótimo na teoria.

17) Você considera a carga horaria da disciplina suficiente?

Não.

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES SURDOS

Pesquisa “Ensino de física para Surdos: o papel da disciplina de Libras para a formação de professores”.

Prezado Professor,

Gostaríamos de convidá-lo a participar da pesquisa “Ensino de física para Surdos: o papel da disciplina de Libras para a formação de professores”, realizada na Universidade Federal de Goiás – Unidade Jataí.

Com o foco na formação acadêmica dos alunos de Licenciatura da Universidade Federal de Goiás – Unidade Jataí, pretende-se compreender o papel da disciplina de Libras e analisar como ela pode contribuir para a prática dos licenciados, efetivando em uma real inclusão de Surdos.

Os objetivos da pesquisa são:

- Compreender o papel da disciplina de Libras e analisar como ela pode contribuir para a prática dos licenciandos da Universidade Federal de Goiás – Unidade Jataí, para que seus alunos Surdos sejam incluídos;
- Analisar a disciplina de Libras nos cursos de Licenciatura da UFG – Jataí, explicitando sua ementa, plano de ensino e seu potencial formativo;
- Identificar e propor práticas pedagógicas inovadoras e adequadas ao trabalho com surdo;
- Propor um roteiro de aula, juntamente com acadêmicos, para apoio do professor da disciplina, visando à inclusão dos alunos Surdos, como produto educacional.

A sua participação é muito importante e ela se daria da seguinte forma:

Você responderá a um formulário composto por questões relacionadas à disciplina de Libras, as quais serão analisadas e relacionadas com o referencial teórico da área.

Gostaríamos de esclarecer que sua participação é totalmente voluntária, podendo você recusar-se a participar, sem que isso acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Informamos ainda que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade.

Os benefícios esperados são: contribuir com a melhor qualidade na formação dos professores para atuarem em contextos educacionais inclusivos.

Informamos que o senhor (a) não pagará nem será remunerado por sua participação. Caso você tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos, pode nos contactar (e-mail thabiokamilla@gmail.com).

***Obrigatório**

1) Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Sim, li e aceito participar voluntariamente dessa pesquisa.
☐ Não aceito participar dessa pesquisa.

2) Tem especialização? Se sim, qual? *

3) Há quanto tempo atua com a disciplina de Libras no Ensino Superior? *

4) Já atuou com Libras nos demais níveis de ensino? Quais? Quais funções? *

5) Há quanto tempo comunica por meio da Libras? *

6) Quanto ao domínio da Língua de Sinais: * Marque todas que se aplicam.

- ☐ Fala bem
☐ Fala razoavelmente
☐ Fala muito pouco

7) Quanto ao domínio da Língua portuguesa: * Marque todas que se aplicam.

- ☐ Compreende bem
☐ Compreende razoavelmente
☐ Compreende muito pouco

8) Em sua formação, teve conteúdos referentes a educação de Surdos? * Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
☐ Não

9) Qual o modelo mais adequado para educação de Surdos: oralista; bilíngue; ou inclusivo? Explique. *

10) Já atuou como professor(a) de Libras em cursos de formação inicial e continuada? Quanto tempo? Quando? *

11) Qual é o papel da disciplina de Libras nos cursos de formação docente? *

12) Quais conteúdos importantes para serem abordados em suas aulas? Por quê? *

13) Aborda conteúdos referentes ao processo educacional dos Surdos? Se sim, como você aborda essa questão? *

14) Como é a interação entre você e os alunos? Eles interagem? *

- 16) Como você avalia o Decreto 5.626, que obriga a inclusão da disciplina de Libras nos cursos de formação de professores? *
- 17) Você considera a carga horária da disciplina suficiente? *
- 18) Desde quando é Surdo? Desde quando comunica por Língua de Sinais? *
- 19) Faz uso do tradutor interprete de libras em sala de aula? Se sim, em qual momento? *
- 20) De qual forma você trabalha os conteúdos teóricos? *
- 21) Quanto aos tradutores/intérpretes que te acompanham, possuem fluência em Libras? *

APÊNDICE D – PRÉ QUESTIONÁRIO APLICADO AOS CURSISTAS

Questionário 1

- 1) Você atua ou já atuou como professor(a)? Se sim, quanto tempo?

Não, ainda não.

- 2) Você concorda com a obrigatoriedade da disciplina de Libras para o seu curso? Por quê?

Sim, deveria ser obrigatório em todos os cursos e em todos os níveis, pois só assim teríamos a verdadeira inclusão do surdo na sociedade.

- 3) Você sentiu dificuldades na disciplina de Libras? Se sim, quais?

A única dificuldade é que temos que treinar muito p/ assimilarmos os sinais que são parecidos.

- 4) Os conteúdos contemplaram as suas expectativas?

Sim, já estou em Libras 2; pretendo continuar aprendendo.

- 5) Você se sente preparado para receber alunos surdos em sala de aula?

Não, pois meu conteúdo em Libras ainda é pouco.

- 6) Você acha que a carga horária da disciplina foi suficiente?

Não, preciso aprender mais.

- 7) A sua visão sobre a pessoa surda mudou após a disciplina de Libras? Explique.

Sim, percebi que o (su) preconceito sobre o surdo, e a dificuldade que ele tem em se comunicar.

- 8) O ensino acrescentou em sua formação? Por quê?

Sim, me aproximou mais do mundo surdo, percebi a necessidade da inclusão.

- 9) O professor da disciplina de Libras era surdo ou ouvinte? Comente o que acha de um professor surdo ministrando essa disciplina?

Meu professor de Libras é surdo, Gilmar, eu gosto pois me força mais a entender.

- 10) Você poderia citar algumas estratégias de ensino que favoreça a inclusão de alunos surdos? Se sim, exemplifique.

Não no momento.

- 11) Dentre os conteúdos trabalhados pelo professor da disciplina, teria um específico que te auxiliou no atual contexto educacional para promover a inclusão de alunos surdos? Se sim, qual e explique o por quê?

Não, o curso de Libras que eu faço está me ensinando apenas a (falar) fazer os sinais, apenas o idioma, não a forma de alfabetização.

Questionário 1

- 1) Você atua ou já atuou como professor(a)? Se sim, quanto tempo?

Sim. Por aproximadamente 10 anos.

- 2) Você concorda com a obrigatoriedade da disciplina de Libras para o seu curso? Por quê?

Sim. Pois como professora preciso estar capacitada para atuar com os deficientes auditivos.

- 3) Você sentiu dificuldades na disciplina de Libras? Se sim, quais?

Sim. Lembrar dos inúmeros sinais principalmente por não praticá-los.

- 4) Os conteúdos contemplaram as suas expectativas?

Não

- 5) Você se sente preparado para receber alunos surdos em sala de aula?

Não

- 6) Você acha que a carga horária da disciplina foi suficiente?

Não

- 7) A sua visão sobre a pessoa surda mudou após a disciplina de Libras? Explique.

Sim. Foi percebido durante a disciplina que as dificuldades enfrentadas pelo surdo está no desejo que o surdo aprenda e desenvolver-se como um ouvinte e que ele possui características próprias de aprendizagem e de comunicação.

- 8) O ensino acrescentou em sua formação? Por quê?

Sim. Com o ensino pude conhecer um pouco mais sobre os surdos e como comunicar com eles, ainda que de maneira muito superficial.

- 9) O professor da disciplina de Libras era surdo ou ouvinte? Comente o que acha de um professor surdo ministrando essa disciplina?

Ouvinte. Como não tive essa experiência não sei como responder, mas acredito que seria mais interessante.

- 10) Você poderia citar algumas estratégias de ensino que favoreça a inclusão de alunos surdos? Se sim, exemplifique.

Não.

- 11) Dentre os conteúdos trabalhados pelo professor da disciplina, teria um específico que te auxiliou no atual contexto educacional para promover a inclusão de alunos surdos? Se sim, qual e explique o por quê?

Não.

Questionário 1

- 1) Você atua ou já atuou como professor(a)? Se sim, quanto tempo?

Sim, 1 ano

- 2) Você concorda com a obrigatoriedade da disciplina de Libras para o seu curso? Por quê?

Sim, pois podemos nos deparar com algum aluno surdo em nossa sala de aula.

- 3) Você sentiu dificuldades na disciplina de Libras? Se sim, quais?

Sim, ~~pois~~ mais em relação com a forma das mãos.

- 4) Os conteúdos contemplaram as suas expectativas?

não, porque são bem rápidos os conteúdos.

- 5) Você se sente preparado para receber alunos surdos em sala de aula?

não, visto que, ainda não sei a libras completamente!

- 6) Você acha que a carga horária da disciplina foi suficiente?

não

- 7) A sua visão sobre a pessoa surda mudou após a disciplina de Libras? Explique.

Sim, pois muitas das vezes temos algum preconceito, mas devemos entender que todos nós temos uma deficiência.

- 8) O ensino acrescentou em sua formação? Por quê?

Sim, pois conheci de uma forma mais sucinta a disciplina de libras.

- 9) O professor da disciplina de Libras era surdo ou ouvinte? Comente o que acha de um professor surdo ministrando essa disciplina?

Ouvinte

- 10) Você poderia citar algumas estratégias de ensino que favoreça a inclusão de alunos surdos? Se sim, exemplifique.

Se tivesse como mudar o pensamento das pessoas no geral, porque de mesmo os educadores em muitos casos não aceitam o surdo em sala de aula.

- 11) Dentre os conteúdos trabalhados pelo professor da disciplina, teria um específico que te auxiliou no atual contexto educacional para promover a inclusão de alunos surdos? Se sim, qual e explique o por quê?

Sim, a prática da libras, porque embora pouco, dá pra se lembrar de algumas coisa mais simples.

Questionário 1

- 1) Você atua ou já atuou como professor(a)? Se sim, quanto tempo?

Não

- 2) Você concorda com a obrigatoriedade da disciplina de Libras para o seu curso? Por quê?

Sim, porque todos devem conhecer e dominar para induzir a inclusão dos alunos surdos em sala de aula. Tanto para a interação aluno-aluno e aluno-professor.

- 3) Você sentiu dificuldades na disciplina de Libras? Se sim, quais?

Sim, memorização dos sinais, quando não praticamos em nosso dia a dia esquecemos.

- 4) Os conteúdos contemplaram as suas expectativas?

Conteúdos básicos sim, os principais do "nosso dia a dia".

- 5) Você se sente preparado para receber alunos surdos em sala de aula?

Não, infelizmente não temos capacitações, temos noção de algumas práticas mas frente a diversidade não me sinto capaz.

- 6) Você acha que a carga horária da disciplina foi suficiente?

Para pensar como "suficiente" penso que seria essa língua "Libras" como conteúdo curricular obrigatório desde a educação infantil, um ou dois semestres seria sempre pouco.

- 7) A sua visão sobre a pessoa surda mudou após a disciplina de Libras? Explique.

Sim, são sinais, falas, conceitos diferentes, eles não estão isolados, nós que estamos por falta de conhecimento, a questão de ser surdo não diferencia dos demais.

- 8) O ensino acrescentou em sua formação? Por quê?

Sim, acrescentou muito, vejo a necessidade de aperfeiçoar para não reproduzir a prática de muitos em sala de aula inclusive na formação de professores, o que acontece na própria universidade.

- 9) O professor da disciplina de Libras era surdo ou ouvinte? Comente o que acha de um professor surdo ministrando essa disciplina?

Ouvinte, é difícil falar. Queríamos que compreender a língua independentemente por meio de imagens e gestos, talvez a experiência iria proporcionar uma maior interação e proximidade com a língua de sinais.

- 10) Você poderia citar algumas estratégias de ensino que favoreça a inclusão de alunos surdos? Se sim, exemplifique.

sim
 trabalhar imagens correspondente
 utilizar vídeos com intérprete
 material impresso

- 11) Dentre os conteúdos trabalhados pelo professor da disciplina, teria um específico que te auxiliou no atual contexto educacional para promover a inclusão de alunos surdos? Se sim, qual e explique o por quê?

O libras básico permite o conhecimento de conteúdos básicos como alfabeto, número, cores, animais, frutas e algumas palavras de cumprimento e verbos muito utilizados em nosso dia a dia, o curso é mais uma facilitação da linguagem.

Questionário 1

- 1) Você atua ou já atuou como professor(a)? Se sim, quanto tempo?

Ainda não.

- 2) Você concorda com a obrigatoriedade da disciplina de Libras para o seu curso? Por quê?

Sim. Acredito que, ao inserir a disciplina Libras, viabilizaria uma maior interação e socialização dos alunos ouvintes com os alunos surdos.

- 3) Você sentiu dificuldades na disciplina de Libras? Se sim, quais?

Inicialmente sim, por se tratar de uma outra língua, por se tratar de sinais e linguagem e gramática ainda desconhecida pra mim.

- 4) Os conteúdos contemplaram as suas expectativas?

Sim. Porém fazer a disciplina só em um semestre acho pouco.

- 5) Você se sente preparado para receber alunos surdos em sala de aula?

Agora sim.

- 6) Você acha que a carga horária da disciplina foi suficiente?

Não. Penso que poderia ser mais estendida. O universo de Libras é muito amplo para ficar limitado a uma disciplina (CH reduzida por ex.). Penso que Libras deveria permear todo o curso de licenciatura.

- 7) A sua visão sobre a pessoa surda mudou após a disciplina de Libras? Explique.

Sim. Hoje tenho um olhar mais atento, porque já consigo compreender + ou - o que o surdo fala, um olhar menos excludente, mais socializador. Que permita o surdo a ter "voz" e se expressar com mais liberdade.

- 8) O ensino acrescentou em sua formação? Por quê?

Sim, pois ampliou a possibilidade de trabalho. Hoje com Libras me sinto mais segura para receber um aluno surdo e não ficar tão dependente de uma intérprete, por exemplo.

- 9) O professor da disciplina de Libras era surdo ou ouvinte? Comente o que acha de um professor surdo ministrando essa disciplina?

O professor ouvinte. Quando um professor surdo ministra a disciplina é possível perceber que as expressões são mais evidentes. Por outro, a dificuldade aumenta, na medida em que tentamos compreender o que está dito aí. Mas o contato com surdo é fundamental, essencial.

- 10) Você poderia citar algumas estratégias de ensino que favoreça a inclusão de alunos surdos? Se sim, exemplifique.

Sim. As aulas devem ser, todas ilustradas, por meio de material concreto, para que o aluno surdo possa ver, tocar e registrar o que aprendeu. E que o professor juntamente com o intérprete traga todos os alunos (ouvintes ou não) a se envolverem nas atividades propostas.

- 11) Dentre os conteúdos trabalhados pelo professor da disciplina, teria um específico que te auxiliou no atual contexto educacional para promover a inclusão de alunos surdos? Se sim, qual e explique o por quê?

Penso que não há um conteúdo específico, mas do conjunto, o todo: alfabeto, gramática, sinais, as noções básicas do dia a dia, a lei e os decretos... penso que a soma desses conteúdos ou conceitos nos auxiliam no atual contexto educacional.

Questionário 1

- 1) Você atua ou já atuou como professor(a)? Se sim, quanto tempo?

No momento estou de professora de apoio. Já são uns 3 anos.

- 2) Você concorda com a obrigatoriedade da disciplina de Libras para o seu curso? Por quê?

Sim, porque é muito importante que a criança aprenda uma segunda língua na alfabetização.

- 3) Você sentiu dificuldades na disciplina de Libras? Se sim, quais?

Não senti muita dificuldade, pois tinha interesse em aprender a língua, a única é que não há muitos sinais para aprender.

- 4) Os conteúdos contemplaram as suas expectativas?

Sim, mas sempre procuro cada vez mais.

- 5) Você se sente preparado para receber alunos surdos em sala de aula?

Sim, depois da graduação já fiz vários outros cursos de Libras e atualmente estou fazendo Pós - em Tecnologia Assistiva, Comunicação Alternativa e Língua Brasileira de Sinais (Libras).

- 6) Você acha que a carga horária da disciplina foi suficiente? Sim ou não (Libras).

Não, por isso sempre procuro cursos para aprender cada vez mais.

- 7) A sua visão sobre a pessoa surda mudou após a disciplina de Libras? Explique.

Sim, porque eu achava que ele não tinha tanta dificuldade na sociedade, pois eu não tinha contato com nenhum, só tive na graduação.

- 8) O ensino acrescentou em sua formação? Por quê?

Sim, me fez abrir os olhos para as pessoas com alguma deficiência, e quanto a vida feita de obstáculos e cabe a nós contribuir para ajudá-los a vencê-los.

- 9) O professor da disciplina de Libras era surdo ou ouvinte? Comente o que acha de um professor surdo ministrando essa disciplina?

O professor era ouvinte. Seria legal também, pois ele ia demonstrar sua realidade, o que ele vive.

- 10) Você poderia citar algumas estratégias de ensino que favoreça a inclusão de alunos surdos? Se sim, exemplifique.

Sim. Trabalhar com figuras, passeios, ir ao mercado, mostrando e fazendo o sinal de tudo.

- 11) Dentre os conteúdos trabalhados pelo professor da disciplina, teria um específico que te auxiliou no atual contexto educacional para promover a inclusão de alunos surdos? Se sim, qual e explique o por quê?

Não foi o caso, foi uma disciplina de núcleo livre, foi muito rápido, mas foi o bastante pra que o professor volte com mais atenção se houver um aluno surdo na sala de aula.

APÊNDICE E – PÓS QUESTIONÁRIO APLICADO AOS CURSISTAS

Questionário 1

- 1) Você atua ou já atuou como professor(a)? Se sim, quanto tempo?

Não sou aluno de licenciatura.

- 2) Qual a sua visão sobre a obrigatoriedade da disciplina de Libras para o seu curso de Graduação?

Acho que deve ser obrigatória e ter umas aulas bilingues.

- 3) Você sentiu dificuldades nas orientações repassadas neste curso Uma nova abordagem do processo ensino aprendizagem para Surdos? Se sim, quais?

Não, o curso foi bem conduzido e com bom material didático. Além disso a presença de alunos ouvintes contribuiu muito para auto avaliação dos próprios conhecimentos.

- 4) Os conteúdos contemplaram as suas expectativas?

Sim. A eficiência e a presença de outros professores, bem como a obtenção dos dados propostos atenderam minhas expectativas.

- 5) Atualmente, você se sente preparado para receber alunos surdos em sala de aula?

Não ainda não me sinto preparado, pois sou aluno de licenciatura e ainda não fiz todas as disciplinas de estágio. Mas após o curso posso afirmar que sei por onde começar quando for ministrar aulas para alunos surdos.

- 6) Você acha que a carga horária do curso foi suficiente?

Não, pois que o tema é muito vasto, mas para um módulo inicial e por um primeiro contato considero que ultrapassou minhas expectativas.

- 7) A sua visão sobre a pessoa surda mudou após as orientações recebidas no curso? Explique.

Não falo que mudou, ela recebeu mais informações, uma vez que já havia feito aulas de Libras e outras coisas ali entretanto, de outros cursos já haviam trabalhado esses aspectos da pessoa surda.

- 8) O ensino acrescentou em sua formação? Por quê?

Sim, como futuro professor tenho que proporcionar uma educação inclusiva e pensar em pesquisar e produzir um material pedagógico que vá ajudando tanto o aluno surdo quanto o ouvinte a aprender.

- 9) Atualmente, você poderia citar algumas estratégias de ensino que favoreça a inclusão de alunos surdos? Se sim, exemplifique.

Adotar que a Libras é a primeira língua de um aluno surdo e que tanto nos conteúdos quanto no material didático utilizado deve levar isso em consideração.

- 10) Dentre os conteúdos trabalhados pelo professor do curso, teria um específico que te auxiliou no atual contexto educacional para promover a inclusão de alunos surdos? Se sim, qual e explique o por quê?

Curso de informática visual, que o aluno necessita do intérprete uma vez que o professor é responsável por seu aprendizado e deve levar isso em consideração.

Questionário 1

- 1) Você atua ou já atuou como professor(a)? Se sim, quanto tempo?

Sim

- 2) Qual a sua visão sobre a obrigatoriedade da disciplina de Libras para o seu curso de Graduação?

Necessário

- 3) Você sentiu dificuldades nas orientações repassadas neste curso Uma nova abordagem do processo ensino aprendizagem para Surdos? Se sim, quais?

Não

- 4) Os conteúdos contemplaram as suas expectativas?

Sim, mas gostaria de outras sugestões de atividades.

- 5) Atualmente, você se sente preparado para receber alunos surdos em sala de aula?

Um pouco

- 6) Você acha que a carga horária do curso foi suficiente?

Acho que poderia se estender por mais tempo

- 7) A sua visão sobre a pessoa surda mudou após as orientações recebidas no curso? Explique.

Mudou a compreensão da maneira como eles aprendem.

- 8) O ensino acrescentou em sua formação? Por quê?

9) Sim. Ajudou a pensar metodologias de ensino que atendem aos ouvintes e aos surdos.

10) Atualmente, você poderia citar algumas estratégias de ensino que favoreça a inclusão de alunos surdos? Se sim, exemplifique.

Sim. Explicações acompanhadas de imagens

10) Dentre os conteúdos trabalhados pelo professor do curso, teria um específico que te auxiliou no atual contexto educacional para promover a inclusão de alunos surdos? Se sim, qual e explique o por quê?

Que o surdo em sua escrita representa o seu pensamento e que a exploração visual na explicação dos conceitos ajuda na ~~exploração~~ aprendizagem.

Questionário 1

- 1) Você atua ou já atuou como professor(a)? Se sim, quanto tempo?

Sim, a um ano.

- 2) Qual a sua visão sobre a obrigatoriedade da disciplina de Libras para o seu curso de Graduação?

De suma importância, visto que, vivemos em uma sociedade bastante preconceituosa.

- 3) Você sentiu dificuldades nas orientações repassadas neste curso Uma nova abordagem do processo ensino aprendizagem para Surdos? Se sim, quais?

não.

- 4) Os conteúdos contemplaram as suas expectativas?

Sim.

- 5) Atualmente, você se sente preparado para receber alunos surdos em sala de aula?

não.

- 6) Você acha que a carga horária do curso foi suficiente?

não.

- 7) A sua visão sobre a pessoa surda mudou após as orientações recebidas no curso? Explique.

Sim, pois a mudança deve acontecer primeiramente na nossa cabeça.

- 8) O ensino acrescentou em sua formação? Por quê?

Sim, porque cada um tem uma visão das coisas, e assim aprendemos bem mais com a diversidade de pensamentos.

- 9) Atualmente, você poderia citar algumas estratégias de ensino que favoreça a inclusão de alunos surdos? Se sim, exemplifique.

Conteúdos com mais imagens e com a escrita associada às imagens.

- 10) Dentre os conteúdos trabalhados pelo professor do curso, teria um específico que te auxiliou no atual contexto educacional para promover a inclusão de alunos surdos? Se sim, qual e explique o por quê?

Sim, de podermos compreender mais uns aos outros e de se por no lugar do outro.

Questionário 1

- 1) Você atua ou já atuou como professor(a)? Se sim, quanto tempo?

Não

- 2) Qual a sua visão sobre a obrigatoriedade da disciplina de Libras para o seu curso de Graduação?

Concordo com a obrigatoriedade, mas acredito ser apenas um passo, quando a mesma não é frequentemente utilizada acaba no esquecimento, deveria ser usada como 2ª língua.

- 3) Você sentiu dificuldades nas orientações repassadas neste curso Uma nova abordagem do processo ensino aprendizagem para Surdos? Se sim, quais?

Não

- 4) Os conteúdos contemplaram as suas expectativas?

Pelo tema proposto pensei que o curso seria voltado totalmente para a prática pedagógica com propostas diferenciadas.

- 5) Atualmente, você se sente preparado para receber alunos surdos em sala de aula?

Não, acredito que a preparação começa quando você domina libras e possibilita uma interação entre o aluno, professor e conteúdo.

- 6) Você acha que a carga horária do curso foi suficiente?

Acredito que sim, penso que seria interessante outros cursos voltados para essa área principalmente voltado ao público adquirente para facilitar interação e reduzir a exclusão.

- 7) A sua visão sobre a pessoa surda mudou após as orientações recebidas no curso? Explique.

No processo de alfabetização ocorre o processo de ensino relacionando a imagem ao nome e a interpretação com o sinal, observei que a dificuldade do surdo é grande, quanto a interação e participação com o surdo vejo que o essencial é a linguagem para entender e interagir.

- 8) O ensino acrescentou em sua formação? Por quê?

{ O bom ensino contribui, parte da interação e participação com os alunos surdos, quando ao ensino aprendizagem acredito que precisamos conhecer mais.

- 9) Atualmente, você poderia citar algumas estratégias de ensino que favoreça a inclusão de alunos surdos? Se sim, exemplifique.

{ Um ensino voltado a imagens, associar palavras ao objeto, e sinal propócio; dependeria do grau de dificuldade deste aluno do vocabulário de como foi afetizado para suprir as necessidades do mesmo.

- 10) Dentre os conteúdos trabalhados pelo professor do curso, teria um específico que te auxiliou no atual contexto educacional para promover a inclusão de alunos surdos? Se sim, qual e explique o por quê?

{ Sim, ao mostrar que os alunos surdos não conhecem as palavras isoladas ou o seu significado, nos faz pensar para além da imagem mas o contexto em que o aluno está inserido como meio de partida para o processo de ensino-aprendizagem.

Questionário 1

- 1) Você atua ou já atuou como professor(a)? Se sim, quanto tempo?

Já fazem 10 anos que venho atuando como professora.

- 2) Qual a sua visão sobre a obrigatoriedade da disciplina de Libras para o seu curso de Graduação?

Extremamente importante e imprescindível, uma vez que estamos sendo preparados para formar outras pessoas, levando conhecimentos.

- 3) Você sentiu dificuldades nas orientações repassadas neste curso "Uma nova abordagem do processo ensino aprendizagem para Surdos"? Se sim, quais?

Não. Foi bastante informativo e dinâmico. Além da participação de surdos, o que possibilitou uma maior interação.

- 4) Os conteúdos contemplaram as suas expectativas?

Sim!

- 5) Atualmente, você se sente preparado para receber alunos surdos em sala de aula?

Sim!

- 6) Você acha que a carga horária do curso foi suficiente?

Penso que ela (CH) poderia ser estendida.

- 7) A sua visão sobre a pessoa surda mudou após as orientações recebidas no curso? Explique.

Sim. Hoje tenho noções de conceitos básicos do dia a dia em libras. Isso possibilita uma maior interação com meu aluno surdo. Além de ter aflorado em mim, uma sensibilidade ainda maior, que não tinha antes.

- 8) O ensino acrescentou em sua formação? Por quê?

Sim, pois ampliou o campo de trabalho, de contato e socialização com o surdo.

- 9) Atualmente, você poderia citar algumas estratégias de ensino que favoreça a inclusão de alunos surdos? Se sim, exemplifique.

Sim, usar nas metodologias de ensino mais imagem, sinal e palavra. Já que o surdo é espaço-visual, o uso de imagens tornaria o ensino muito mais significativo, tanto os alunos ouvintes quanto, para os alunos surdos.

- 10) Dentre os conteúdos trabalhados pelo professor do curso, teria um específico que te auxiliou no atual contexto educacional para promover a inclusão de alunos surdos? Se sim, qual e explique o por quê?

Dentre os vários conteúdos abordados (legislação, o contexto histórico, papel do professor - intérprete - aluno surdo), acredito que a parte prática (em que os cursistas ministraram aulas adaptadas para alunos surdos) foi o momento extremamente significativo e produtivo do curso. Particularmente, gostei muito, haja vista a participação, envolvimento e interação entre professor / intérprete / alunos ouvintes e surdos. A parte prática foi o diferencial do curso.

Questionário 1

- 1) Você atua ou já atuou como professor(a)? Se sim, quanto tempo?

Sim. 03/05/2011 ~ 15/11/2013

- 2) Qual a sua visão sobre a obrigatoriedade da disciplina de Libras para o seu curso de Graduação?

É de suma importância. A necessidade da formação em libras deixa a desejar na profissão diante uma vez que cada vez mais a comunidade de surdos é crescente.

- 3) Você sentiu dificuldades nas orientações repassadas neste curso Uma nova abordagem do processo ensino aprendizagem para Surdos? Se sim, quais?

Não tive nenhuma ~~facilidade~~ ^{dificuldade}.

- 4) Os conteúdos contemplaram as suas expectativas?

Sim.

- 5) Atualmente, você se sente preparado para receber alunos surdos em sala de aula?

A partir do curso sim. A faculdade não prepara o docente para receber o aluno surdo, com isso penso na necessidade de cursos nessa temática.

- 6) Você acha que a carga horária do curso foi suficiente?

Sim. Diante do que foi proposto.

- 7) A sua visão sobre a pessoa surda mudou após as orientações recebidas no curso? Explique.

Sim. O surdo é uma pessoa apta, igual como qualquer uma outra. A forma de ensinar este, que precisa ser ensinada como meio de inclui-lo, cada vez mais.

- 8) O ensino acrescentou em sua formação? Por quê? Sim.

Porque toda metodologia requer mudanças para melhor entendimento da pessoa surda.

1) A escuta para o surdo foi o que me chamou atenção e as diferenças no meio, requer do professor maior percepção para ensinar.

- 9) Atualmente, você poderia citar algumas estratégias de ensino que favoreça a inclusão de alunos surdos? Se sim, exemplifique.

É preciso o "visual" para o aluno, isso é o maior aprendizado do professor, p/ melhor o aluno.

- 10) Dentre os conteúdos trabalhados pelo professor do curso, teria um específico que te auxiliou no atual contexto educacional para promover a inclusão de alunos surdos? Se sim, qual e explique o por quê?

A identificar o surdo.
ex: qual a identidade do aluno que estou recebendo.

C 7

Questionário 1

- 1) Você atua ou já atuou como professor(a)? Se sim, quanto tempo?

Estou como professora de apoio, há uns 3 anos

- 2) Qual a sua visão sobre a obrigatoriedade da disciplina de Libras para o seu curso de Graduação?

Eu concordo com a obrigatoriedade, pois o profissional deve ter ao menos o básico de LIBRAS.

- 3) Você sentiu dificuldades nas orientações repassadas neste curso Uma nova abordagem do processo ensino aprendizagem para Surdos? Se sim, quais?

Não, achei tudo válido, pelo contrário, abriu minha visão e percebi o quanto o surdo tem dificuldade para entender.

- 4) Os conteúdos contemplaram as suas expectativas?

Sim, já tinha visto algumas coisas e repassei outras.

- 5) Atualmente, você se sente preparado para receber alunos surdos em sala de aula?

Sim, pois concordo que deve ser ensinado a segunda língua na alfabetização.

- 6) Você acha que a carga horária do curso foi suficiente?

Sim, mas achei que teria mais práticas, tipo: conversação com os surdos.

- 7) A sua visão sobre a pessoa surda mudou após as orientações recebidas no curso? Explique.

Sim, eu achava que o surdo aprendia rápido, e agora vejo que não é tão simples assim, ele sempre precisa de algo mais para compreender.

- 8) O ensino acrescentou em sua formação? Por quê?

Sim, porque tudo que aprendemos é crescimento, aprendendo, e precisamos estar atualizados sempre. (ficar)

- 9) Atualmente, você poderia citar algumas estratégias de ensino que favoreça a inclusão de alunos surdos? Se sim, exemplifique.

{ Alfabeto manual, figura dos animais com os sinais em LIBRAS, sinalizar toda a escola em LIBRAS...

- 10) Dentre os conteúdos trabalhados pelo professor do curso, teria um específico que te auxiliou no atual contexto educacional para promover a inclusão de alunos surdos? Se sim, qual e explique o por quê?

{ Sim, trabalhar com mais imagens é extremamente importante para o surdo e para o ouvinte.

Questionário 1

- 1) Você atua ou já atuou como professor(a)? Se sim, quanto tempo?

sim atualmente, quatro meses

- 2) Qual a sua visão sobre a obrigatoriedade da disciplina de Libras para o seu curso de Graduação?

É de suma importância, pois a qual-
quer momento podemos nos deparar com
um surdo no dia a dia

- 3) Você sentiu dificuldades nas orientações repassadas neste curso Uma nova abordagem do processo ensino aprendizagem para Surdos? Se sim, quais?

Não nas orientações, mas na interpreta-
ção das aulas, mas por ser muito rápido
mesmo (no caso o intérprete) mas uma
excelente profissional. No aprendizado p/surdos
nosso falta de expectativa.

- 4) Os conteúdos contemplaram as suas expectativas?

sim, aprendi muito quanto a conduta do
professor e do intérprete em sala de aula

- 5) Atualmente, você se sente preparado para receber alunos surdos em sala de aula?

Preparado não seria a palavra correta,
mas com mais segurança sim.

- 6) Você acha que a carga horária do curso foi suficiente?

Poderia ser maior

- 7) A sua visão sobre a pessoa surda mudou após as orientações recebidas no curso? Explique.

Sim, cada dia aprendo mais do
mundo do surdo.

- 8) O ensino acrescentou em sua formação? Por quê?

Sim, sempre é válido o aprendizado.

- 9) Atualmente, você poderia citar algumas estratégias de ensino que favoreça a inclusão de alunos surdos? Se sim, exemplifique.

9 { O que nos foi passado, a imagem é fundamental para o surdo, não só para ele como para o ouvinte também.

- 10) Dentre os conteúdos trabalhados pelo professor do curso, teria um específico que te auxiliou no atual contexto educacional para promover a inclusão de alunos surdos? Se sim, qual e explique o por quê?

10 { Sim, a atividade em que teríamos que simular uma aula para os ouvintes e que esta aula seria apta ao aprendizado para um aluno surdo também.

Questionário 1

- 1) Você atua ou já atuou como professor(a)? Se sim, quanto tempo?

Não, ainda não.

- 2) Qual a sua visão sobre a obrigatoriedade da disciplina de Libras para o seu curso de Graduação?

(Se) Quanto mais pessoas tiverem o domínio de Libras, maior será a inclusão.

- 3) Você sentiu dificuldades nas orientações repassadas neste curso? Uma nova abordagem do processo ensino aprendizagem para Surdos? Se sim, quais?

Não, as orientações foram claras.

- 4) Os conteúdos contemplaram as suas expectativas?

(Não, aqueceram) Os conteúdos atenderam o que foi proposto para o curso.

- 5) Atualmente, você se sente preparado para receber alunos surdos em sala de aula?

Não, preciso melhorar mais, a experiência foi muito válida e prazerosa, mas sempre há o que aprender.

- 6) Você acha que a carga horária do curso foi suficiente?

Foi muito válido, mas poderia ser maior,

- 7) A sua visão sobre a pessoa surda mudou após as orientações recebidas no curso? Explique.

Sobre a pessoa surda não, pois já estava estudando sobre essa deficiência, mas como transmitir a aula, mudou bastante.

- 8) O ensino acrescentou em sua formação? Por quê?

Sim, estou me formando para ser professora.

- 9) Atualmente, você poderia citar algumas estratégias de ensino que favoreça a inclusão de alunos surdos? Se sim, exemplifique.

Não no momento

- 10) Dentre os conteúdos trabalhados pelo professor do curso, teria um específico que te auxiliou no atual contexto educacional para promover a inclusão de alunos surdos? Se sim, qual e explique o por quê?

Power Point

APÊNDICE F – AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Neste ato, Eu, Wladimir Siqueira Silva, nacionalidade Brasileiro, estado civil casado, portador da Cédula de identidade RG nº. 3634023, inscrito no CPF sob nº 908.318.291-63, residente à Av/Rua 05 Rd. 09 Lt. 08 Conj. Balaia, complemento _____, município de Jatui/Goiás, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, os pesquisadores **Thábio de Almeida Silva e Rodrigo França Carvalho** do projeto de pesquisa intitulado **“ENSINO DE FÍSICA PARA SURDOS: o papel da disciplina de Libras para a formação de professores”** a realizar as filmagens, fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas imagens e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, e nada terei a reclamar a título de direitos conexos a minha imagem e voz ou qualquer outro.

Jatui, 04 de novembro de 2016.

Wladimir Siqueira Silva

Nome e assinatura do sujeito da pesquisa

[Assinatura]

Dr. Rodrigo França Carvalho – Pesquisador Orientador

[Assinatura]

Thábio de Almeida Silva – Pesquisador

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Neste ato, Eu, Shellen Landra S. de A. Cardoso, nacionalidade brasileira, estado civil casada, portador da Cédula de identidade RG nº 2.190098, inscrito no CPF sob nº _____, residente à Av/Rua Inácio José de Melo n.º 569, complemento _____, município de Jatá/Goiás, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, os pesquisadores **Thábio de Almeida Silva e Rodrigo França Carvalho** do projeto de pesquisa intitulado **"ENSINO DE FÍSICA PARA SURDOS: o papel da disciplina de Libras para a formação de professores"** a realizar as filmagens, fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas imagens e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, e nada terei a reclamar a título de direitos conexos a minha imagem e voz ou qualquer outro.

Jatá, 04 de novembro de 2016.

Shellen Landra Silva de Azevedo Cardoso

Nome e assinatura do sujeito da pesquisa

[Assinatura]

Dr. Rodrigo França Carvalho – Pesquisador Orientador

[Assinatura]

Thábio de Almeida Silva – Pesquisador

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Neste ato, Eu, Fabiana Moura de Lima dos Anjos, nacionalidade brasileira, estado civil Casada, portador da Cédula de identidade RG nº _____, inscrito no CPF sob nº 807.414.521-20, residente à Av/Rua Rio Doce, 670, Palmeiras complemento Area município de Jataí /Goiás, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, os pesquisadores **Thábio de Almeida Silva e Rodrigo França Carvalho** do projeto de pesquisa intitulado **“ENSINO DE FÍSICA PARA SURDOS: o papel da disciplina de Libras para a formação de professores”** a realizar as filmagens, fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas imagens e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, e nada terei a reclamar a título de direitos conexos a minha imagem e voz ou qualquer outro.

Jataí, 04 de Novembro de 2016.

Fabiana Moura de Lima dos Anjos.
Nome e assinatura do sujeito da pesquisa



Dr. Rodrigo França Carvalho – Pesquisador Orientador



Thábio de Almeida Silva - Pesquisador

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Neste ato, Eu, Cidriane Marques Costa França, nacionalidade brasileira, estado civil casada, portador da Cédula de identidade RG nº _____, inscrito no CPF sob nº 007.205.915-03, residente à Av/Rua facutinguinha, complemento casa, município de jataí/Goiás, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, os pesquisadores **Thábio de Almeida Silva e Rodrigo França Carvalho** do projeto de pesquisa intitulado **“ENSINO DE FÍSICA PARA SURDOS: o papel da disciplina de Libras para a formação de professores”** a realizar as filmagens, fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas imagens e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, e nada terei a reclamar a título de direitos conexos a minha imagem e voz ou qualquer outro.

Jataí, 04 de novembro de 2016.

Cidriane Marques Costa França
Nome e assinatura do sujeito da pesquisa


Dr. Rodrigo França Carvalho – Pesquisador Orientador


Thábio de Almeida Silva – Pesquisador

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Neste ato, Eu, Helena Regina Vieira Assis, nacionalidade brasileira, estado civil casada, portador da Cédula de identidade RG nº. 4466970, inscrito no CPF sob nº 90340491183, residente à Av/Rua Sebastião Uelma 220 complemento 51ª Brezinka município de Jatá /Goiás, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, os pesquisadores **Thábio de Almeida Silva e Rodrigo França Carvalho** do projeto de pesquisa intitulado **"ENSINO DE FÍSICA PARA SURDOS: o papel da disciplina de Libras para a formação de professores"** a realizar as filmagens, fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas imagens e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, e nada terei a reclamar a título de direitos conexos a minha imagem e voz ou qualquer outro.

Jatá, 04 de novembro de 2016.

Helena Regina Vieira Assis
Nome e assinatura do sujeito da pesquisa

[Assinatura]
Dr. Rodrigo França Carvalho – Pesquisador Orientador

[Assinatura]
Thábio de Almeida Silva – Pesquisador

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Neste ato, Eu, Maria da Glória F. Xavier, nacionalidade Brasileira, estado civil Casada, portador da Cédula de identidade RG nº. 7.269.343, inscrito no CPF sob nº 850.006.396-34, residente à Av/Rua 55 Qd 06 Lote 1 Collunyo Fcp, complemento -, município de Jatá-GO /Goiás, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, os pesquisadores **Thábio de Almeida Silva e Rodrigo França Carvalho** do projeto de pesquisa intitulado **"ENSINO DE FÍSICA PARA SURDOS: o papel da disciplina de Libras para a formação de professores"** a realizar as filmagens, fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas imagens e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, e nada terei a reclamar a título de direitos conexos a minha imagem e voz ou qualquer outro.

Jatá, 04 de Novembro de 2016.

Maria da Glória Freitas Xavier
Nome e assinatura do sujeito da pesquisa


Dr. Rodrigo França Carvalho – Pesquisador Orientador


Thábio de Almeida Silva - Pesquisador

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Neste ato, Eu, Claudinéia Leitosa, nacionalidade brasileira, estado civil casada, portador da Cédula de identidade RG nº. 6163916, inscrito no CPF sob nº 003.243.541.00, residente à Av/Rua Paranaíba, 76, complemento St. Aeroporto município de Jatá/Goiás, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, os pesquisadores **Thábio de Almeida Silva e Rodrigo França Carvalho** do projeto de pesquisa intitulado **"ENSINO DE FÍSICA PARA SURDOS: o papel da disciplina de Libras para a formação de professores"** a realizar as filmagens, fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas imagens e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, e nada terei a reclamar a título de direitos conexos a minha imagem e voz ou qualquer outro.

Jatá, 04 de novembro de 2016.

Claudinéia Leitosa

Nome e assinatura do sujeito da pesquisa

[Assinatura]

Dr. Rodrigo França Carvalho – Pesquisador Orientador

[Assinatura]

Thábio de Almeida Silva - Pesquisador

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Neste ato, Eu, Sabrina de Jesus Silva Martins, nacionalidade brasileira, estado civil casada, portador da Cédula de identidade RG nº 42361382 Via, inscrito no CPF sob nº 985.672.321-00, residente à Av/Rua Central nº 236 V. Última complemento Casa 2, município de Jatá/Goiás, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, os pesquisadores **Thábio de Almeida Silva e Rodrigo França Carvalho** do projeto de pesquisa intitulado **"ENSINO DE FÍSICA PARA SURDOS: o papel da disciplina de Libras para a formação de professores"** a realizar as filmagens, fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas imagens e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, e nada terei a reclamar a título de direitos conexos a minha imagem e voz ou qualquer outro.

Jatá, 04 de novembro de 2016.

Sabrina de Jesus Silva Martins
Nome e assinatura do sujeito da pesquisa

[Assinatura]
Dr. Rodrigo França Carvalho – Pesquisador Orientador

[Assinatura]
Thábio de Almeida Silva – Pesquisador

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

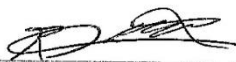
Neste ato, Eu, marília Andrade S. Manso, nacionalidade brasileira, estado civil casada, portador da Cédula de identidade RG nº. 5610696, inscrito no CPF sob nº 042.374.501.80, residente à Av/Rua Nicolas Zaidem nº 334, complemento _____, município de Jataí/Goiás, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, os pesquisadores **Thábio de Almeida Silva e Rodrigo França Carvalho** do projeto de pesquisa intitulado **"ENSINO DE FÍSICA PARA SURDOS: o papel da disciplina de Libras para a formação de professores"** a realizar as filmagens, fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas imagens e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, e nada terei a reclamar a título de direitos conexos a minha imagem e voz ou qualquer outro.

Jataí, 04 de novembro de 2016.

marília Andrade Silva Manso

Nome e assinatura do sujeito da pesquisa



Dr. Rodrigo França Carvalho – Pesquisador Orientador



Thábio de Almeida Silva - Pesquisador

APÊNDICE G – VERSÃO FINAL DO PRODUTO DESENVOLVIDO

O trabalho de conclusão no mestrado profissional é de natureza distinta daquele realizado no mestrado acadêmico. O mestrando deve desenvolver um processo ou produto educativo e utilizá-lo em condições reais de sala de aula ou de espaços não formais ou informais de ensino, em formato artesanal ou em protótipo. Esse produto pode ser, por exemplo, uma sequência didática, um aplicativo computacional, um jogo, um vídeo, um conjunto de vídeo-aulas, um equipamento, uma exposição etc.

Nós realizamos, portanto, dois produtos: o primeiro consiste na oferta do curso intitulado Orientações pedagógicas de uma nova abordagem do processo ensino-aprendizagem para Surdos. A partir das análises feitas pelas observações em sala de aula da disciplina de Libras nos cursos de graduação da UFG – Regional Jataí, e pela análise dos questionários aplicados aos licenciandos e docentes de Libras, verificamos a necessidade dessa complementação pedagógica contribuindo para formação desses licenciandos e, conseqüentemente, para inclusão de alunos Surdos. Porém, devido aos licenciandos estarem alocados em turmas mescladas com licenciandos de várias áreas, além de outras graduações (bacharéis), houve a necessidade de oferecer um outro momento para que fosse apresentada as especificidades dos Surdos e a forma como eles internalizam o conhecimento etc.

Assim, foi oferecido um curso com duração de 20h, cujo início foi no dia 24 de outubro de 2016 e o término no dia 04 de novembro do corrente ano, com encontros presenciais de 8h às 11h, às segundas-feiras, quartas-feiras e sextas-feiras, sendo que, devido ao feriado nacional de 02 de novembro numa quarta-feira, a aula foi ministrada no dia seguinte quinta-feira, 03.

A divulgação se deu por meio de envio de *e-mail* pelas coordenações de cursos de licenciaturas da UFG-Jataí, como também divulgação nas salas de aula. O curso teve 19 inscritos, porém somente 11 participaram. No decorrer do curso, não houve desistência. Nos dois últimos encontros, contamos com a presença de seis Surdos da comunidade jataiense, para as aulas práticas.

A Figura 6 traz o cartaz ao qual foi fixado em vários pontos estratégicos, além dos murais referentes a cada curso de licenciatura, como outra forma de divulgação do curso.

Figura 6 – Material de divulgação do curso



Orientações pedagógicas de uma nova abordagem do processo ensino-aprendizagem para Surdos

VAGAS LIMITADAS

O público alvo são alunos dos cursos de licenciatura que já concluíram Libras I

Período: 24 de outubro à 04 de novembro
Carga horária: 20h
Segundas, quartas e quintas - feiras das 08h - 11h
Local: IFG - Riachuelo
Inscrições: <https://goo.gl/forms/BwwvgAefk9MtvNtu2>

Informações: thabiokamilla@gmail.com



O professor precisa desenvolver conhecimentos sobre a prática pedagógica mais adequada para promoção do educando surdo. Assim, este curso tem como objetivo orientar os licenciandos sobre as especificidades culturais e pedagógicas destes sujeitos.

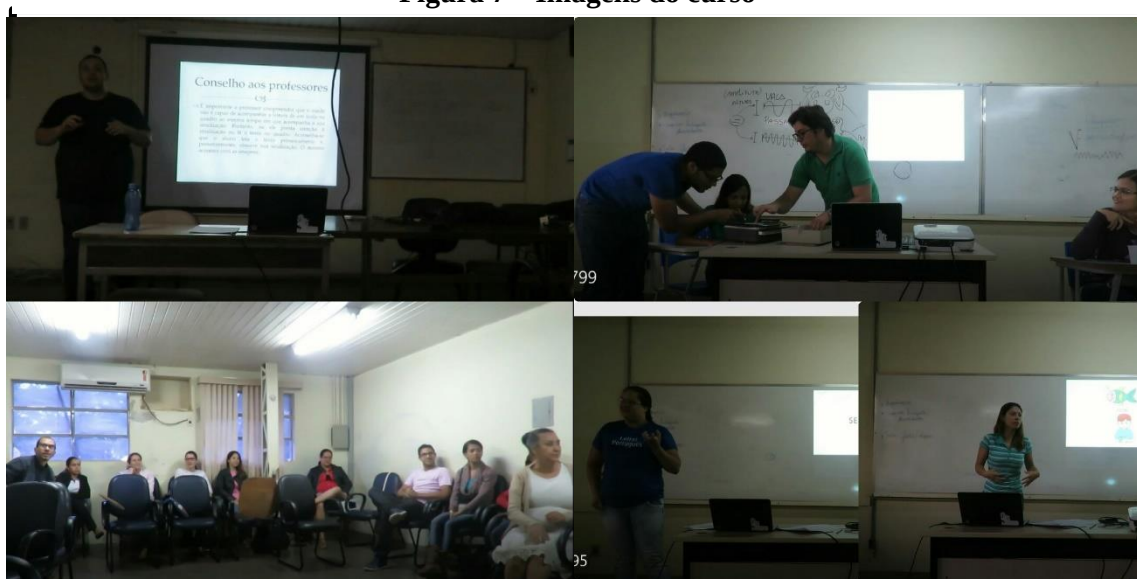
Professor ministrante:
 Thábio de Almeida Silva
 Licenciatura em Libras - UFSC
 Mestrando em Educação para Ciências e Matemática - IFG

Fonte: Elaborado pelo autor.

A oferta desse curso serviu para sanar nossas dúvidas iniciais de pesquisa, que eram compreender o papel da disciplina de Libras e analisar como ela pode contribuir para a prática dos licenciandos da Universidade Federal de Goiás – Regional Jataí, para que seus alunos Surdos sejam incluídos. O que nos levou a compreender que, na disciplina de Libras para formação de professores, devem ser considerados conteúdos que contribuam para educação de Surdos pautados em uma metodologia visual. E também que alguns conteúdos são essenciais nas ementas dessas disciplinas, como: Conhecendo os Surdos; Contexto histórico da educação dos Surdos; Aspectos linguísticos e culturais; Legislação; Intérprete de Libras; Processo de ensino aprendizagem, relação professor-intérprete-aluno surdo; Metodologia para educação de Surdos; Adaptação de materiais pedagógicos; além de aulas práticas para surdos.

A figura 7 traz imagens do curso.

Figura 7 – Imagens do curso



Fonte: Elaborado pelo autor.

Assim, nós já teríamos um produto em obediência às normas estabelecidas no Programa de Mestrado Profissional do Instituto Federal de Educação de Goiás – Câmpus Jataí, pois, com o curso e o repasse das informações aos cursistas, com objetivo de compreender o papel da disciplina de Libras e, por fim, contribuir com o processo de ensino-aprendizado dos licenciandos e Surdos, realizamos um produto educacional. Lembramos que foram repassadas informações a onze cursistas e, por meio da análise dos questionários pós- curso, verificamos que o resultado obteve êxito.

Porém, queríamos mais, almejávamos alcançar o maior número de licenciandos possível e, concomitante ao primeiro produto, todas as aulas foram gravadas em vídeo que, juntamente com as atividades desenvolvidas pelos licenciandos, foram disponibilizadas em uma página Web e, assim, servirão de suporte para os futuros licenciandos, licenciados e também professores da disciplina de Libras nos cursos de formação docente.

Dessa forma, outro produto educacional consolidou-se e está elencado como mídia educacional, por se tratar de uma página de internet. O Site apresenta, na página inicial, uma chamada ao usuário para as necessidades metodológicas dos alunos Surdos. Há também orientações aos licenciandos sobre essas especificidades culturais e pedagógicas destes sujeitos, além de uma breve explicação do que pode ser encontrado no site, como pode ser observado na Figura 8.

Figura 8 – Página inicial do site



Fonte: Elaborado pelo autor.

Logo acima da página, encontra-se a barra de *menu*, que encaminhará o usuário a conhecer mais sobre nossa proposta, lá explicamos os motivos pelos quais nos interessamos por essa pesquisa e, conseqüentemente, pela disponibilização do material para o público. Ainda explanamos ao leitor a diferença entre Surdos e ouvintes. A figura 9 demonstra esse *link*.

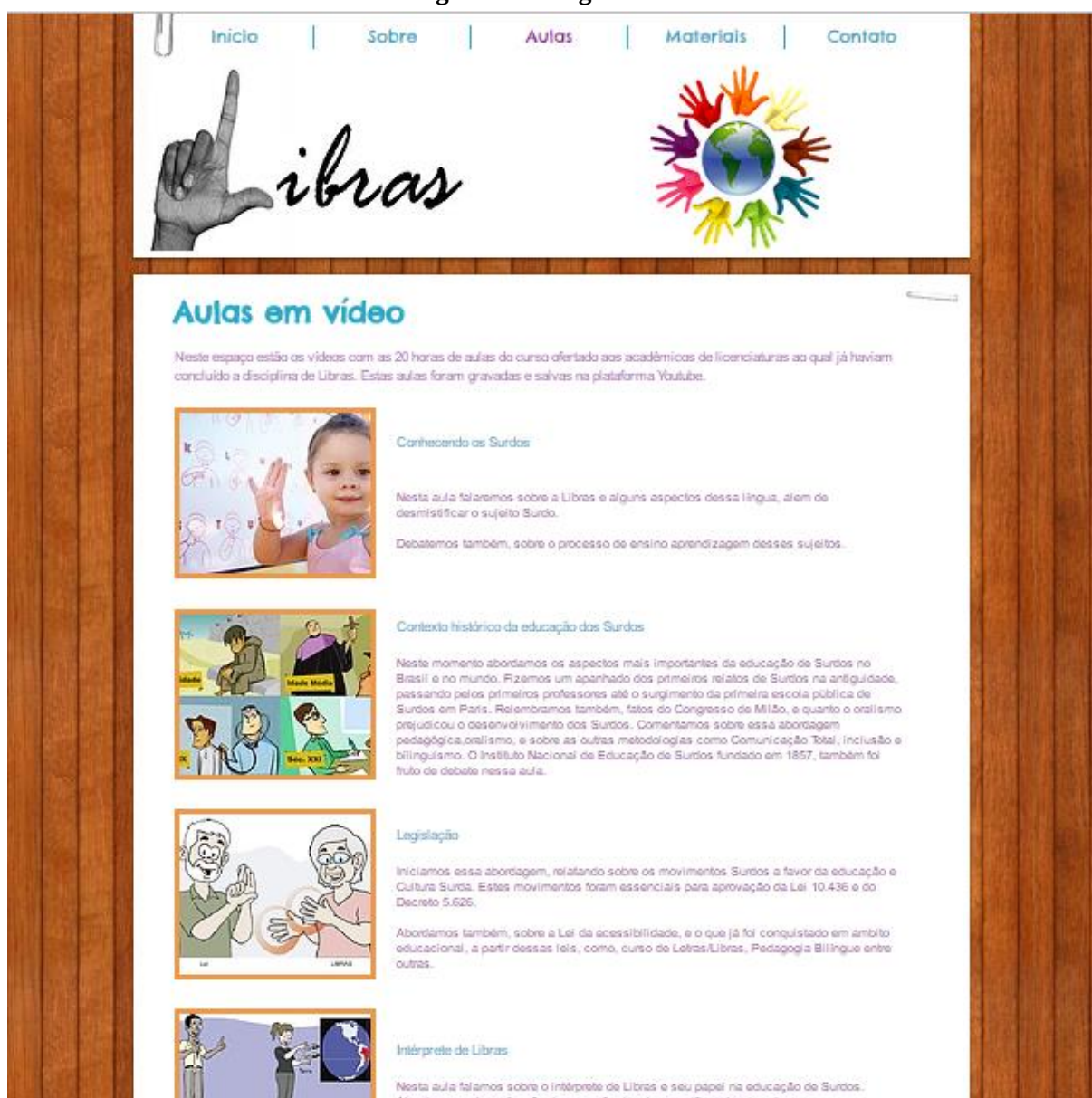
Figura 9 –Página Proposta



Fonte: Elaborado pelo autor.

Seguindo o *menu*, há um *link* que direciona o usuário para as aulas gravadas no curso. Nesse *link*, podem ser encontradas as aulas divididas por temas, conforme a figura 10, facilitando a pesquisa do licenciando e licenciado, bem como servirá de material para o docente da disciplina de Libras nos cursos de formação de professor, usarem em suas aulas.

Figura 10 – Página Aulas



Fonte: Elaborado pelo autor.

No próximo *link* da barra de *menu*, está o material utilizado nas aulas, como *power point*, dividido por temas. Estão também as atividades desenvolvidas pelos cursistas, além de sugestões de atividades para Surdos e *links* para sites, *blogs* que disponibilizam material adequado. Vale ressaltar que nesse espaço também há *links* para outros *sites*, páginas de redes sociais, artigos acadêmicos, que discutem a respeito da educação e inclusão de Surdos. Podemos observar essas informações na figura 11:

Figura 11 – Página Materiais



Fonte: elaborado pelo autor.

E, por último, encontra-se o *link* que dá acesso ao espaço de contato, onde é disponibilizado *e-mail*, *currículo Lattes* do autor e espaço para envio de dúvidas e sugestões. Esperamos que esse espaço possa contribuir para a efetivação de uma inclusão de Surdos de qualidade, para que esses sujeitos não sejam mais prejudicados pela falta de conhecimento e de preparo dos seus professores. Da mesma forma que tivemos dúvidas de como trabalhar com os licenciandos de Física do IFG, esperamos que este material também possa contribuir com nossos colegas professores da disciplina de Libras nos cursos de formação docente, não só no âmbito da UFG-Regional Jataí, mas também em outras instituições de ensino.